

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE**

MARIELA NORMA MURUGA

REDE CULTURAL NO ESPAÇO CIDADÃO:

interações e conexões para a democratização do acesso à arte e cultura no
Distrito Federal

Brasília
2014



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE**

MARIELA NORMA MURUGA

REDE CULTURAL NO ESPAÇO CIDADÃO:

interações e conexões para a democratização do acesso à arte e cultura no
Distrito Federal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, para obtenção do título de mestre em Arte na linha de pesquisa: Arte e Tecnologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Daniela Fávaro Garrossini.

Brasília
Agosto, 2014

MARIELA NORMA MURUGA

Rede Cultural no espaço cidadão:

interações e conexões para a democratização do acesso à arte e cultura no
Distrito Federal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília,
para obtenção do título de mestre em Arte na linha de pesquisa: Arte e Tecnologia.

Aprovada em 12 de agosto de 2014

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Fávaro Garrossini - UnB
Orientadora

Prof. Dr. Christus Menezes da Nóbrega - UnB
Avaliador

Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Kalume Maranhão - UCB
Avaliador

Prof. Dr. Rogerio José Camara - UnB
Suplente

Ao Dário, por me escutar e ajudar-me incondicionalmente ensinando-me a valorizar as diferenças e transformando-me em uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

À professora, Daniela Favaro Garrossini, orientadora cujo exemplo acadêmico, segurança e incansável dedicação foram um privilégio que recebi ao longo de toda realização desta pesquisa.

Aos meus pais, Germán e Elva e meus irmãos Melina, Marcelo e Mara que a distância, souberam estar perto dia a dia, sem notar os mais de 6 mil km que nos separam.

Ao meu marido pelo amor, a paciência e pela sua capacidade de me trazer paz.

A minhas eternas e incondicionáveis amigas Andrea e Tamara, que como sempre reagiram rápido a qualquer pedido afetivo, espiritual e inclusive técnico que precisei no desenvolvimento de minha pesquisa.

A Silvana e Florencia, pela paciência e escuta ao longo destes meses, por me aconselhar e dar-me forças com carinho.

À Solange, por suas palavras que foram de grandíssima companhia no momento certo deste caminho.

À Maria por me auxiliar sem vacilar quando a precisei.

Aos colegas do Núcleo de Multimídia e Internet, Marina, Ana Carolina, Gilmar e Cristiane, pessoas imprescindíveis em momentos chaves do desenvolvimento deste trabalho.

A CAPES, que através do programa de incentivo às pesquisas de Pós-Graduação, apoiou financeiramente toda a realização desta dissertação

Ao povo brasileiro, que me acolheu de braços abertos despertando em mim o desejo de ser uma brasileira.

RESUMO

Nas últimas três décadas, começou-se a elaborar diretrizes para a criação de políticas públicas incentivando o desenvolvimento cultural dos países. A partir da compreensão das expressões artísticas e culturais como fatores modificadores do tecido social e econômico de uma cidade, pretende-se analisar as possibilidades de configuração de uma rede dentro do espaço urbano, que vise a colaborar, difundir e, sobretudo, gerar ações para que o cidadão tenha maior acesso e participação nas áreas da arte e da cultura do Distrito Federal. Para isso, apresentou-se o contexto socioeconômico e tecnológico da cidade que permite dar sustento e possibilidades de desenvolvimento para a Rede e, como universo de análise, foram escolhidos os Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva. Desta forma, por meio da Análise de Redes, foi criado um cenário possível de interação que ganhou ainda mais força quando conseguimos comprovar que o Distrito Federal conta com os recursos socioeconômicos necessários para que este modelo de rede proposto se concretize, identificando também nos Pontos de Cultura potenciais indicadores culturais do Distrito Federal. Finalmente, comprovou-se que o DF conta com uma estrutura tecnológica que permite adotar e se apropriar das Tecnologias da Informação e da Comunicação para intensificar a rede dos Pontos de Cultura e seu vínculo com a cidade.

Palavras-Chaves: Redes Sociais, Democracia Cultural, Pontos de Cultura, Tecnologias da Informação e da Comunicação

ABSTRACT

In the last three decades, guidelines for the creation of public policies encouraging the cultural development of countries were delineated. Understanding that artistic and cultural expressions are modifying factors for the social and economic fabric of a city, this study intends to analyze the possibilities of setting up a network within the urban space, aimed at collaborating, diffusing and, mainly, generating actions for citizens to have greater access and participation in the artistic and cultural areas of the Federal District. With that purpose, socioeconomic and technological context was presented in order to give sustenance and development opportunities for the Network, and the Culture Points of the Program *Cultura Viva* were analyzed, as chosen universe. Thus, by means of Network Analysis, a possible scenario of interaction was conceived, gaining even more strength when proved that the Federal District has the socioeconomic resources needed to develop the proposed network model, identifying also potential cultural indicators at the Culture Points of the Federal District. Finally, it was proven that DF has a technological structure that allows the adoption and appropriation of the Information and Communications Technologies to enhance the network of Culture Points and their connection with the city.

Keywords: Social Networks, Cultural Democracy, Culture Points, Information and Communications Technologies

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fluxograma dos temas inerentes ao desenvolvimento da rede cultural.....	18
Figura 2. Renda domiciliar média mensal em salários mínimos segundo as regiões administrativas- distrito federal 2011.....	54
Figura 3. Densidade do SCM (serviço de comunicação multimídia) por unidade de federação (acessos por 100 domicílios).....	60
Figura 4. Percentual sobre o total de domicílios com acesso à internet.....	61
Figura 5. Consumo de artefatos culturais nas capitais.....	66
Figura 6. Localização dos grupos, associações culturais, pontos de cultura e fonte de contato. Grupos mapeados entre 2008 e 2009.....	73
Figura 7. Área de atuação dos Pontos.....	84
Figura 8. Parcerias dentro da comunidade.....	85
Figura 9. Parcerias com outros Pontos.....	86
Figura 10. Concentração dos pontos por Região Administrativa.....	87
Figura 11. Localização de todos os Pontos de Cultura do DF.....	89
Figura 12. Localização dos Pontos de Cultura do eixo sustentabilidade/ meio ambiente.....	92
Figura 13. Localização dos Pontos de Cultura do eixo memória/ identidade.....	93
Figura 14. Localização dos Pontos de Cultura do eixo audiovisual/ comunicação.....	94
Figura 15. Localização dos Pontos de Cultura do eixo teatro/ circo/ boneco.....	95
Figura 16. Localização dos Pontos de Cultura do eixo música/edição.....	96
Figura 17. Localização dos Pontos de Cultura do eixo cultura popular.....	97
Figura 18. Localização dos Pontos de Cultura do eixo dança.....	98
Figura 19. Localização dos Pontos de Cultura do eixo artes visuais.....	99
Figura 20. Localização dos Pontos de Cultura do eixo leitura/ escrita.....	100
Figura 21. Matriz de relacionamento realizada no ucinet 6 v.6.512.....	103
Figura 22. Rede possível dos Pontões e Pontos de Cultura do df.....	104
Figura 23. Resultado da suma de todas as relações existentes.....	105
Figura 24. Grau de centralidades dos Pontos de Cultura.....	106
Figura 25. Rede que mantém o Ponto Tribo das Artes.....	107
Figura 26. Rede que mantém o Ponto Espaço Cultural 100 Dimensão.....	108
Figura 27. Grau de centralização da rede dos Pontos de Cultura do DF.....	108
Figura 28. Grau de intermediação dos Pontos de Cultura.....	109
Figura 29. Grau de proximidade dos Pontos de Cultura.....	111
Figura 30. Infográfico sobre a análise, resultado e proposta para a rede dos pontos de cultura do distrito federal.....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Níveis de cidades digitais considerados pelo índice brasil de cidades digitais	45
Quadro 2. Oferta cultural do distrito federal	68
Quadro 3. Variáveis consideradas para os pontos de cultura do DF	90
Quadro 4. Tipo de indicadores para analisar uma rede	101
Quadro 5. Exemplos de esquematização de variáveis comuns entre Pontos.....	102
Quadro 6. Síntese do processo realizado	114
Quadro 7. Modelo possível para a consolidação dos pontos como rede	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Taxa de frequência líquida a estabelecimento de ensino, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas	51
Tabela 2. Nível de escolaridade por UF e Regiões Administrativas	52
Tabela 3. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes- Brasília-Df.....	55
Tabela 4. Domicílios ocupados por tipo de serviço de comunicação utilizado.....	58
Tabela 5. Quantidade de Municípios com oferta de Banda Larga	59
Tabela 6. Frequência de Práticas Culturais por Região.....	65
Tabela 7. Perfil Brasiliense sobre práticas culturais.....	67

LISTA DE SIGLAS

ARS	Análise de Redes Sociais
BACs	Bases de Apoio à Cultura
CEAC	Cadastro de Entes e Agentes Culturais
CETIC.br	Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Comunicação e da Informação
CGI	Comitê Gestor da Internet no Brasil
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
DF	Distrito Federal
e-Gov	Governo eletrônico
GDF	Governo do Distrito Federal
GT	Grupo de Trabalho
IBCD	Índice Brasil de Cidades Digitais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MinC	Ministério de Cultura
OMC	Open Method of Coordination
CPqD	Centro de Pesquisa e Desenvolvimento
PDAD	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNBL	Programa Nacional de Banda Larga
PNC	Plano Nacional de Cultura
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RAs	Regiões Administrativas
SCDC	Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural
SCM	Serviço de comunicação Multimídia
SEC	Secretaria da Economia Criativa
SEPLAN	Secretaria de Estado de Planejamento e Orçamento do DF
SMP	Serviço Móvel Pessoal

SNIC	Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais
TICs	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UnB	Universidade de Brasília
Unesco	A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Capítulo 1. Introdução	13
1.1. Objetivo	15
1.2. Objetivos específicos	16
1.3. Metodologia	16
Capítulo 2. Arte e cultura no desenvolvimento do cidadão	22
2.1. O conceito de cultura dentro do contexto da pesquisa	22
2.2. Relação da arte, a cultura e a sociedade	24
2.3. Economia Criativa	27
2.4. A participação do cidadão nos setores criativos	28
Capítulo 3. A cidade digital como espaço para potencializar a cultura e a participação	32
3.1. A cultura a partir da inserção das TICs	32
3.2. Identificando o território da cidade contemporânea	33
3.3. Cidadania em rede	36
3.4. A Cidade Digital	42
3.5. As Cidades Digitais do Brasil	44
Capítulo 4. Contexto socioeconômico e infraestrutura tecnológica como bases para o desenvolvimento de uma rede cultural do DF	48
4.1. Análise do contexto socioeconômico do DF	49
4.2. Análise dos recursos tecnológicos	56
4.3. Indicadores Culturais do DF a partir de fontes estatais	63
4.4. Delineando os traços do mapeamento cultural do Distrito Federal	68
Capítulo 5. A rede dos Pontos de Cultura	75
5.1. A concepção dos Pontos de Cultura	77
5.2. A relação dos Pontos com o Governo	79
5.3. Os Pontos de Cultura no Distrito Federal	82
5.4. Identificação dos Pontos de Cultura	88
5.5. Análise estatística das relações dos Pontos de Cultura	101
5.6. Possibilidades de uma nova articulação	114
Conclusão	120
Referências Bibliográficas	124
Anexo A – Documentação fornecida pela Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural MinC/SCDC	130
Anexo B – Informação levantada pela ONG Artéria, Cultura e Cidadania	145
Anexo C – Elaboração da matriz relacional para os Pontos de Cultura	149

Capítulo 1. Introdução

Considera-se importante, antes de mais nada, apresentar desde que perspectiva está sendo abordada esta pesquisa focada principalmente nas características sociais e culturais do Distrito Federal e suas implicações no desenvolvimento da arte e cultura dentro do seu espaço. A percepção inicial surge da visão de uma estrangeira provinda do país vizinho, Argentina, que viu-se imersa em uma cidade com padrões de estruturas diferentes às já conhecidas.

Foi a partir do primeiro contato com a cidade que começaram a surgir as questões: onde está presente o Brasil dentro de Brasília e suas cidades satélites? como se faz para conhecer a sua riqueza cultural além do circuito turístico concentrado apenas em alguns símbolos baseados principalmente na criação da cidade? A resposta sem dúvida ia demorar em chegar, só vivendo, andando, procurando e principalmente tecendo uma rede de relações foi possível enxergar uma cidade diferente dos primeiros dias, tão rica artística e culturalmente quanto às cidades da Argentina bem conhecidas pela autora como Rosário, Córdoba e Buenos Aires.

O tema principal desta pesquisa surgiu como uma necessidade de querer conhecer e dar a conhecer outras caras do Distrito Federal conformada por atores da sociedade que trabalham em prol do desenvolvimento artístico e cultural da cidade, que ainda parece estar em um plano menos visível, mas que sem dúvida é parte importante para identidade dos cidadãos.

Ao longo da pesquisa, nos apropriamos dos termos arte e cultura compreendendo o grande e por vezes difuso território que eles abrangem. O recorte que faremos aqui, entretanto, inclui especialmente tudo aquilo que envolve as práticas artísticas, populares e de criatividade que nascem na sociedade, contemplando os artistas, artesãos, gestores culturais, pesquisadores. Focou-se na perspectiva de enxergar o que muitas vezes parece não se encaixar dentro da classificação da arte, mas que não por isso deixa de ser componente importante do capital cultural do cidadão e, mais ainda, sabendo que ao incluí-lo como parte do processo, estamos possibilitando a entrada a novas linguagens que empoderam o papel do homem em sua prática pela cidadania fortalecendo sua identidade e reconhecendo-se na diversidade como parte da sociedade.

Nas últimas décadas, uma série de documentos gerados a partir de congressos e seminários de porte nacional e internacional começaram a elaborar diretrizes para a criação de

políticas públicas incentivando o desenvolvimento cultural dos países. A crescente valorização desse setor por parte das agendas governamentais é uma consequência da interseção de certos fatores, que identificam a sociedade de hoje, como por exemplo as transformações tecnológicas e organizativas que, segundo Castells (2001), geram uma “outra economia” centrada no conhecimento e na informação como bases de produção. Por isso não é possível separar as possibilidades de crescimento das expressões artísticas e culturais do visível avanço das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs); levando em conta também a educação e a bagagem de experiências que este avanço traz.

As TICs têm propiciado a transformação do papel do cidadão possibilitando ser, além de consumidor também produtor. Essa mudança proporcionou independência ao indivíduo na hora de escolher a informação e abriu as portas para novas possibilidades de interação e participação que se refletiram em diversas áreas, como a educação, cultura, governo, etc.

José Luis Brea (2006) descreve as razões pelas quais ele considera importante investir nas áreas que dão valor e identidade à cidade, destacando que o encontro entre a Arte e as TICs potencializa a esfera pública por meio do desenvolvimento de novas ferramentas que favorecem o diálogo sobre interesses comuns dentro de uma cidade.

Para que isso aconteça é necessário que a cidade conte com recursos tecnológicos como por exemplo: qualidade de serviços, estrutura tecnológica e políticas que moderem o desenvolvimento de um uso apropriado, isso seria a dimensão técnica da constituição de uma cidade, por outro lado temos também a dimensão subjetiva que envolve a relação do cidadão com os artefatos simbólicos culturais da cidade que também precisam de políticas e diretrizes que incentivem seu desenvolvimento.

Quando falamos da união de conceitos como cidade e tecnologia de algum modo estamos nos referindo à perspectiva de conceber a cidade como um todo, tanto física quanto digital e compreender assim que coisas a partir dessa união se modificam no que diz respeito às possibilidades do cidadão. Dentro desse contexto, pretende-se identificar que espaços a sociedade civil ocupa, apropriando-se destas ferramentas como forma de expandir seu território cultural. A digitalização da cidade hoje faz ênfase especificamente em categorias como administração pública, a educação e a saúde, mas também deveria contemplar outras áreas relacionadas à criatividade, à comunicação e à identidade de uma cidade.

A Lei 12.343 sancionada no dia 3 de dezembro de 2010 que institui o Plano Nacional de Cultura (PNC) e a criação do Sistema Nacional de Cultura provê diretrizes e metas a serem cumpridas pelos Estados, Municípios e Distrito Federal dentro de lineamentos baseados no desenvolvimento da cultura urbana, tendo como eixo três dimensões: a simbólica, a cidadã e a

econômica que tomam outra perspectiva quando potencializadas pelas TICs. Dentro do PNC uma das estratégias consideradas para a consolidação da economia da cultura faz referência à promoção da “apropriação social das Tecnologias da Informação e da Comunicação para ampliar o acesso à cultura digital e suas possibilidades de produção, difusão e fruição”¹. Considera-se importante destacar que não seria apenas para ampliar o acesso à cultura digital; a inserção das TICs amplia o acesso e as práticas gerais do cidadão que não se limitam à área digital, mas tem também repercussões na vida real.

Desta maneira, tendo como base as metas do Plano Nacional de Cultura, as propostas da Agenda 21 e outras diretrizes que envolvem o desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao incentivo e inclusão das expressões artísticas e culturais como fator modificador do tecido social e econômico de uma cidade, pretende-se analisar de que forma a integração entre diferentes atores poderia possibilitar maior acesso artístico-cultural para o cidadão. Para isso foi escolhido um universo real, selecionando a ação Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva instituído pelo Ministério de Cultura (MinC) como forma de identificar e comprovar se os Pontos se comportam e interagem em rede, apropriando-se das TICs e ampliando a possibilidade dos cidadãos terem um maior acesso à arte e cultura.

A análise também envolverá o estudo dos fatores que determinam a possibilidade de progredir, ou não, da rede. Esses fatores são: i) Infraestrutura tecnológica da cidade, ii) recursos tecnológicos dos cidadãos, iii) políticas que sustentem tanto o acesso à tecnologia como também o acesso aos bens culturais e por último iv) análise do contexto social onde a rede se insere.

1.1. Objetivo

Analisar as possibilidades de configuração de uma rede cultural dentro do espaço urbano, que vise colaborar, difundir e, sobretudo gerar ações para que o cidadão tenha maior acesso e participação nas áreas da arte e a cultura no Distrito Federal, abrindo assim também a oportunidade de fazê-lo participe na conformação de políticas públicas culturais.

¹ Plano Nacional de Cultura. Anexo / Capítulo IV- Do desenvolvimento sustentável, ampliar a participação da cultura no desenvolvimento socioeconômico, promover as condições necessárias para a consolidação da economia da cultura, induzir estratégias de sustentabilidade nos processos culturais.

1.2. Objetivos específicos

- Conhecer e analisar a dinâmica cultural do Distrito Federal a partir da atuação dos Pontos de Cultura.
- Analisar as configurações tecnológicas e socioeconômicas do DF com vistas a possibilitar um espaço de troca e comunicação de forma horizontal.
- Propor um cenário possível de interação entre entidades culturais que amplie sua abrangência no DF.
- Identificar, por meio dos Pontos de Cultura, possíveis indicadores sobre o perfil cultural do cidadão do DF.

1.3. Metodologia

A presente pesquisa será abordada a partir de uma metodologia principalmente qualitativa devido à natureza dos temas que envolve, que são em primeiro lugar de caráter social, compreendendo que o estudo é possível considerando a análise do contexto que influencia na relação entre os atores envolvidos. O objetivo da pesquisa só será alcançado na medida em que se compreenda a importância de cada fator influente, que pode ser de origem política, econômica, tecnológica e social.

Compreende-se que a análise sobre as possibilidades do cidadão no que concerne à democratização cultural nos leva a uma abordagem interdisciplinar que obriga incluir diferentes focos para uma compreensão mais ampla do assunto. Por isso um dos eixos centrais da investigação decorre na compreensão do ecossistema do cidadão, o marco físico onde ele está inserido e também o marco simbólico (cultural) que conforma a conscientização dele como integrante de uma sociedade. Dessa forma em primeiro lugar, a modo geral de introdução, far-se-á o recorte do conceito de cultura em sua relação com a arte como um conjunto de sistemas simbólicos necessários para o desenvolvimento do homem e se detalhará o porquê da crescente valorização dessas áreas dentro das agendas públicas nos últimos anos, enfatizando a ampliação do papel do cidadão no acesso a esses setores, que se viu potencializado a partir da inserção das TICs.

Ao falar do acesso do cidadão aos bens artísticos e culturais, e por outro lado de sua reconfiguração a partir das TICs, desprende-se em consequência recorrer a análises que estudem as estruturas organizacionais e relacionais, e as novas possibilidades do cidadão no

que se refere ao exercício da cidadania de uma forma democrática. Essas estruturas, às vezes espontâneas, às vezes intencionais, vão tomando forma dentro de uma cidade que agora se dinamiza em diferentes dimensões tanto físicas como virtuais, porém com implicações concretas que se refletem na vida real. Para isso será necessário abordar o conceito de redes sociais que nos ajudará a uma compreensão global sobre como se relacionam os temas que estamos desenvolvendo, mas principalmente como se relacionam os atores envolvidos na pesquisa.

A perspectiva a partir da qual será abordado o conceito envolve a compreensão das estruturas reticulares como estruturas sociais resultantes de um processo evolutivo do homem em sua relação com outros homens dentro de uma sociedade, ou seja, a troca e interação entre diferentes atores influenciados pelo contexto. Existem diferentes pontos dos quais poderia ser estudada a epistemologia do conceito de rede, alguns autores como Di Felice (2012) começam a compreensão do conceito a partir da biologia, identificando no conceito de ecossistema um tipo de organização que poderia ser levado em conta para uma melhor compreensão sobre a organização reticular. No início, segundo Scherer-Warren (2007), a análise das redes sociais era baseada em procedimentos que buscavam na estrutura social leis gerais partindo da física, matemática e das ciências naturais. Segundo a autora, essa tendência ainda predomina na abordagem conhecida como *social network analysis*. “Quando a análise de redes sociais passou a ser utilizada para a pesquisa de ações coletivas e de movimentos sociais, as abordagens ideográficas (estudos etnográficos e históricos) passaram a ser relevantes” (SCHERER-WARREN, 2007, p. 32).

Principalmente pela natureza da investigação e conhecendo as variadas perspectivas que envolvem o estudo de redes, viu-se necessário centrar em conceitos que ajudassem concretamente a compreensão das dimensões subjetivas das redes sociais como também as dimensões técnicas, ou seja, a arquitetura da conformação da rede que será desenvolvida posteriormente por meio de uma análise estrutural na etapa de aplicação da pesquisa. Como delimitação das relações e dos atores a serem avaliados, foram selecionados os Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva, não com o intuito de analisar o Programa mas como escolha de um grupo de atores reais, com ações e localização concreta, que nos permitirá apresentar um cenário possível, e assim identificar também possíveis benefícios que o cidadão do DF teria a partir do empoderamento desses Pontos.

Antes do desenvolvimento detalhado da metodologia, percebeu-se necessário realizar um mapa mental de todas as implicações envolvidas no eixo principal para ter uma visão global do que anteriormente foi descrito, Figura 1.

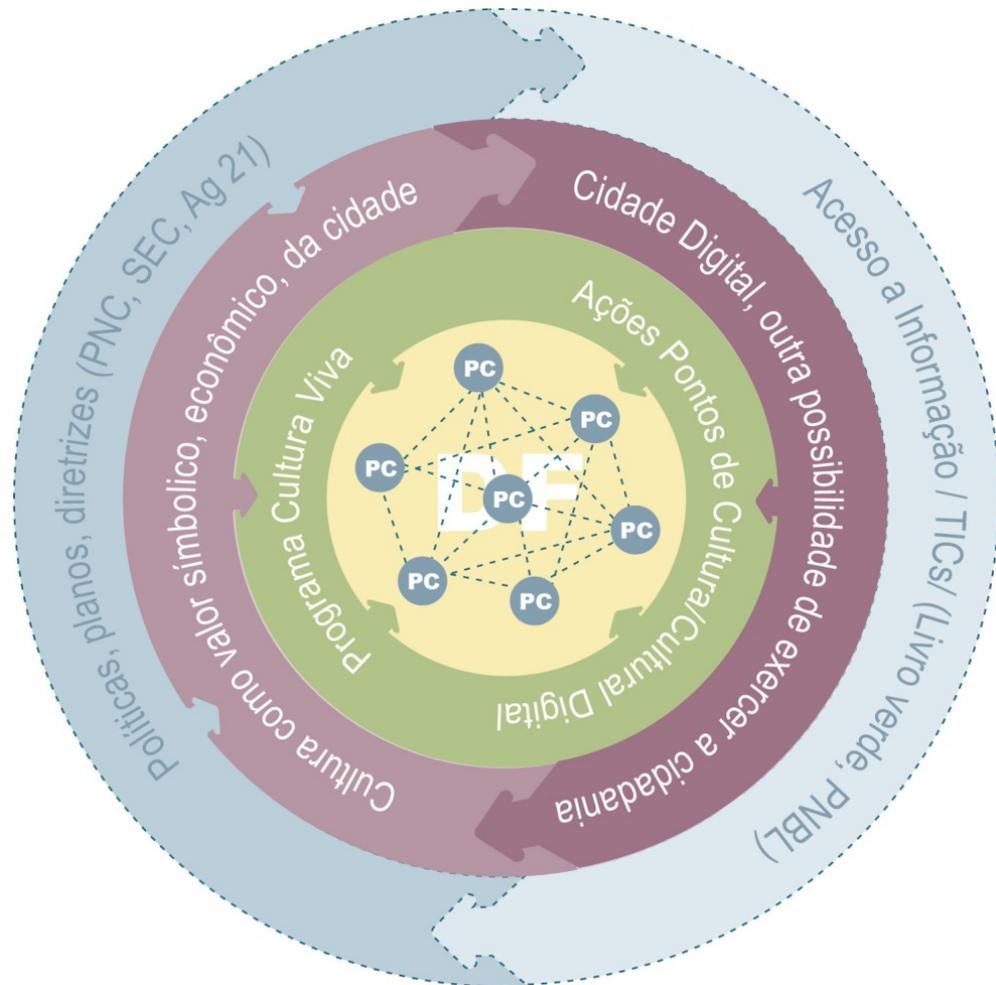


Figura 1. Fluxograma dos temas inerentes ao desenvolvimento da rede cultural.

Fonte: elaborado pela autora

A partir da visualização do gráfico, compreendem-se as questões que giram em volta do objeto da pesquisa que serão desenvolvidas num primeiro momento de forma geral e depois de forma particular estudando especificamente as condições dadas no DF e as possibilidades que a cidade de Brasília e as Regiões Administrativas oferecem para a concreção do objetivo.

A pesquisa se organiza em 4 fases distintas, são elas: *i)* pesquisa bibliográfica dos conceitos base apresentados no capítulo 2 e 3: Arte e Cultura, Redes e TICs; *ii)* pesquisa documental sobre a infraestrutura do DF apresentada no capítulo 4; *iii)* identificação dos atores contemplados, os Pontos de Cultura, e posterior pesquisa documental sobre os Pontos;

e por fim, *iv*) a análise de redes sobre os Pontos de Cultura e desenho de uma tipologia possível para um modelo de ações que atenda os objetivos colocados.

A característica particular desta pesquisa, que se identifica por ser multidisciplinar, nos conduziu à definição de conceitos-chaves que nos possibilitassem apresentar um marco teórico amplo, mas com uma clara ligação entre as partes contemplando temas como: 1) Arte, Cultura e TICs como fatores influentes no desenvolvimento de uma cidade, 2) A participação da sociedade civil dentro da arte e a cultura, 3) Políticas e diretrizes que contemplem o fortalecimento da cultura e o acesso a TICs dentro da cidade, 5) A situação do DF quanto à concreção das diretrizes. Para isso se recorreu a autores que de alguma forma poderiam servir de referência para todo o processo da pesquisa.

No recorte sobre cultura, recorreu-se a autores como Zigmunt Bauman, Pierre Bourdieu, Stuart Hall, cujas concepções sobre o termo se fundem com as influências do mundo contemporâneo. Ernst Fischer nos dá uma base que permite apoio para estabelecer o nexo entre a importância original da arte para a vida dos homens. Milton Santos, junto com David Harvey nos aportam as bases para a compreensão da organização urbana como um todo, em que fatores tais como a economia, a política e os avanços tecnológicos modificam a composição física urbana e também os hábitos dos cidadãos.

No momento de fazer a ligação entre as possibilidades do cidadão a partir da utilização da TICs e os novos espaços e formas de relacionamento que vão surgindo, Manuel Castells nos introduz as repercussões sociais que tem esse encontro na cultura e nos apresenta as noções sobre o conceito de redes sociais, ao mesmo tempo que André Lemos identifica um novo espaço para o cidadão entre o físico e o virtual, esse seria o espaço que lhe possibilita novas práticas e que fazem com que instituições tradicionais se vejam obrigadas a questionar seu papel e repensar um modelo de abertura ao cidadão e aos novos valores protagonistas no futuro próximo, assunto este também abordado por José Luis Brea.

Ao longo da pesquisa, vários relatórios e documentos referentes a legislações, diretrizes, agendas e planos também foram consultados como conhecimento palpável dos recursos existentes no nível internacional, nacional e local: Agenda 21 (Cidades e Governos Locais Unidos, Comissão de cultura, 2004), Políticas culturais para o desenvolvimento (Unesco 2003), Plano Nacional de Cultura Lei 12.343, Metas do Plano Nacional de Cultura, Agenda Europeia para Cultura (Plano de trabalho para cultura 2011-2014), Relatórios e avaliações do Programa Arte, Cultura e Cidadania-Cultura Viva (Realizado pelo Instituto de Pesquisa e Econômica Aplicada - IPEA) e Plano da Secretaria da Economia Criativa (2011-2014).

O motivo pelo qual consideramos o Plano da Nova Secretaria da Economia Criativa é por estar diretamente relacionado a nosso campo de estudo, já que a ampliação de categorias que realizou a Secretaria da Economia Criativa (SEC) dentro de seu plano nos possibilita analisar espaços onde o cidadão tem uma maior participação e não se limita apenas àqueles setores tradicionalmente denominados como culturais. A SEC ampliou o escopo para setores relacionados a novas mídias, a indústria de conteúdo, o design e arquitetura entre outros, escopo que também será levado em conta nesta pesquisa.

Dado que a pesquisa trata sobre as possíveis relações entre atores culturais que propiciem um maior acesso à arte e a cultura por parte do cidadão, viu-se necessário apresentar também a estrutura tecnológica do DF sabendo que dentre as ações que os Pontos deveriam aderir estavam a Inclusão Digital e a apropriação de ferramentas que ampliassem a comunicação entre os Pontos, os cidadãos e o Governo. Para isso tomar-se-á como base os dados gerados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br) e por outro lado na hora de investigar sobre a configuração do contexto socioeconômico do DF serão utilizados os relatórios e pesquisas disponíveis do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A análise dos relatórios e pesquisas feitas por essas instituições possuem uma importância significativa para a presente investigação já que, como se verá mais adiante, apresentam o Distrito Federal como um território com estrutura tecnológica e socioeconômica capaz de sustentar uma rede social cultural apoiada pelas TICs.

Depois de ter apresentado o marco teórico e a justificativa de porque se considera relevante investigar a democratização cultural (pesquisa bibliográfica e documental) e por outro lado ter apresentado dados sobre os recursos da cidade e dos cidadãos, serão observados os Pontos de Cultura como uma estrutura que em sua conformação conceitual tem como alicerce os mesmos eixos considerados aqui (redes, TICs, acesso e democracia cultural). Como ponto de partida serão levados em conta os dados recolhidos pelo IPEA e pela ONG Artéria, entretanto na hora de apresentar os atores, suas características e possíveis interações serão considerados principalmente a informação que foi fornecida para nós, sob prévia solicitação, pela Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC).

A partir dos dados, pretende-se demarcar um primeiro mapa que permita visualizar de forma geral a localização de todos os Pontos (vigentes e não vigentes) e as possíveis conexões, tendo assim um panorama aproximado da concentração dos Pontos, das Regiões Administrativas não atendidas e das atividades que de fato são desenvolvidas nos Pontos.

Depois desta primeira apresentação será complementada a etapa com uma análise correlacional onde serão consideradas as relações entre os atributos dos Pontos para encontrarmos parâmetros comuns e possíveis futuras interações. Desta forma, por meio da Análise de Redes (ARS), se identificarão indicadores que nos permitam oferecer uma visão sistemática e compreensiva da variedade de relações entre atores. Por meio desta análise, será possível obter um parâmetro concreto sobre as possibilidades de uma rede dentro do DF e sobre o fluxo de interação entre os atores, identificando-se os pontos fracos que deveriam ser reforçados, as relações existentes e os futuros laços que poderiam ser construídos para ampliação e consolidação da rede.

Capítulo 2. Arte e cultura no desenvolvimento do cidadão

Considera-se importante esclarecer sob qual aspecto será abordado o termo cultura. Alvo de conflitos e divergências, não faz muito tempo que o termo foi inserido no discurso público. Tanto do ponto de vista da antropologia quanto da sociologia, o termo cultura inclui vários aspectos da vida humana. Pode-se dizer que ainda não foi achada uma definição absoluta e na busca por seu significado, encontraram-se várias definições que abordam diferentes aspectos segundo a perspectiva de cada autor.

Quem primeiro definiu o conceito foi o antropólogo inglês Edward Burnett Taylor como “aquele todo complexo no qual estão incluídos conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TAYLOR, 1871, p.1). Com o avanço do tempo, o termo foi desenvolvido e analisado segundo a área onde fosse aplicado, contudo o conceito de Taylor é amplo e o que se pode identificar mais tarde como variante seria na verdade um desdobramento ou aprofundamento desse conceito inicial. Pareceria que as definições respondem à mesma essência de cultura, por isso aqui são apresentados alguns autores não com a intenção de gerar uma discussão do pensamento de um com respeito ao outro, mas para captar diferentes perspectivas a modo de introdução, permitindo-nos realizar nosso recorte que será eixo de toda a pesquisa.

2.1. O conceito de cultura dentro do contexto da pesquisa

Segundo Bauman (2012), na segunda metade do século XVIII, a ideia de cultura foi tomada para diferenciar as realizações humanas dos fatos duros da natureza, cultura era aquilo que o homem podia fazer, por natureza, se entenderia aquilo que devia ser obedecido por ele. Inicialmente, o termo estava relacionado ao “cultivo da terra”, mais tarde se utilizou a modo de metáfora como o “cultivo do espírito” que na verdade fazia referência à educação recebida, à instrução nas belas artes, ou seja, a toda a formação intelectual que o homem incorporava, a antropologia, porém, não usa o termo cultura para marcar uma distinção entre os homens que têm e os que não têm educação formal, “o homem é essencialmente um ser de cultura” (CUCHE, 1999, p. 9).

Para outros autores, cultura está associada ao comportamento humano, Franz Boas (1938) define cultura como “a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social...”. Já para Kroeber e Kluckhohn (1952), tem relação com uma abstração do comportamento mas não com o comportamento em si. Em 1973 Geertz apud Logan (2012) definiu a cultura como um sistema de concepções herdadas e historicamente transmitidas, representadas em formas simbólicas por meio das quais os homens desenvolvem seus conhecimentos e atitudes diante da vida.

Entendemos cultura como um artefato simbólico da criação humana, transmitido e adquirido desde que a pessoa viva em sociedade, fomenta uma estrutura sistêmica para o comportamento social, mas também permanece ao longo do tempo por sua possibilidade de se adaptar às condições dadas - é ordem, mas a mudança também forma parte de sua natureza. Concordando com Logan (2012) pode-se dizer que é “uma forma extra-somática de instrução que fornece aos indivíduos uma margem adicional de sobrevivência” (LOGAN, 2012, p.100).

O “mundo da cultura” deve ser observado sob dois aspectos: “criatividade” e “regulação normativa”. A cultura para Bauman (2012) tem tanto a característica de “inventar” quanto “preservar”, contudo, classifica-se a cultura como um sistema aberto, que progride por sua capacidade de se alterar e modificar.

São variados os conceitos, mas concordam num ponto, quando se referem à forma de adquiri-la, que não se trata de uma transmissão genética se não que é uma condição criada pelo homem que o auxilia para conviver em sociedade. O homem adquire cultura, e mesmo sendo considerada uma condição extra-somática, a cultura interfere nos modos de pensar, nos modos de agir, nas atitudes, nas escolhas, ao ponto de, conforme afirmam pesquisas apontadas por Cucho (1999), a diferenciação entre feminino e masculino ser também uma questão cultural.

Essa primeira abordagem geral do conceito de cultura não é à toa. Inclusive sabendo que, no avanço da investigação, far-se-á um recorte, é necessário compreender a importância do homem como criador dos símbolos que o identificam, depositando nele certo controle e liberdade, e permitindo, às vezes de forma inconsciente, manipulá-los. Não se pode começar falando por exemplo de “arte e cultura” sem compreender a relação entre eles, compreender de que formas as expressões artísticas entram em jogo, seja por oposição à cultura dada ou como resultado dela, e de que forma a arte como poder simbólico pode interferir na estrutura de uma cultura.

Pierre Bourdieu (1989) coloca a arte no mesmo nível que a religião e a linguagem como sistemas simbólicos estruturantes, “o poder simbólico é um poder da construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica” (BOURDIEU, 1989, p.9), entretanto ele não se apropria da palavra “cultura” quando se refere ao ambiente social onde esses sistemas interferem, utilizando o termo *habitus*. O *habitus* para Bourdieu é o ambiente social onde o homem adquire o que vai definir seu “estilo de vida”. O *habitus* não é uma condição fixa, se desenvolve a partir da experiência prática. Segundo Bourdieu apud Lull (1997), o *habitus* é uma lógica do gosto que procede de uma lógica prática na interação social, mas essa atividade envolve mais do que obedecer a regras sociais. O *habitus* pode ser considerado uma característica distintiva de uma comunidade como também uma característica particular de uma pessoa e tem a ver com seus gostos e preferências que se relacionam diretamente com a experiência (educação) recebida ao longo da sua vida e também com o contexto em que o indivíduo estiver inserido.

É nesse momento que uma questão importante entra em cena: que tipo de informação estamos recebendo que vão compondo nossos *habitus* e das gerações futuras? Se nossas ideias, nossos gostos, nossa forma de ver o mundo têm relação com o *habitus* que fomos criando, então também têm relação com as opções que fomos recebendo em nossa educação e em nossos contextos como integrantes de uma comunidade. Se uma cidade, um estado, um país não trabalha para fortalecer os “sistemas simbólicos” que identificam a sua cultura, e que fortalecem também a formação particular de um indivíduo, então estão reduzindo a possibilidade de desenvolvimento do *habitus* dele.

2.2. Relação da arte, a cultura e a sociedade

As expressões artísticas sempre estiveram presentes nas culturas antigas como parte essencial do seu desenvolvimento e iam na mesma mão que as ciências, isto é, toda civilização que tinha um bom desenvolvimento nos aspectos científicos também o tinha nas artes, seja na música, nas danças, nas artes visuais. Essas duas áreas se complementavam para dar forma ao conhecimento e à compreensão do mundo. Segundo Fischer (1971) a arte tinha a função de conferir poder, era o instrumento mágico da coletividade humana na luta pela sobrevivência, e o artista o porta-voz da sociedade que fazia compreender ao seu público as relações entre homem, natureza e sociedade.

O valor simbólico da arte não existe por si só, aparece em sua relação com os homens. A arte continua tendo uma função que se relaciona com a necessidade do homem de refletir uma realidade, uma problemática ou levantar uma questão de forma diferente da ciência. Foi Marx (1844) apud Sánchez Vásquez (1968), quem fez um aporte à compreensão da arte ou mais especificamente ao caminho da arte nos últimos tempos, quando os limites dela pareciam se desvanecer. Ele compreende a arte de uma forma que se relaciona com a evolução do homem como ser social ao longo da história, isto é, as ideias estéticas de Marx não anulam o papel das belas artes e de sua autonomia, mas compreende a arte além de seu valor ideológico.

Marx [...] vê nela (na arte) um degrau superior do processo de humanização da natureza e do próprio homem, uma dimensão essencial de sua existência, dimensão que se dá justamente pela semelhança da arte com aquilo que, para Marx, é a essência mesma do homem: o trabalho criador. Assim, pois a arte surge para satisfazer uma necessidade especificamente humana; a criação e o gozo artístico fazem parte, portanto, do reino das necessidades do homem. (SANCHEZ VÁSQUEZ, 1968, p. 64)

A estética marxista assinala a arte como uma forma de conhecimento da realidade do mundo que se nos revela por meio dela. “Esta realidade, em princípio, encontra-se em constante processo de mudança; daí a necessidade de que variem os meios de expressão” (SÁNCHEZ VÁSQUEZ, 1968 p. 41) e daí nossa necessidade pontual para esta pesquisa de ampliar o escopo quando fazemos referências à arte e a cultura como formas de expressão dos homens dentro de um contexto social.

Esses contextos, quaisquer que sejam, devem ser estimulados e incentivados de forma que permitam criar novos símbolos e também preservar aqueles que têm a ver com a identidade do cidadão.

Na Argentina, o movimento “Tucumán Arde”² foi uma experiência de vanguarda revolucionária que participou, com a arte, no processo da liberação do país. Para isso, os artistas envolvidos, além de se afastar das instituições, museus e renunciar à bolsas de apoio, também abandonaram o público de elite a quem estavam servindo, e concentraram o foco no povo explorado. León Ferrari, integrante de “Tucumán Arde”, em uma entrevista concedida à Escola de Letras da Universidade de La Habana assinala que um dos pontos negativos do movimento foi, finalmente, não ter conseguido desenvolver o que eles esperavam, uma

² Realização coletiva e multidisciplinar montada em 1968 por intelectuais e artistas de Rosario e Buenos Aires (Argentina) que procuravam criar um fenômeno cultural de características políticas opostas às vanguardas artísticas internacionais das quais eles tinham sido parte.

linguagem para/com/desde o povo explorado. Contrariamente à intenção do movimento, sua narrativa foi classificada como o início da arte conceptual.

Tucumán Arde se propôs a construir uma nova linguagem com um novo público, ou seja, co-autor: os explorados. Nessa relação [público-artista] o artista tem várias possibilidades: na mais comum, artista-elite, as duas partes dão e recebem criando em conjunto uma linguagem indecifrável para o resto da humanidade, mas inteligível para a elite internacional. Existe um segundo caso onde da interação artista-elite se pretende fazer “arte para o povo” mas sem modificar a linguagem. O artista se dirige ao público como um público extra, dá mas não recebe, ensina mas não considera que tenha que apreender. (FERRARI, 1998 p. 122)³

Com o depoimento de Ferrari, pode-se confirmar que, mesmo que a intenção tenha sido mudar de público, não conseguiram fazer uma troca com esse público, se não tomar uma problemática social, falar em nome dela e, por meio da arte, fazer política. Para esse público não existiu uma nova possibilidade de se apropriar dessa arte como linguagem de sua cultura e seu dia a dia.

O que se pretende nesta pesquisa é abordar os Pontos de Cultura e estudá-los não com a intenção de impor a arte e a cultura pertencente talvez a outro estrato social mas percebendo esses Pontos como sementes, que podem consolidar e/ou restituir o sentido da arte como algo próximo à realidade de cada contexto e não como a concepção da arte como algo distante e indecifrável. Os Pontos de Cultura ou qualquer expressão artístico-cultural nascida dentro de contextos e realidades diversas deveria ser respeitada já que podem aportar para desenvolvimento cultural do cidadão e do país.

Nas últimas décadas, uma série de documentos gerados a partir de congressos e seminários de porte nacional e internacional⁴ começaram a criar diretrizes para a elaboração de políticas públicas incentivando o desenvolvimento cultural dos países.

A UNESCO prossegue publicando bianualmente informes mundiais sobre a cultura, em que se ressaltam novas tendências, apontam-se eventos que afetam a cultura, divulgam-se boas práticas em políticas culturais e publicam-se uma série de indicadores quantitativos. Toda essa sequência se dá num *crescendum* que vai imbricando cada vez mais, tornando cada vez mais indissociável e, por fim, postulando até mesmo como determinante, o significado da cultura no processo de desenvolvimento.⁵ (WERTHEIM, 2003, p.14)

³ Tradução livre da autora. Depoimento extraído do dossiê documental *León Ferrari: un paradigma del arte político de los '60*. Taller: revista de sociedad, cultura y política, v 3, n 8, p. 122. Nov, 1998

⁴ Conferência Mundial de México, 1982. Conferência de Brundtland, 1986. Conferência de Estocolmo, 1998. A Agenda 21, 2004.

⁵ Introdução da publicação de Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura. Brasília: UNESCO, 2003

As políticas, além de incluírem os conceitos de sustentabilidade e direitos humanos, fazem ênfase no incentivo à criatividade e à participação cultural por parte dos cidadãos, reconhecendo que dentro do desenvolvimento cultural as expressões artísticas formam parte do crescimento econômico e de um novo setor que está em evolução, chamado de “economia criativa”.

2.3. Economia Criativa

O termo de “economia criativa” (ou setores criativos) será abordado aqui porque de algum modo envolve o contexto com o qual queremos trabalhar. Segundo a Secretaria de Economia Criativa do Brasil, entende-se o conceito como:

Aqueles cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de um produto, bem ou serviço, cuja dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social. (Plano da Secretaria da Economia Criativa, Políticas, diretrizes e ações, 2011- 2014)

Em nossa análise, a “Economia Criativa” é um leque mais amplo que contempla, além das atividades produtivas, os contextos sociais dos cidadãos que são os que possibilitam que essas atividades geradoras de bens simbólicos encontrem o campo para se desenvolverem.

Inclusive, dependendo do ponto de vista, pode se considerar os termos “economia” e “criatividade” como contraditórios se nos basearmos na visão capitalista, que considera o trabalho como produtivo sempre que possibilite ser trocado por capital. Por isso, aqui é importante reforçar sobre esses novos setores que compartilham com a arte uma nova visão sobre o destino das “expressões criativas” que se traduzem em um valor simbólico, mas que terminam influenciando de maneira direta ou indireta a economia de um país.

A crescente valorização desse setor por parte das agendas governamentais é uma consequência da interseção de certos fatores, que identificam a sociedade de hoje. Para Castells (2001), as transformações tecnológicas e organizativas geram uma “outra economia” centrada no conhecimento e na informação como bases de produção. Para Claudia Leitão⁶, países como a Austrália, a Turquia e a China vem apoiando, por meio de políticas públicas, a criatividade como insumo de inovação e reconhece que esta nova economia está crescendo graças à sociedade do conhecimento e às novas tecnologias. Por isso não é possível separar as

⁶ Secretária da Economia Criativa do Ministério da Cultura (2011- 2013)

possibilidades de crescimento das expressões artísticas e culturais do visível avanço das TICs como assim também da educação e do conhecimento que o cidadão recebe. Para Reis (2011), a Economia Criativa funde suas fronteiras entre a Economia da Cultura e a Economia do Conhecimento e é por isso que não se pode pensar na Economia Criativa sem incorporar a influência das políticas educacionais e tecnológicas. Para Hartley (2005) apud Reis (2008) o conceito de economia criativa inclui cultura e tecnologia:

A ideia de indústrias criativas trata de descrever a divergência conceitual e a prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala massiva), no contexto das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) em uma nova economia do conhecimento, para uso dos novos consumidores-cidadãos interativos. (Hartley, 2005, p. 5 apud Reis, 2008, p.21)⁷

O conceito de Hartley segue a mesma linha que Castells (2001) quando este afirma que o encontro produtivo desses fatores só é possível dentro da cidade, identificando-a como um meio produtor de inovação e riqueza que tem a capacidade de integrar tecnologia, sociedade e qualidade de vida num sistema interativo com o fim de produzir melhorias não apenas na economia, mas também na cultura.

Segundo o exposto, fica claro que o desenvolvimento das práticas artísticas e culturais não é um evento isolado independente do contexto, seu desenvolvimento depende de sua adaptação e ajuste com uma realidade hoje considerada como global, mas também com as características individuais de cada país e cada cidade. Além de envolver o compromisso do Estado na definição de Políticas Públicas que defendam a possibilidade de desenvolvimento do cidadão nas áreas que envolvem a arte e a cultura, agora também a sociedade civil tem uma responsabilidade ao reconhecer as ferramentas tecnológicas e sociais como caminho para a democratização cultural.

2.4. A participação do cidadão nos setores criativos

Geralmente, nas diretrizes geradas pelo PNC (Plano Nacional de Cultura), pela Secretaria de Economia Criativa e outros órgãos como a UNESCO o foco principal está centralizado na valorização das produções artísticas e culturais que apótem valor simbólico à

⁷ Tradução livre de: “La idea de industrias creativas trata de describir la convergencia conceptual y práctica de las artes creativas (talento individual) con industrias culturales (escala masiva), en el contexto de las nuevas tecnologías de la información y la comunicación (TICs) en una nueva economía del conocimiento, para el uso de los nuevos consumidores-ciudadanos interactivos.”

comunidade, mais especificamente sobre como estabelecer políticas que protejam e incentivem àqueles atores responsáveis por essa produção. A cadeia é, porém, mais ampla e não termina aí. Uma das ações importantes dentro dessa cadeia de “produções criativas” é o consumo, ou seja, além de pensar sobre a produção e difusão, é preciso pensar também no momento em que essas produções encontram seu sentido, porque de certa forma, e seguindo com uma visão marxista no consumo, é quando o produto “se torna diretamente objeto e servidor da necessidade individual que satisfaz com seu gozo” (MARX apud SÁNCHEZ VÁSQUEZ 1968, p.251), ou seja, não cumpre sua função se não chega ao “destino”, que nesse caso é o cidadão.

Por isso é importante esclarecer que nos interessam todas as abordagens que façam alusão à importância do cidadão como sendo parte do processo criativo. No momento que estamos incluindo os contextos sociais, a inserção das TICs e falando sobre aspectos que influenciam diretamente os valores simbólicos e cidadãos, não se pode deixar de lado a função que cumpre o cidadão como fruidor, porém ainda não existe um olhar específico para ele que estude as possibilidades que tem dentro do processo ou mesmo de que forma suas interações influenciam na definição das políticas culturais. Contudo os documentos gerados até agora começam a enfatizar esse ponto. A Agenda 21, por exemplo, expõe como um dos seus princípios a necessidade da expansão da cidadania e a democracia cultural, isto cria um novo olhar na concepção sobre quem forma parte da rede cultural de uma comunidade que já não deposita todo o fazer nas instituições. Não significa que as instituições ou o mercado da indústria cultural deixem de existir, porém aparece uma nova possibilidade para o crescimento da cultura que nasce na sociedade civil e que permitiria concretizar o que os documentos apontam como “democracia cultural”.

Depositar uma quota de responsabilidade no lado do cidadão, permitir que seja partícipe para que não fique apenas como espectador passivo, é um dos caminhos que já está sendo considerado pela União Europeia dentro de seus planos para a agenda cultural. Um grupo de especialistas representantes dos 24 países que conformam o bloco desenvolveram um plano de trabalho que visa a ampliação da participação por parte do público aos eventos culturais. O que se destaca sobre este documento é a nova percepção sobre a importância da participação, perceber que além de incentivar a produção, outro dos desafios é incentivar o consumo, e não apenas com o intuito de movimentar o mercado, mas principalmente porque se está começando a considerar que o acesso cultural de um povo termina influenciando na qualidade de vida dele. A partir disso, nos parece importante citar aqui alguns dos traços

deste documento que podem nos servir para compreender de que forma esta perspectiva está sendo considerada em outros contextos.

A participação cultural é reconhecida como um direito humano e um alicerce do desenvolvimento pessoal, criatividade e bem-estar. Contudo, a oferta cultural por parte das instituições geralmente beneficia a um reduzido número de pessoas.

Segundo o documento gerado pelo grupo de trabalho de especialistas da União Europeia, Open Method of Coordination (OMC), pensar no acesso cultural é importante porque tem a ver com a percepção da cultura como um agente de transformação social, o direito de tomar parte na vida cultural como uma questão de igualdade de oportunidades, entender a cultura como um facilitador da inclusão social e a participação como um modo de superar a divisão de classes e como chave para a competência e base da criatividade.

O documento da OMC aborda, principalmente no início, a questão da eliminação das barreiras como um dos fatores principais para tratar sobre o acesso. Barreiras físicas, financeiras, geográficas, mas principalmente barreiras intangíveis que fazem com que o cidadão não se aproxime. Essas barreiras intangíveis têm a ver com os interesses, as escolhas de vida, a educação, ou seja, com o *habitus* da pessoa e também com a percepção que ela tem sobre as instituições culturais que muitas vezes são consideradas elitistas.

A educação cultural é levada em conta como um dos pontos principais no estudo realizado pelo OMC. Eles consideram que esta desenvolve nas pessoas habilidades e conhecimentos que permitem uma melhor apreciação das produções artísticas e culturais e, desse modo, cria-se uma cadeia fluida de produção, consumo e fruição. Já o assinalava Marx (1938) apud Sánchez Vázquez (1968) quando dizia que a produção artística não cria um objeto para um sujeito, mas também um sujeito para o objeto, isto é, a percepção estética tem que ser criada, não é resultado de um processo espontâneo. Aqui Sánchez Vázquez (1986) faz referência a uma dupla capacidade da arte, a de criar tanto o objeto quanto o sujeito. O público também deve ser alimentado e incentivado e além da educação existem outros recursos a serem aproveitados que potencializam o acesso e a democracia cultural como, por exemplo, a tecnologia digital.

O Documento da OMC não faz um amplo desenvolvimento sobre o impacto da tecnologia digital, mas reconhece que a partir de seu uso existe um incremento do acesso à cultura e também uma mudança no papel dos atores, podendo facilitar o acesso e melhorando o consumo. Principalmente permite às pessoas serem também criadores de cultura, *diluído as fronteiras entre produtores e consumidores culturais* e gerando uma mudança num modelo

que tradicionalmente pertencia às instituições ou artistas para um modelo onde qualquer um tem a possibilidade de criar, criticar e controlar seu próprio conteúdo.

Dentro desse âmbito, concordando com José Brea (2006), as instituições deixariam de cumprir a função de preservar o passado para se transformar em espaços articuladores dos novos processos criativos que incluem, além do produtor, o público e as transformações tecnológicas que geram uma nova relação entre a produção e o consumo.

Compreende-se que existe uma ampliação enquanto às possibilidades do cidadão dentro de uma sociedade a partir da utilização das TICs. O cidadão, além de ser consumidor, viu-se diante da possibilidade de ser também um produtor. Essa mudança marcante que proporcionou independência ao cidadão na hora de escolher a informação, também gerou um novo poder que se viu refletido em diversas áreas.

O “novo poder” a que estamos fazendo referência seria na verdade uma “nova possibilidade” de exercer a cidadania aplicada a diferentes setores. Em nosso caso, interessamos estudar de que forma o governo e as instituições abrem as portas para esse cidadão que já não se limita apenas a consumir uma produção artística, mas que também se sente com a capacidade de participar em diferentes aspectos do desenvolvimento da mesma.

Sobre esses aspectos, considera-se relevante compreender como os diferentes setores, e neste caso o setor cultural, pode ser influenciado e potencializado por meio das TICs, não se trata apenas de obter, por meio da tecnologia, mais informação, mas também perceber como o uso dessas ferramentas influencia no desenvolvimento da cidade, na interação dos cidadãos e, em consequência, na cultura, que se modifica a partir dos usos dessas ferramentas.

Capítulo 3. A cidade digital como espaço para potencializar a cultura e a participação

Vários fatores se cruzam apresentando um novo panorama para os atores que estão envolvidos na influência que exercem a arte e a cultura dentro da cidade. Talvez em várias linhas dentro da arte existam práticas já assimiladas que estão longe de se modificar, mas é inevitável pensar sobre os modos de difusão, fruição e multiplicação dos bens artísticos na contemporaneidade e ainda mais quando as artes começam também a ocupar outros espaços, transformando-se em parte ativa nas vidas dos cidadãos e influenciando na economia e nos processos criativos da própria cultura da cidade.

3.1. A cultura a partir da inserção das TICs

A América Latina se encontra dentro de um processo de transformação no que se refere à valorização e inclusão dos bens artísticos e culturais como criadores de subjetividades para o cidadão e de identidade para as cidades, porém é impossível analisá-lo separadamente dos outros fatores essenciais que se apresentam como característica de nossa sociedade atual e que também vão influenciando o desenvolvimento e as possibilidades de produção e fruição da arte. Esses outros fatores condicionantes são as Tecnologias da Informação e da Comunicação que, em consequência (ou de forma paralela), proporcionaram uma nova característica a nossa sociedade, identificada como Sociedade da Informação. É importante destacar que não nos limitamos aqui a pensar apenas na “informação” ou na tecnologia em si mesmas, mas nas possibilidades e nas novas práticas que geram na vida dos homens.

O fato de produzir e compartilhar informação não foi o que modificou o papel do cidadão, mas sim a compreensão de uma nova forma de se posicionar e defender seu lugar como protagonista da dinâmica e do desenvolvimento da cidade.

Estamos vivenciando a evolução da cultura para uma Cultura Digital que inclui, além de ferramentas físicas tecnológicas, a assimilação e compreensão das responsabilidades que o cidadão tem no crescimento da cidade e na utilização das tecnologias para tal fim. Isto não pode ser possível sem a interação, por um lado, de vários atores, que neste caso serão artistas, gestores, instituições culturais e a inclusão do próprio cidadão e, por outro, do governo na concreção de políticas que sirvam de respaldo para a abordagem desta nova cultura digital que vai emergindo.

Inscrever a arte na cultura implica em trocar o eixo da mirada para focar a arte não a partir de sua capacidade de diferenciar, mas, como propôs Roland Barthes, a partir de sua “capacidade de significar”; isto é, de nos permitir auscultar os signos que iluminam o viver opaco e contraditório de uma sociedade, decifrar as correntes secretas que a irrigam e dinamizam. (MARTIN BARBERO, 2006, p. 41)⁸

Perceber hoje que a arte e a cultura estão começando a formar parte da agenda dos governos latino-americanos não é ainda suficiente para visualizar tudo o que isso envolve, deve-se pensar sobre o espaço onde isso acontecerá, os recursos com que esse espaço conta, e por fim os atores que concretizarão a ligação da arte e da cultura no cotidiano da cidade.

Pretende-se aqui compreender a cidade como espaço de possibilidades, de comunicação e interação onde o cidadão pode construir a essência dela num momento em que parece propício, devido às condições dadas, mas essa tarefa não é individual, ou seja, esta evolução da cidade não pode ser pensada sem o entendimento, por um lado, das TICs como catalisadoras e, por outro, da importância do tecido de conexões entre indivíduos no entorno local e global que nos faz pensar nas redes como espaço de encontro e potencialidades.

3.2. Identificando o território da cidade contemporânea

Dependendo da área de análise, existem várias definições sobre o conceito de cidade, sendo compreendida desde uma organização política, social e econômica até como espaço simbólico e representacional. A abordagem do conceito de cidade e as definições que serão consideradas se realizarão a partir da concepção da cidade como espaço de encontro, de interação e de organização dos cidadãos que surge como consequência da estrutura física e também dos recursos econômicos, culturais e tecnológicos que possuem os indivíduos que formam parte desse território chamado cidade. Sem falar ainda da influência que as TICs trouxeram na redefinição do conceito de cidade, que será abordado posteriormente, poderíamos dizer que a cidade é um espaço híbrido onde convergem e interagem questões materiais e simbólicas.

Milton Santos (1992) faz uma diferenciação na definição de cidade. Para ele “A cidade é o concreto, o conjunto de redes, enfim, a materialidade visível do urbano enquanto que este é o abstrato, o que dá sentido e natureza à cidade” (SANTOS, 1992 p. 241).

⁸ Tradução livre de: “Inscribir el arte en la cultura está implicando cambiar el eje de la mirada para enfocar el arte no desde su capacidad de diferenciar sino, como propuso Roland Barthes, desde su “capacidad de significar”; esto es, de permitirnos auscultar los signos que iluminan el opaco y contradictorio vivir de una sociedad, descifrar las secretas corrientes que la irrigan y dinamizan.”

Uma cidade se constrói a partir das pessoas que moram dentro dela, eles são os protagonistas e os que dão forma e a caracterizam diante de outras, por outro lado é dentro da cidade que o cidadão exerce seus direitos como tal, por isso deveria se pensar a cidade como uma construção coletiva que emerge pela ação e o desejo particular de cada cidadão.

O geógrafo e urbanista David Harvey (2003)⁹ define os cidadãos como arquitetos que criam as cidades não só pelas ações cotidianas como também pelo compromisso político, intelectual e econômico, contudo também afirma que é a cidade quem molda os cidadãos. Por outro lado, para André Lemos (2007), a cidade é um lugar de mobilidade e fixação, para ele, mobilidade e cidade não podem ser pensados separadamente. Dentro desta perspectiva, estão incluídas as redes de transporte, de comunicação, de fluxos financeiros, que geram trocas, deslocamentos e desterritorialização.

Os três autores abordam o conceito de cidade em diferentes perspectivas, contudo essas definições não podem ser consideradas divergentes, mas sim complementares. No caso específico desta pesquisa, pretende-se compreender a cidade desde uma abordagem mais ampla, em que o cidadão e suas ações moldam (HARVEY 2003) a cidade e também são influenciados pelas redes que se dão dentro dela (LEMOS 2007), possibilitando como resultado uma dinâmica do urbano que poderia ser definida como o sentido e natureza (SANTOS 1992) da cidade.

Neste sentido é inevitável pensar sobre os eixos que nortearam o nascimento e estruturação das cidades. A necessidade do homem de passar de nômade a sedentário e se estabelecer perto de algum recurso natural que possibilitasse o acesso ao alimento, gerou a conformação de comunidades que começaram a compartilhar crenças religiosas e hábitos culturais que também foram definindo a particularidade desses assentamentos.

Dentro desse dinamismo emergente foram tomando poder outros fatores que também delinearão a estrutura da cidade, como por exemplo, a influência religiosa com suas grandes edificações imponentes no centro da cidade fazendo notória a importância do deus na vida dos cidadãos. Entretanto, o que realmente se considera até o dia de hoje como influente no desenvolvimento de uma cidade é o fluxo comercial, de produção, ou seja, as condições econômicas que possibilitam o crescimento da cidade e que tanto quanto foi a influência religiosa geram novos comportamentos na vida dos cidadãos.

Assim, considera-se a Revolução Industrial não apenas uma revolução quanto aos processos produtivos, mas principalmente o que isso trouxe à vida das pessoas, definida como “Sociedade Industrial”, identificando além de novas formas de trabalho, novos espaços de

⁹ <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.0309-1317.2003.00492.x/abstract>

encontro e de relacionamento, maior possibilidade de acesso a bens materiais, a migração do campo para a cidade, a inserção da mulher no mundo laboral, etc. Esses fatores foram decisivos na evolução das cidades por várias décadas, até o momento em que foi identificado um novo fator que determinou o rumo da sociedade: a inserção da tecnologia da informação e da comunicação no cotidiano. Hoje, o importante nessa sociedade não é o acesso aos bens materiais, como foi anteriormente, senão o acesso à informação e conseqüentemente às novas possibilidades que isso traz para os cidadãos, facilitadas pelo uso das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação). Não são as tecnologias que transformam a sociedade, porém, quando utilizadas nos contextos sociais, econômicos e políticos criam novas práticas de abrangência local e global desencadeando o que hoje conhecemos como “Sociedade da Informação”.

Como definição da Sociedade da Informação podemos citar a realizada pelo Grupo Telefônica no estudo *A Sociedade da Informação no Brasil, Presente e Perspectivas*:

Sociedade da Informação é um estágio de desenvolvimento social caracterizado pela capacidade de seus membros (cidadãos, empresas e administração pública) de obter e compartilhar qualquer informação, instantaneamente, de qualquer lugar e da maneira mais adequada.¹⁰ (Grupo Telefônica no Brasil, 2002)

Podemos dizer que esse conceito é uma parte do que entendemos como Sociedade da Informação. A esse respeito Manuel Castells (2001) se refere à Sociedade da Informação de um modo mais amplo, incluindo as transformações tecnológicas e organizativas como geradoras de uma nova economia centrada no conhecimento e na informação, identificando esses fatores como base de um novo modo de produção. Para Castells (2001), a característica essencial de nossa sociedade não é apenas a informação, mas as novas possibilidades que os indivíduos têm de se comunicarem de forma descentralizada graças às TICs, que permite uma forma de socialização em rede. Parente (2007), ao se referir à organização em rede, também se refere à “comunicação como lugar de inovação e do acontecimento, daquilo que escapa ao pensamento da representação” (PARENTE, 2007, p. 102), para ele a comunicação potencializada pelas TICs gera transformações na produção das subjetividades. A noção de rede sempre esteve presente na concepção das cidades, mas adquire destaque dentro da sociedade contemporânea a partir da inserção e potencialização das TICs.

Dentro desse contexto, Castells (2001) define o papel da cidade na era da informação como produtora de inovação capaz de integrar tecnologia, sociedade, qualidade de vida dentro

¹⁰ A Sociedade da Informação no Brasil, presente e perspectivas. Grupo Telefônica no Brasil, 2002

de um sistema interativo de melhoria não apenas da economia e da tecnologia como também da sociedade e da cultura. Para Guerreiro (2006), na era da Informação a cidade é a protagonista da história humana e da sociedade em rede. Conexão, informação, comunicação e redes, são as novas condições que dirigem a cidade e o modo de interagir dos cidadãos, criando novas estruturas, novos espaços de encontros e até modificando o conceito de cidade e o papel do cidadão.

3.3. Cidadania em rede

Guerreiro (2006) destaca a *promoção da cultura digital* e a *valorização da identidade local* como fatores influentes no desenvolvimento de uma sociedade em rede apoiada pelas Tecnologias que ele chama de *sociais*. Esses fatores poderiam ser conceituados como o alicerce da Cidadania Digital. Para Guerreiro (2006) existe um estágio prévio à Cidade Digital, ele não compreende o exercício da cidadania digital sem que se haja desenvolvido antes uma sociedade em rede. A condição objetiva para o ciberespaço propagar-se é a evolução da sociedade de informação para seu estágio superior, a sociedade em rede.

As redes sociais sempre têm estado presente no modo como os homens estruturam suas relações com eles mesmos e com o mundo. Somos unidades autônomas, mas nossas ações modificam o resto do sistema que nos circunda, e por sua vez somos influenciados por qualquer modificação que acontecer nela.

A partir do século XIX graças ao desenvolvimento das técnicas de comunicação, a ideia de rede começa a exercer um papel fundamental na concepção de organização estrutural em diferentes campos. Desse modo, tornou-se necessário começar a observar as redes abordando-as de diferentes perspectivas, visando que sua estrutura e sua função pedem aportes de pensamentos transdisciplinares, já que a própria natureza da rede exige romper com análises fragmentadas.

Para compreendermos a configuração das redes sociais na sociedade da informação será necessário partir, segundo Sherer-Warren (2007), de uma dialógica entre o tradicional e o moderno, entre o local e o global, entre o individual e o coletivo. Sherer-Warren compreende a análise das redes sociais sob três dimensões: temporalidade (comunicação em rede em tempo real, mas que permite a conexão de tempos sociais distintos), espacialidade (criação de territorialidade de novos tipos virtuais e presenciais, e a conexão entre ambas) e sociabilidade (novas formas de relações sociais, em intensidade, abrangência, intencionalidade e, em

especial, significado e alcance num novo tipo de esfera pública).

A crescente valorização do estudo de redes é uma consequência do desenvolvimento de nossa cultura e dos avanços tecnológicos que nos possibilitam novas interações com o meio. Com o desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e da comunicação nas últimas décadas, a cultura digital que vem se desenvolvendo nos desafia a buscar novas teorias que consigam sustentar o dinamismo contemporâneo. Por isso faz-se necessário pensar em um enfoque sistêmico e uma análise reticular para a observação das múltiplas interações não apenas do ponto de vista comunicativo, mas também a partir da compreensão da arquitetura reticular como uma ruptura epistêmica que acontece em diversos campos (DI FELICE, 2012).

A forma de circulação da informação dentro de um sistema reticular nos faz pensar nas redes como organismos vivos – que, segundo a definição de Varela e Maturana¹¹, poderiam se tratar de sistemas autopoieticos - já que o tempo todo essa informação está em movimento e qualquer alteração externa dentro da rede altera também a estrutura dela, que tende a se reorganizar para continuar com seu fluxo informativo e interativo.

A rede é um padrão organizacional que prima pela flexibilidade e pelo dinamismo de sua estrutura; pela democracia e descentralização na tomada de decisões; pelo alto grau de autonomia de seus membros; pela horizontalidade das relações entre seus elementos. [...] a rede opera por meio de um processo de radical desconcentração de poder (MARTINHO, 2003, apud DIAS, 2007, p. 18).

Existe uma ideia geral quando falamos de rede social de associar esse conceito apenas às redes sociais que se criam no ciberespaço e que vêm se desenvolvendo com mais força nos últimos anos, mas na verdade é o inverso, essas redes surgem das necessidades do ser humano de continuar no espaço virtual com os hábitos, formas e costumes do espaço físico. A internet, como meio de comunicação, aportou a ampliação, aceleração e modificação na forma de distribuir a informação, mas, no fundo, quem sustenta e enriquece essa rede de redes é o homem e suas necessidades de interagir com os outros e adquirir informação. Maturana (2001) afirma que são nossas emoções que guiam nosso viver tecnológico, que estão relacionadas a mudanças em nossos desejos, gostos ou preferências independentemente que nossa forma de viver mude a partir da utilização dessa nova tecnologia.

Maturana (2001) considera que a tecnologia, quando vivida como instrumento para uma ação efetiva, colabora à expansão progressiva de nossas habilidades operacionais em

¹¹ Humberto Maturana faz referência, no seu livro *Cognição, ciência e vida cotidiana*, à definição de autopoieses que desenvolveu em conjunto com Francisco Varela no livro intitulado *A árvore do conhecimento*.

todos os domínios nos quais há conhecimento e compreensão de suas coerências estruturais, de acordo com isso, pode-se dizer que as redes sociais impulsionadas pelas tecnologias da informação e comunicação têm o potencial de concretizar “ações efetivas” dentro de uma cidade.

A combinação entre os avanços nas tecnologias da informação e comunicação, o desenvolvimento dos estudos da estrutura em rede como organização aberta e descentralizada e a crescente gestão do conhecimento como valor primordial dentro da sociedade contemporânea apresentam um novo panorama que reconfigura nossa forma de apreender e relacionar-nos com o mundo.

Como bem o definiria José Luis Brea (2007) no seu livro *Cultura_RAM*, a energia simbólica que mobiliza a cultura está deixando o caráter rememorante ou recuperador e derivando para uma direção produtiva ou relacional. A cultura de hoje se foca mais no presente e seu processamento e deixa para trás os valores depositados no poder simbólico do passado. Parente (2000) identifica que estamos vivenciando a passagem de um “pensamento simbólico” a “um pensamento conexionista”.

E essa perspectiva se vivencia em diferentes níveis da vida cotidiana. As redes sociais não têm um espaço determinado, são fluxos de interação que podem acontecer em diversos níveis, tanto virtuais quanto físicos, mas o que hoje vem acontecendo como diferencial é a inserção das TICs como potencializadoras. As TICs possibilitam que a sociedade encontre uma ferramenta que a auxilia tanto nos espaços virtuais como também nos espaços públicos. Manuel Castells, durante o congresso “*Fronteiras do pensamento*” que teve lugar em São Paulo foi questionado sobre as manifestações que estavam acontecendo nessa cidade e no resto do país durante o mês de junho de 2013; ele disse a respeito:

O que muda atualmente é que os cidadãos têm um instrumento próprio de informação, auto-organização e automobilização que não existia. Antes, se estavam descontentes, a única coisa que podiam fazer era ir diretamente para uma manifestação de massa organizada por partidos e sindicatos, que logo negociavam em nome das pessoas. Mas, agora, a capacidade de auto-organização é espontânea. Isso é novo e isso são as redes sociais. E o virtual sempre acaba no espaço público. Essa é a novidade. Sem depender das organizações, a sociedade tem a capacidade de se organizar, debater e intervir no espaço público¹². (CASTELLS, 2013)

Essa identificação realizada por Castells seria a característica da sociedade contemporânea, seja no estágio digital ou físico, característica também citada de algum modo

¹² Fronteiras do pensamento 2013. Conferência. Redes de indignação e esperança.
<http://www.fronteiras.com/canalfronteiras/entrevistas/?16%2C68>

por Di Felice (2012) quando afirma que devido à complexidade das redes digitais hoje já não podem ser pensadas apenas como uma estrutura mediática ou de repasse de informação, mas como uma nova “arquitetura da inteligência” (De Kerckhove, 2009 apud Di Felice, 2012, p. 17).

As organizações em rede estão tendo um papel relevante ultimamente, inclusive para a resolução de problemas dentro de uma comunidade, mas isto não significa que sejam novas, mas que, pelos sucessos acontecidos nas últimas décadas, começa-se a perceber as potencialidades da organização em rede dentro de uma sociedade, principalmente como parte do processo democrático que várias cidades na América Latina e no mundo estão vivenciando. A formação de redes não é exclusiva da sociedade contemporânea, porém se fortifica nela por vários fatores sendo um deles a tecnologia da informação e da comunicação que abre um caminho potencializando a participação do cidadão, que hoje exige mudanças no modo conservador e burocrático que caracteriza os governos na resolução de problemas.

Segundo Uvalle (2009) as redes, do ponto de vista das organizações governamentais, são respostas a sociedades que com o impulso da democracia política, sentem a necessidade de lutar por um espaço no mundo das decisões públicas, esse impulso do cidadão de querer ser participe do desenvolvimento da cidade se traduz em diversos níveis e reflete um cidadão contemporâneo que percebe que sua ação pode ser parte importante na resolução de problemas dentro de seu entorno seja de forma individual ou dentro de organizações sociais. O autor destaca que as redes não têm, como referência, planos standardizados, mas que surgem das novas realidades que emergem da pressão das relações horizontais levando em conta a diversidade existente na vida atual.

O tempo das sociedades adormecidas pelo peso das estruturas administrativas e burocráticas tende a desaparecer; em troca, os momentos das sociedades ativas e participativas com o impulso dos valores democráticos está em curso, motivo pelo qual a lógica do poder estatal não pode continuar na esfera da centralização e da burocratização, porque a efetividade das ações não se desenvolve sem levar em conta as vozes e organizações da sociedade civil. (UVALLE, 2009, p.46)¹³

A cultura, neste contexto, pode cumprir um papel determinante como facilitadora do diálogo entre o estado e a sociedade civil aportando espaços de aproximação de uma forma flexível, porém é importante destacar que, inclusive conhecendo a imprevisibilidade das redes

¹³ Tradução livre de “El tiempo de las sociedades adormecidas por el peso de las estructuras administrativas y burocráticas tiende a desaparecer; en cambio, los momentos de las sociedades activas y participativas con el impulso de los valores democráticos está en curso, motivo por el cual la lógica del poder estatal no puede continuar en la esfera de la centralización y la burocratización, porque la efectividad de las acciones no se desarrolla sin tomar en cuenta las voces y organizaciones de la sociedad civil.”

sociais é necessário conhecer as dimensões que estão envolvidas na resolução de problemas que tangem à comunidade quando se pretende envolver múltiplos atores.

Laura Chaqués Bonafont (2004) analisa o alcance das redes de uma perspectiva que abrange diferentes atores mas principalmente o Estado na formulação de políticas públicas. A autora identifica na análise de redes políticas um instrumento heurístico para definir as interações entre o Estado e os grupos sociais. Para isso, como metodologia desenvolve, nos primeiros passos, uma classificação das redes definindo as dimensões a levar em conta para a análise, que servirá para estabelecer tipologias. As tipologias servem para ordenar e categorizar a informação e descrever o processo de elaboração de ações dentro da rede.

Existe uma série de variáveis que devem ser levadas em conta para analisar uma rede, começando pelo número de atores, a estrutura, as funções que se realizam, o tipo de relacionamento que existe entre os atores, as pautas de conduta e as relações de poder que predominam. Esta metodologia será utilizada no capítulo 5 na hora de analisar os Pontos de Cultura como organização em rede, tanto em sua gestão com o governo como também sua ação dentro da comunidade.

Van Waarden (1992) apud Chaqués Bonafont (2004) identifica como importante para definir a estrutura de uma rede as seguintes variáveis:

- a) O tamanho da rede
- b) Os limites de entrada a participantes novos
- c) O tipo de participação entendida pela capacidade dos participantes de escolher se desejam ou não participarem na decisão e gestão de um problema concreto.
- d) O tipo de união
- e) Frequência e duração da relação
- f) Densidade e multiplicidade. O grau em que os atores participam de relações múltiplas
- g) Simetria ou reciprocidade na interconexão
- h) Divisão ou diferenciação em subgrupos ou redes específicas
- i) O tipo de coordenação das tarefas que se realizam
- j) A natureza das relações (conflito, cooperação, competência e estabilidade).

Várias questões surgem a partir da possível definição das dimensões para analisar os Pontos de Cultura como modelo de rede cultural no Distrito Federal: quais atores deveriam ser considerados? Quais as funções e grau de relacionamento entre eles? Qual o interesse na participação dentro de uma rede conhecendo que os objetivos podem diferir? O governo aqui já seria um ator incluído considerando que é ele quem, por meio do Programa Cultura Viva,

institui diretrizes para alcançar os objetivos como também é quem disponibiliza recursos para o desenvolvimento das ações.

Não se espera que uma rede cultural possua um único sentido. A conformação e consolidação de uma rede cultural para o Distrito Federal poderá ter diversas questões a resolver, mas também poderá se enriquecer pelas trocas entre os atores, o resultado pode ser imprevisível pela mesma natureza da estrutura de uma rede. Toni Puig, especialista espanhol em gestão cultural e marketing urbano destacava, em um seminário sobre cultura e participação cidadã¹⁴, a importância do fazer colaborativo partindo da premissa de que as cidades precisam do *seguro* e do *improvável* para construir um fluxo produtivo no desenvolvimento cultural. O seguro seriam as instituições públicas, as privadas, as agendas, os planos e diretrizes, os programas de financiamento, etc. O improvável são as formações espontâneas que nascem dos próprios cidadãos ou das organizações sociais. As duas instâncias serão necessárias e quem possibilita esse tipo de interação são as organizações em rede, porém será de sumo valor levar em conta o tipo de aliança que deveria existir entre os atores.

Na análise realizada por Kauchakje et al (2006) foram identificados diversos tipos de alianças baseadas nas interrelações dos integrantes. Essas alianças podem ser: i) Aliança ideológica em que os agentes sociais compartilham valores, ideias, concepções políticas, causas sociais, ii) Aliança temática na qual os integrantes atuam no mesmo campo temático sem existir a necessidade de compartilhar valores ou causas sociais, iii) Aliança em projetos baseada na cooperação mútua em programas, projetos, ações e iniciativas conjuntas. Neste caso a rede dos Pontos de Cultura pode ter múltiplas alianças, já que, por ser uma rede de arte e cultura, leva consigo implicações ideológicas e práticas.

Uma organização conformada sob uma estrutura em rede, além das diversas tipologias que podem existir, deveria se comportar como um tecido de relações flexíveis em que seja prioritária a possibilidade de se estender e se adequar conforme o objetivo ou sentido que se manipule na rede. Inclusive, sabendo que podemos tomar emprestados conceitos de redes extraídos do campo das matemáticas ou estatísticas, o mais importante é delimitar ou especificar nosso espaço de ação para conseguir nos basear em conceitos que nos ajudem na compreensão das redes do ponto de vista social, isto é, como a organização em rede influencia

¹⁴ Conferência internacional. *Cultura Colaborativa: Nueva agenda para la cultura en las ciudades desde las aportaciones del sector civil creativo*. Realizado pela Direção do Audiovisual, a Fonografia e as Novas mídias do Ministério da Cultura do Peru. 2 de setembro de 2013.

nas relações humanas e reconfigura novos hábitos e novos espaços que por sua vez solicitam novos meios para se desenvolverem.

É uma realidade que os recursos tecnológicos de uma cidade e as políticas geradas para um uso consciente vão depender em primeiro lugar do grau de maturidade do governo, porém ao compreender a potencialidade das redes dentro do desenvolvimento de uma cidade conseguimos visualizar que muitas vezes as ações geradas que têm repercussões profundas dentro da sociedade não vêm da hierarquia institucional, mas sim do tecido social. As TICs ampliam e potencializam as possibilidades da rede, contudo a responsabilidade da ação continua sendo do comprometimento do cidadão que, no fundo, tem a ver com a compreensão sobre qual seu papel dentro da cidade.

Como se especificou no ponto 3.3 esta capacidade característica da sociedade contemporânea, que emerge como sociedade da informação e se apoia na tecnologia como ferramenta potencializadora das redes, é um estágio prévio à cidadania digital.

A compreensão do papel das redes dentro da sociedade da informação é o ponto de partida para uma compreensão maior do conceito de Cidade Digital dentro do contexto desta pesquisa.

3.4. A Cidade Digital

As Tecnologias da Informação e Comunicação estão sendo consideradas como um dos pilares da sociedade contemporânea, sua inserção gera novas práticas de interação e participação por parte do cidadão, ele tem a possibilidade de não só acessar a informação mas também produzir e isso traz repercussões em várias áreas no desenvolvimento de uma cidade. Para Lemos (2007) essas novas práticas formam uma nova urbanidade que ele chamará de Ciberurbe e que na verdade se aproxima da definição que se pretende abordar aqui.

Existem várias acepções que podem ser extraídas quando falamos de Cidade Digital, as fronteiras do seu conceito ainda não estão definidas. Particularmente aqui não faremos referência à Cidade Digital como portal de serviços do governo, ou como realidade virtual ou de simulação de uma cidade, essas instâncias podem formar parte de uma Cidade Digital, mas o conceito é considerado mais abrangente do que uma abordagem tecnológica ou de interface; envolve também as repercussões que traz para o desenvolvimento do cidadão e a possibilidade de uma nova forma de exercer a cidadania, tendo a cultura como o ponto de apoio principal neste processo.

Uma das primeiras experiências que pode ser considerada o começo das Cidades Digitais é a plataforma surgida em Amsterdã. No início servia como uma plataforma de relacionamento em que os cidadãos, além de ter uma prática social na plataforma, discutiam inquietudes ou problemáticas referentes à cidade, e mais tarde se transformou num canal de comunicação entre o município e os cidadãos. Ainda assim, mesmo que respondesse em vários casos a situações reais, não estava vinculada cem por cento a servir como apoio da cidade real.

Um dos primeiros projetos de Cidade Digital que foi desenvolvido realmente como extensão da cidade real foi Digital City Kyoto. Nesse enfoque, a definição de Toru Ishida (2002) poderia ser considerada ainda vigente para descrever as perspectivas das Cidades Digitais:

O conceito de cidade digital é o de construção de uma arena na qual pessoas em comunidades regionais possam interagir e partilhar conhecimento, experiências e interesses mútuos. Cidades digitais integram a informação urbana (ambas alcançáveis em tempo real) e criam espaços públicos na Internet para pessoas vivendo ou visitando as cidades. (ISHIDA, 2002).¹⁵

Por outro lado o urbanista Zancheti (2001) identifica as Cidades Digitais como “um sistema de pessoas e instituições conectadas por uma infraestrutura de comunicação digital (a Internet) que tem como referência uma cidade real” e assinala que alguns dos objetivos comuns que as Cidades Digitais compartilham são: *i*) criar um espaço de manifestação política e cultural das pessoas e grupos; *ii*) criar um canal de comunicação entre as pessoas e grupos; *iii*) criar canais de comunicação e negociação entre a administração municipal e os cidadãos; *iv*) favorecer uma maior identificação dos moradores e visitantes com a cidade referência; *v*) criar um acervo de informações das mais variadas espécies e de fácil acesso sobre a cidade referência.

Tendo como base os conceitos citados sobre Cidade Digital, corresponde nos questionar de que forma essa capacidade comunicadora e nucleadora de uma cidade digital poderia ser aproveitada e aplicada no campo da arte e da cultura de uma cidade. Os mesmos pontos apresentados por Zancheti poderiam ser pensados como pontos para desenvolver uma melhor fluidez no setor criativo: criando um espaço de manifestação tanto para os produtores quanto os consumidores, criando um canal de comunicação não apenas entre público e artistas, mas também entre instituições, governos e gestores particulares, gerando assim um

¹⁵ Tradução livre de “The concept of digital city is to build an arena in which people in regional communities can interact and share knowledge, experiences, and mutual interests. Digital cities integrate urban information (both achievable and real time) and create public spaces in the Internet for people living/visiting the cities.”

espaço que pode reforçar, por exemplo, as expressões mais características da cidade como também refletir a dinâmica dela.

3.5. As Cidades Digitais do Brasil

Embora estejamos definindo os parâmetros da Cidade Digital é importante destacar que não se pode pensar nela como uma cidade paralela à real, mas como complemento da urbanidade que abre caminho para o vínculo social e para uma possível democratização da informação desde que gerada pelo cidadão em colaboração com outros. A Cidade Digital pode ser considerada como uma das dimensões do espaço geográfico de uma cidade. Em vez de pensar no ciberespaço, talvez o termo mais apropriado seja falar de “expansão”.

As cidades digitais emergem como uma alternativa para potencializar o território de modo a complementar a organização das cidades reais situando a população na sociedade do conhecimento com vista à inclusão (SILVA, 2004). A cidade digital já não é uma outra cidade ou uma cidade virtual mas sim uma expansão onde as interações entre os cidadãos se modificam e as redes tomam uma nova concepção quando potencializadas pelas TICs.

O Brasil já conta com experiências, no que diz respeito à implementação de serviços para os cidadãos por meio das TICs, num estágio inicial do que poderia ser considerado como Cidade Digital. Contudo, e não é apenas no Brasil, são processos que ainda estão na etapa de experimentação e que precisam de uma contínua revisão e de um estudo aprofundado sobre como fusionar de forma efetiva duas esferas como as TICs e as relações humanas.

O Índice Brasil de Cidades Digitais 2012 (IBCD), realizado pela Fundação CPqD (Centro de Pesquisa e Desenvolvimento) em parceria com Momento Editorial, apresentou o grau de digitalização dos municípios brasileiros sobre uma amostra de 100 cidades. Para isso pontuaram as cidades levando em conta 9 critérios: *i)* presença de equipamentos primários, *ii)* acesso público à internet, *iii)* cobertura geográfica e conexão, *iv)* acessibilidade, usabilidade e inteligibilidade, *v)* banda, *vi)* serviços públicos e privados, *vii)* integração de serviços públicos, *viii)* integração de comunidades e novo espaço público, *ix)* integração de cidades, estados e países. A partir desses critérios, segundo a pontuação obtida, as cidades se posicionam num dos 6 níveis de digitalização, Quadro 1, estabelecidos pelo IBCD, sendo o nível 1, *Acesso Básico*, o patamar mínimo que uma cidade em vias de digitalização pode apresentar e o nível 6 o mais alto e considerado como “*pleno*” já que seria o estágio onde *as cidades reúnem a plenitude dos recursos digitais permitidos pelos arranjos sociais,*

econômicos, políticos e tecnológicos. Nesta amostragem as primeiras dez cidades colocadas foram: Curitiba (PR), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Vitória (ES), Campinas (SP), Anápolis (GO), Sorocaba (SP), Porto Alegre (RS), Jundiaí (SP), Guarulhos (SP) e Santos (SP).

Quadro 1. Níveis de cidades digitais considerados pelo Índice Brasil de Cidades Digitais

Nível 1 Acesso básico	Patamar mínimo que uma cidade em vias de digitalização pode apresentar. São cidades que dispõem de infraestrutura e de serviços de telecomunicações, mas com limitação de pontos de acesso e de banda de transmissão. Em geral, não têm provedor local de acesso às redes digitais (ISP) e as conexões são por meio de ligações conurbadas ou de longa distância, com baixas taxas de transmissão, o que representa uma forte barreira à Sociedade da Informação.
Nível 2 Telecentros	Neste nível, no qual a população já conta com ISPs, há telecentros para acesso público à internet, mas com recursos mínimos de acessibilidade, como instalações físicas adequadas a cadeirantes. Todavia, o número de telecentros é limitado e há restrições de banda, tanto no acesso (em parte ainda é discado) como no backbone.
Nível 3 Serviços eletrônicos	Neste nível, em geral, as cidades tendem a oferecer cobertura total para acesso público, ou seja, há telecentros distribuídos em toda a sua extensão territorial; os recursos de acessibilidade e usabilidade são mais presentes e possibilitam que pessoas com baixo nível de letramento ou portadoras de deficiência possam ter as barreiras de acesso diminuídas.
Nível 4 Pré-integrado	Neste estágio, em geral, a cobertura é total e sem limitação de banda para o acesso público; os serviços públicos encontram-se integrados em um único ambiente virtual, compondo uma plataforma de governo eletrônico que integra todas as esferas e poderes. Neste tipo de cidade, alguns serviços privados são providos em ambiente virtual.
Nível 5 Integrado	É caracterizado por um alto grau de digitalização, com cobertura total tanto para o acesso público quanto para o individual. Ao invés de um portal para cada serviço ou aplicação, nestas cidades, os serviços são integrados. Há uma ampla gama de serviços privados em ambiente virtual; as comunidades também são integradas e há ganhos em termos culturais e do exercício da cidadania.
Nível 6 Pleno	Além de todos os avanços apontados nos níveis anteriores, neste estágio as cidades reúnem a plenitude dos recursos digitais permitidos pelos arranjos sociais, econômicos, políticos e tecnológicos. Neste patamar, os serviços públicos e privados, integrados, criam um espaço virtual que se justapõe à cidade real. As novas tecnologias de comunicação e informação passam a fazer parte das construções que passam a ser inteligentes e interligadas em rede.

Fonte: Índice Brasil Cidades Digitais 2012. <<http://wirelessmundi.inf.br/indice-edicao-n-9>>

Contudo, nenhuma dessas dez cidades passaram do nível 3 de digitalização, o que é um dado que chama a atenção na hora de estudar as possibilidades de acesso e a democratização para o cidadão. Compreende-se que não se trata apenas de avanços tecnológicos, mas de políticas que regulem tanto o acesso aos serviços de comunicação quanto políticas e diretrizes que incentivem a participação do cidadão. Possibilitar o acesso ao cidadão não é apenas disponibilizar serviços da administração pública ou mais pontos de acesso à internet. Quando falamos de acesso para o cidadão estamos nos referindo à possibilidade de se apropriar das TICs e aproveitar as vantagens delas para conseguir fazer

cumprir seus direitos, tornando-o mais independente na hora de escolher como participar em diversas áreas, essa é uma das características da Cidade Digital à qual estamos nos referindo.

No primeiro ranking de Cidades Digitais de América-latina¹⁶ (2009) realizado por Motorola e Convergência Research as categorias de análise para estudar os níveis de digitalização dos diferentes municípios eram i) administração pública, ii) saúde, iii) educação e iv) segurança. No último ranking da Motorola¹⁷ (2011) cresceu o número de cidades consideradas dentro do estudo, mas não houve uma evolução quanto às categorias. São Paulo foi o primeiro posicionado no ranking do 2009 continuando dentro das “cidades líderes” no resultado do 2011.

No momento de analisar o grau de digitalização das cidades, dever-se-ia também incluir outras áreas que têm também como objetivo melhorar a qualidade de vida, a comunicação e a identidade da cidade. Estamos nos referindo especificamente à categoria “Arte e Cultura” que, muitas vezes considerada como ócio, envolve mais que simples entretenimento, ela diz respeito a quem somos como comunidade e nos apresenta e diferencia diante do mundo. Já estava contemplada no livro verde da sociedade da informação no Brasil (2000) a importância da identidade cultural local como elemento principal na evolução da sociedade da informação:

Assim, a preservação da identidade nacional, na sociedade global, é decisiva para a capacitação em assuntos culturais, artísticos, científicos e tecnológicos, com suas claras dimensões econômicas. Portanto, questão estratégica nas políticas e programas de inserção na sociedade da informação é – além de cuidar do uso adequado das tecnologias – aumentar a quantidade e a qualidade de conteúdos nacionais que circulam nas redes eletrônicas e nas novas mídias. O amparo às identidades culturais nos novos meios resultará em benefícios evidentes, na forma de incremento da atividade econômica em geral e de desenvolvimento da cidadania. (LIVRO VERDE, 2000, p.8)

O resultado dos rankings, apresenta certo crescimento no nível de digitalização de serviços para o cidadão, especialmente na administração pública, e talvez ainda possa ser compreensível que as categorias levadas em conta sejam em primeiro lugar a educação, a saúde e a segurança, como necessidades básicas de uma cidade, contudo como perspectiva para a presente pesquisa, se pretende analisar, dentro do contexto da Cidade Digital qual o estágio da categoria arte e cultura, que não foi especialmente detalhada dentro dos rankings.

16

http://ciudadesdigitales.convergencia.com/docs/ranking_motorola_ciudadesdigitales2008_2009_resumen_ejecutivo_etapa1.pdf

¹⁷ <http://newsroom.motorolasolutions.com/imagelibrary/downloadmedia.ashx?MediaDetailsId=1652>

Percebem-se duas questões importantes a serem levadas em conta, por um lado as possibilidades da arte e a cultura dentro do desenvolvimento da cidade digital, que ainda não são consideradas como parâmetro e por outro lado a situação do Distrito Federal quanto ao nível de digitalização em que se encontra, já que não aparece dentro dos rankings apresentados, o que nos leva de forma obrigatória a estudar sua situação para sabermos se é uma cidade com possibilidades de implementar as TICs em diversas áreas e especificamente nas áreas da arte e da cultura, reconhecendo que o cidadão precisa de espaços para se manifestar, criar e compartilhar.

A partir do exposto, seguimos para uma reflexão sobre o papel da arte e da cultura neste contexto, e para isso é importante reforçar novamente a compreensão da arte de forma ampliada, possível, dentro de um campo maior que vai além da ideia tradicional. Compreendemos que é a partir dessa ampliação que será possível entender o papel da arte e da cultura na dinâmica de uma cidade, sendo visível a importância de seu aporte não apenas no capital simbólico dela, mas também em outras esferas da vida do homem. Assim como Guerreiro (2006) destaca a cidade, na era de informação, como a protagonista da história humana e da sociedade em rede, Toni Puig (Gestor Cultural, criador do conceito Marca-cidade) em uma palestra sobre cultura e participação cidadã (Lima, 2013), definiu o papel da cultura como o eixo vertebral no desenho da cidade contemporânea. O contexto hoje apresenta um campo a ser explorado, que não poderia ter sido pensado em outros tempos, é hoje que se cruzam as condições para pensar na concreção de uma interação em rede surgida na sociedade civil, porém é importante analisar com que tipo de estrutura, social e tecnológica, conta a cidade de Brasília e as Regiões Administrativas para atingir essa dinâmica.

Capítulo 4. Contexto socioeconômico e infraestrutura tecnológica como bases para o desenvolvimento de uma rede cultural do DF

Este capítulo tem como objetivo descrever concretamente a infraestrutura tecnológica e o contexto socioeconômico no Distrito Federal, apresentando dados que conformarão o contexto real no qual, futuramente, se pretende analisar a possibilidade de uma rede cultural. Segundo Guerreiro (2006), para se avaliar uma cidade, é preciso compreender vários aspectos como: *i) sua vocação econômica, ii) a identidade cultural de seus habitantes, iii) a infraestrutura básica de desenvolvimento socioeconômico; iv) o índice de desenvolvimento humano (IDH) e, v) a organização geopolítica e a distribuição do poder.*

A partir dessa afirmação, pretende-se analisar tais aspectos apresentando indicadores que nos possibilitem ter dados sobre a situação da estrutura atual do DF, possibilitando desta forma ter uma visão sistêmica do contexto sobre a realidade da sociedade local e sua posição em relação ao restante do país.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Atlas do Censo Demográfico 2010 contempla as transformações mais destacadas no que diz respeito à dinâmica da população brasileira, nele expõe, além dos indicadores socioeconômicos, os fluxos da população dentro do território. Segundo o IBGE no mapeamento realizado, no qual são identificados os centros urbanos que atuam como focos de atração, se percebe uma redistribuição da população nos últimos dez anos que demonstra a emergência da região Centro-Oeste, sendo que Brasília e Goiânia se destacam por apresentarem os maiores resultados no saldo migratório; e cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, mesmo que o volume de migrantes ainda seja significativo, já não podem ser considerados os únicos grandes polos de atração do país.

Partindo do entendimento que o Distrito Federal não é um estado e que, por conseguinte, só está composto por um município (Brasília) e no seu entorno por Regiões Administrativas chamadas de Cidades Satélites, na hora de começar a fazer uma análise de sua situação nos encontraremos por momentos comparando o Distrito Federal com outros estados e às vezes com outros municípios. Inclusive em muitas ocasiões sentindo falta de indicadores mais específicos no que tange a artefatos culturais dentro do Distrito Federal.

Como dito anteriormente no ponto 3.2, as cidades se conformam e têm características particulares dependendo de sua geografia e dos fatores de desenvolvimentos socioeconômico das mesmas. Brasília, fundada em 1960 como capital político-administrativa do Brasil, não foge de estar influenciada por outros fatores além dos previstos em seu planejamento. Dentro

do Distrito Federal as estratégias e planos a serem levados em conta para preservar a cultura e fomentar a interação entre o governo e a sociedade civil terá uma perspectiva diferente das outras unidades da federação, onde cada cidade corresponde a um município. Não se deve esquecer que o Distrito Federal tem apenas 50 anos de existência e os hábitos dos cidadãos são resultado da convivência de diferentes culturas provindas de diversos pontos do Brasil, característica que pode ser considerada como positiva se pensarmos na mistura resultante de tais cruzamentos.

Contudo, necessita-se de aprofundamento para visualizar como está conformada a sociedade do Distrito Federal, quais seus níveis de acesso e posse de bens duráveis, por exemplo, qual a média do salário mínimo e outros indicadores que serão acrescentados com a finalidade de criar um perfil do cidadão do DF que também nos apontará uma visão geral das possíveis desigualdades e proximidades.

4.1. Análise do contexto socioeconômico do DF

O Distrito Federal, segundo a Pesquisa Distrital por amostra de Domicílios (2011), está conformado por 51% de migrantes originários do Nordeste, 27,65% do Sudeste e 13,88% originários da Região Centro-Oeste. A maior parte dos migrantes veio por questões de trabalho, em busca de uma nova possibilidade que abrisse caminho para um maior desenvolvimento econômico. O DF teve assim um crescimento demográfico que superou o previsto, o que fez com que as regiões administrativas vicinais fossem crescendo, conformando até hoje um total de 30 RAs (Regiões Administrativas). Milton Santos (1973) faz uma referência sobre a particularidade do crescimento de Brasília e das cidades que foram formando-se de maneira espontânea nos arredores, segundo a planificação não estava prevista nenhuma cidade satélite, porém a primeira cidade que surgiu foi chamada Cidade Livre, conhecida hoje, por Núcleo Bandeirante. Segundo o autor, constituiu no início uma cidade provisória dos pioneiros, talvez como oposição à grande cidade planejada ou por afirmação da total liberdade dos habitantes. Isto nos faz reforçar a ideia de que mesmo sendo uma cidade planejada, a partir do momento que os cidadãos começam a habitar os espaços, são inesperados os modos como eles se apropriam dos mesmos e ao mesmo tempo as necessidades que vão surgindo a partir dessa nova convivência com o espaço e com outros habitantes. Uma cidade pensada para abrigar a administração política e administrativa, planejada sob uma ambiciosa perspectiva arquitetônica, que lhe valeu a nomeação de

Patrimônio Cultural da Humanidade, em consequência deveria trabalhar em prol de um forte planejamento sobre desenvolvimento de outras áreas, que, no final das contas, influenciam na qualidade de vida e formação do cidadão.

Atualmente alguns dados nos permitem ter uma visão geral sobre como está o Distrito Federal na área de educação quando comparado com outras unidades da federação, tomando como referência o Sistema de Indicadores Sociais 2012 do IBGE que está baseado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2011 (PNAD), conjuntamente com a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio 2011 realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), o Governo do Distrito Federal (GDF) e a Secretaria de Estado de Planejamento e Orçamento do Distrito Federal (SEPLAN). O IBGE, dentro de seus indicadores sociais vê a educação como “a principal janela de oportunidade existente nas sociedades democráticas, sendo condição necessária para a inserção profissional e principal mediadora na transmissão de *status* entre as gerações” (Seção Educação. Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira, 2012).

Analisando as fontes da Tabela 1, pode-se dizer que o Distrito Federal possui resultados positivos referentes à frequência a estabelecimentos de ensino, especialmente no ensino superior, quando comparado com outros estados, segundo os dados do IBGE (2011).

Tabela 1. Taxa de frequência líquida a estabelecimento de ensino, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas

Grandes Regiões, Unidades de Federação e Regiões Metropolitanas	taxa de frequência líquida a estabelecimento de ensino da população residente de 6 a 24 anos de idade, por grupos de idade e nível de ensino (%)		
	6 a 14 anos, no ensino fundamental	15 a 17 anos, no ensino médio	18 a 24 anos, no ensino superior (1)
Brasil	91,9	51,6	14,6
Norte	90,0	41,2	10,4
Roraima	91,6	55,1	25,9
Nordeste	90,8	42,6	10,4
Região Metropolitana de Fortaleza	92,5	54,7	15,5
Sudeste	93,0	59,6	16,1
Região Metropolitana de Belo Horizonte	94,7	58,0	17,6
Sul	92,5	55,1	18,6
Paraná	93,1	58,5	19,9
Centro-Oeste	92,2	56,8	19,7
Distrito Federal	91,5	61,6	25,6

(1) Exclusive mestrado e doutorado

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 2011

Contudo, se analisamos os dados particulares dentro do Distrito Federal, segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio 2011, encontraremos que o analfabetismo, embora em baixo nível, está presente em 3,7% da população e que o percentual da população com o ensino Fundamental incompleto é de 29,33%.

Verifica-se uma relação direta entre o nível de escolaridade e as Regiões Administrativas, o DF possui uma média do 15,87% de população com Ensino Superior completo, porém quando realizada a comparação entre as regiões encontra-se uma notável desigualdade nos resultados, Tabela 2. O Lago Norte tem um percentual de 63,23% entre os habitantes que possuem ensino Superior completo, enquanto Itapoã tem apenas 0,52%. Estas porcentagens estão também estreitamente vinculadas à renda média mensal das Regiões Administrativas.

Tabela 2. Nível de escolaridade por Unidade de Federação e Regiões Administrativas

Distrito Federa e Regiões Administrativas	Nível de Escolaridade						
	Médio incompleto	Médio completo	Superior incompleto	Superior completo (1)	Crianças de 6 a 14 anos fora da escola	Não Sabe	Menores de 6 anos fora da escola
Valores Relativos (%)							
Brasília	4,70	15,75	11,60	49,71	0,00	0,06	2,32
Gama	11,20	22,94	6,71	10,31	0,00	0,10	3,95
Taguatinga	8,62	25,15	10,06	17,11	0,00	0,27	3,15
Brazlândia	10,85	19,05	4,57	4,74	0,00	0,21	5,34
Sobradinho	8,64	24,91	9,72	18,70	0,00	0,04	3,37
Planaltina	10,67	19,20	4,23	4,39	0,00	0,03	5,56
Paranoá	10,72	17,10	3,74	3,28	0,00	0,04	6,09
Núcleo Bandeirante	7,11	26,31	10,84	18,91	0,05	0,05	3,78
Ceilândia	10,43	20,19	5,20	4,56	0,02	0,74	6,00
Guará	6,84	25,84	12,16	23,69	0,00	0,13	3,20
Cruzeiro	6,38	25,51	12,30	28,80	0,00	0,10	2,68
Samambaia	10,90	20,72	5,29	3,99	0,00	0,12	5,38
Santa Maria	11,00	25,06	4,82	4,45	0,03	0,06	4,02
São Sebastião	11,21	19,36	3,19	2,44	0,22	0,30	6,15
Recanto das Emas	11,51	20,46	4,39	2,15	0,03	0,38	7,45
Lago Sul	3,49	10,85	9,00	59,71	0,00	0,16	1,37
Riacho Fundo	8,95	25,70	8,51	9,09	0,09	0,13	4,90
Lago Norte	1,98	9,19	11,92	63,23	0,00	0,00	2,15
Candangolândia	10,00	26,63	8,15	9,08	0,06	0,00	3,66
Águas Claras	7,17	18,61	12,32	30,50	0,00	0,00	5,02
Riacho Fundo II	11,98	23,56	4,67	3,94	0,09	0,35	5,27
Sudoeste/Octogonal	3,85	9,55	9,92	59,60	0,00	0,05	4,32
Varjão	11,13	15,19	3,57	1,79	0,07	0,13	5,78
Park Way	5,48	14,60	10,96	42,25	0,00	0,00	3,04
SCIA-Estrutural	11,08	12,52	1,74	0,55	0,10	0,20	8,75
Sobradinho II	9,56	21,88	7,88	15,50	0,05	0,27	5,44
Jardim Botânico	4,31	12,94	11,21	47,27	0,00	0,06	3,57
Itapoã	10,07	11,97	1,26	0,52	0,04	0,26	10,50
SIA	12,34	23,98	5,47	10,95	0,00	0,00	5,47
Vicente Pires	8,80	20,71	11,62	18,89	0,04	0,04	4,27
Distrito Federal	9,12	20,16	7,33	15,87	0,02	0,23	4,83

(1) Inclui Especialização, mestrado e doutorado

Fonte: CODEPLAN, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio, 2011

O IBGE (Síntese de Indicadores Sociais 2012) na introdução do capítulo sobre Educação já especificava que as características socioeconômicas das famílias são os principais determinantes, tanto do desempenho escolar como também nas chances de progressão ao longo da trajetória escolar.

Educação e cultura não são temas independentes, complementam-se, ainda porque as manifestações artísticas e culturais poderiam ser consideradas como um ponto de confluência e de abertura com o objetivo de trabalhar esses aspectos de desigualdade. É na cultura e por meio dela que se vislumbra um norte para equilibrar as desigualdades ou, pelo menos, esse

seria um dos pontos nos quais uma rede cultural formada pela sociedade civil deveria trabalhar, em conjunto com outros atores do Estado.

Por um lado, temos resultados positivos, se comparado com as médias de outros estados e do país, inclusive pode-se dizer que o Distrito Federal tem os mesmos níveis de vida que as cidades mais desenvolvidas localizadas no Sudeste brasileiro, mas por outro lado, as desigualdades existentes dentro do Distrito Federal não podem ser desconsideradas dentro deste estudo quando o foco está nas possibilidades de exercer, também por meio da cultura, os direitos dos cidadãos.

Como se especificou anteriormente, a formação do cidadão brasileiro tem uma relação com a condição econômica, e também nesse aspecto o DF apresenta resultados que se destacam da média nacional. Segundo o IPEA¹⁸, enquanto para Brasil a renda familiar *per capita* no ano 2009 era de R\$ 631,7, para região Centro-Oeste era de R\$ 756,5 e no caso do Distrito Federal, R\$ 1.326,2. A Pesquisa Distrital apresenta dados aproximados no período 2011, publicando que a renda média da população do DF era de R\$4.640 (8,52 salários mínimos) e a renda *per capita* era de R\$1.318,85 (2,42 SM). A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (PDAD) especifica que a renda média domiciliar mais alta foi encontrada no Lago Sul, Lago Norte, Park Way e Sudoeste/Octogonal, enquanto a mais baixa foi verificada no SCIA-Estrutural, Itapoã e Varjão (2,32 SM, 2,49 SM e 2,89 SM respectivamente), Figura 2.

¹⁸ Dados apresentados pelo IPEA em Situação Social do Distrito Federal 2012

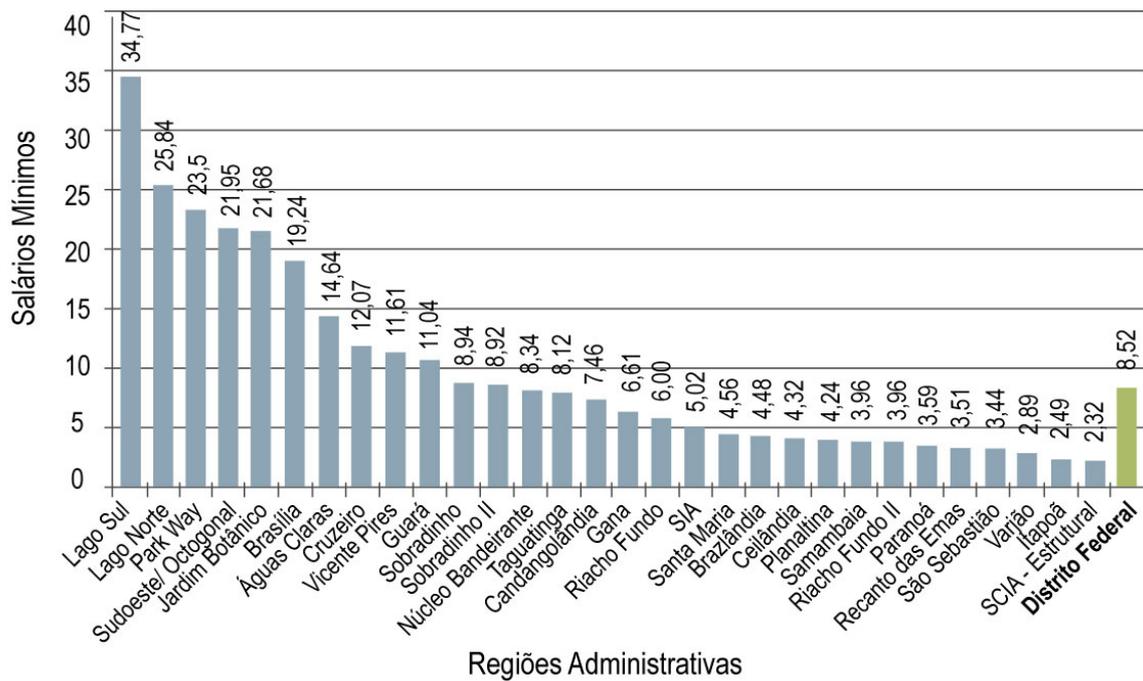


Figura 2. Renda Domiciliar Média Mensal em Salários mínimos segundo as Regiões Administrativas- Distrito Federal 2011

Fonte: Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio 2011.

O valor da média do DF é elevado, porém “ao desagregar os dados em nível de Região Administrativa, um novo contexto aparece, evidenciando o elevado nível de desigualdade interna existente no DF e mensurado pelo Coeficiente de Gini¹⁹, de 0,510” (PDAD 2011, p.28).

A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio (2011) faz uma conclusão objetiva quando admite que as desigualdades sociais e econômicas requerem uma presença e atenção efetiva por parte do Estado. Isto não significa apenas aumento de renda mas também desenvolvimento de estratégias que consigam dar conta da realidade específica de cada Região Administrativa.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em parceria com o IPEA e a Fundação Pinheiro publicou o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, disponibilizando dados referentes ao índice de desenvolvimento humano dos municípios brasileiros. Dentro do Distrito Federal, percebe-se um avanço nos últimos 10 anos no índice de desenvolvimento humano (IDH). As pesquisas realizadas tinham como objetivo estudar três dimensões gerais: longevidade, educação e renda, levando em conta outros indicadores

¹⁹ O Coeficiente de Gini representa uma medida descritiva da classificação da renda, mensurando as suas diferenças, variando de “zero” que representa a igualdade perfeita a “um” que significa a desigualdade perfeita.

para complementar os resultados. Neste caso, Brasília e as RAs foram consideradas como uma única cidade, possibilitando fazer comparações com outros municípios. Segundo o PNUD, o desenvolvimento humano é um processo de ampliação das liberdades das pessoas, que inclui dinâmicas sociais, econômicas, políticas e ambientais necessárias para garantir o exercício pleno de seu potencial, isto nos leva a pensar que a obtenção de uma renda mais alta não significa qualidade de vida, se não que é a soma de outros fatores que permitem analisar este resultado, como por exemplo, participação, cultura, ambiente, política e legislações.

Tendo como base essa ampliação de indicadores no momento de analisar uma cidade, o PNUD realizou um Ranking do IDH dos municípios no qual Brasília se encontra posicionada no nono lugar, dentro da faixa de Desenvolvimento Humano Muito Alto, sendo que entre os anos 2000 e 2010 a dimensão que mais cresceu, segundo essa análise, foi a de educação.

Tabela 3. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal e seus componentes- Brasília-Df

IDHM e componentes	1991	2000	2010
IDHM Educação	0,419	0,582	0,742
% de 18 anos ou mais com ensino fundamental completo	52,13	59,48	72,32
% de 5 a 6 anos frequentando a escola	44,63	74,30	92,46
% de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental	54,46	76,85	88,32
% de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo	31,07	49,23	66,32
% de 18 a 20 anos com ensino médio completo	20,34	29,93	53,48
IDHM Longevidade	0,731	0,814	0,873
Esperança de vida ao nascer (em anos)	68,87	73,86	77,35
IDHM Renda	0,762	0,805	0,863
Renda per capita (em R\$)	916,00	1.199,44	1.715,11

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 – Perfil do Município de Brasília

Os dados antes apresentados do IBGE, PDAD e IPEA se complementam com estes últimos do IDH, afirmando que Brasília apresenta uma evolução nas dimensões principais que compõem o fortalecimento da qualidade de vida dos cidadãos, porém é importante descobrir se essas dimensões se refletem nas possibilidades de crescimento da liberdade de escolha deles. A evolução da educação, renda e saúde é uma condição básica que permite avançar em outros aspectos. Não se pode falar de acesso aos bens artísticos e culturais, sobre as necessidades do cidadão de ter maior participação nas políticas culturais se o primeiro patamar não alcança um resultado positivo, ou, dito de outra forma, as possibilidades de

crescimento e aprofundamento na área de cultura de um povo não terá capacidade de evolução se as dimensões principais estiverem enfraquecidas.

O DF possui de fato desigualdades apesar dos resultados positivos, existindo regiões nas quais as dimensões básicas ainda não podem ser acessadas, mas, por outro lado, se levarmos em conta as regiões onde essas dimensões básicas superam a média nacional deveríamos supor que em outras dimensões como cultura, democracia, políticas públicas, acesso a informação, deveria estar também posicionada em um nível superior comparado com outros estados. Na hora de falar sobre desigualdades, abordar o tema de acesso à informação por meio das TICs não é um tema secundário. O acesso não se refere apenas à parte técnica, mas a tudo o que essa ação envolve. Já não se pode pensar no desenvolvimento do cidadão e a prática cidadã sem ligá-la às TICs, já que são elas que abrem novas possibilidades de potencializar o diálogo entre os cidadãos e o estado. No entanto o estado tem um papel fundamental na hora de disponibilizar, e na forma de disponibilizar, infraestrutura e recursos tecnológicos para seus cidadãos.

4.2. Análise dos recursos tecnológicos

Segundo os rankings apresentados, Índice Brasil de Cidades Digitais 2012 e Cidades Digitais de América - Latina Motorola 2011, existem vários municípios que podem ser considerados as primeiras referências dentro do Brasil no que se refere à inserção das TICs no fluxo da cidade, porém o Distrito Federal não foi considerado dentro desses estudos. Segundo os dados do IBGE, do CGI.br e do IPEA a região Centro-Oeste e particularmente o DF apresentariam condições favoráveis para concretizar a aplicação das TICs para o desenvolvimento do cidadão, sendo ferramenta e apoio para a democratização do acesso à informação. Nesse aspecto pensar em um cidadão que não tem acesso à internet, por exemplo, significa um cidadão com menos possibilidades de ser ouvido, com menos ferramentas que lhe permitam interagir e mostrar também sua realidade, ou seja com uma limitação no exercício da cidadania. Para Bustamente (2010) a nova exclusão digital pareceria estar reproduzindo as velhas desigualdades sociais, contudo aquele que sim tem acesso às TICs, de que forma faz uso delas dentro do exercício cidadão? Neste caso o autor vê como possível caminho o desenvolvimento de uma hipercidadania que ele chama de cidadania digital, baseada, entre outros vários elementos, na:

[...] promoção de políticas de inclusão digital, entendendo como inclusão não o simples acesso e compra de produtos e serviços de informática, mas o processo de criação de uma inteligência coletiva que seja um recurso estratégico para inserir uma comunidade ou um país em um ambiente globalizado; o desenvolvimento criativo de serviços de governo eletrônico que aproximem a gestão dos assuntos públicos dos cidadãos. (BUSTAMENTE, 2010, p. 17)

A prática dessa cidadania digital, que pode ser levada para diferentes âmbitos como cultura, educação, saúde, além de ser responsabilidade dos cidadãos e da forma que fazem uso da tecnologia, é também uma responsabilidade do estado e de como ele disponibiliza os recursos para que isso se concretize. Por isso, concordando com Bustamente (2010), a inclusão não se traduz apenas nas oportunidades de acesso, como também se faz necessário apresentar de forma concreta a arquitetura tecnológica e a partir daí pensar nas possibilidades dos cidadãos.

Nesta parte da pesquisa serão apresentados dados que traçam a capacidade tecnológica do Distrito Federal e apresentam os serviços de comunicação disponíveis para os cidadãos. Para isso foi necessário recorrer a fontes que nos permitissem analisar diferentes perspectivas. Por um lado foram consideradas as referências da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) no Relatório Anual 2012 que, como entidade reguladora, acompanha a implementação do Plano Nacional de Banda Larga tendo como missão oferecer à sociedade serviços adequados, diversificados e a preços justos.

Outras referências consideradas foram as pesquisas realizadas pelo Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI) junto com o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC). O CGI neste caso não é um ente regulador, mas visa coordenar e integrar todas as iniciativas de serviços de internet no país, trabalhando com diferentes membros do governo, do setor empresarial, do terceiro setor e da comunidade acadêmica. A pesquisa considerada aqui foi TIC Domicílios 2011, que analisa as tendências do uso das tecnologias no Brasil e por sua vez considera também dados da Anatel e do IBGE para realizar suas pesquisas. Como fonte complementar, embora não sejam estudos específicos de acesso e posse tecnológica, foi considerada a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio 2011 que apresentou porcentagens mais próximas sobre os domicílios do DF, Tabela 4.

Tabela 4. Domicílios ocupados por tipo de serviço de comunicação utilizado

Distrito Federa e Regiões Administrativas	Tipo de serviço de comunicação				
	Internet discada	Internet banda larga	TV por assinatura	Assinatura de jornais	Assinatura de revistas
Valores Relativos (%)					
Brasília	1,08	86,93	67,63	22,81	20,77
Gama	2,96	52,79	19,16	2,05	2,62
Taguatinga	3,25	59,70	21,24	4,23	3,60
Brazlândia	2,79	27,09	7,72	1,31	0,99
Sobr adinho	2,80	62,59	35,64	6,92	5,89
Planaltina	3,03	33,33	10,61	1,17	1,17
Paranoá	1,87	27,72	6,63	1,02	0,51
Núcleo Bandeirante	3,49	61,23	26,79	4,33	3,33
Ceilândia	6,05	30,85	5,59	1,62	2,08
Guará	5,77	64,59	34,41	6,44	6,22
Cruzeiro	6,68	74,29	46,24	7,1	9,35
Samambaia	3,65	35,14	6,85	1,42	0,98
Santa Maria	3,96	42,42	11,19	1,86	1,17
São Sebastião	2,40	28,39	6,78	0,28	0,14
Recanto das Emas	5,36	29,37	4,55	0,58	0,70
Lago Sul	1,31	91,40	80,93	51,59	38,69
Riacho Fundo	4,30	50,00	12,37	2,23	2,06
Lago Norte	5,34	87,85	79,93	37,38	24,31
Candangolândia	4,83	51,26	22,06	2,94	3,57
Águas Claras	3,27	62,97	23,66	10,40	12,38
Riacho Fundo II	4,17	34,83	2,17	0,00	0,67
Sudoeste/Octogonal	4,34	85,03	63,64	21,54	22,10
Varjão	1,03	19,28	2,83	1,03	1,03
Park Way	2,35	77,03	54,61	27,12	22,78
SCIA - Estrutural	1,84	15,54	1,43	0,20	0,20
Sobradinho II	3,66	54,58	31,28	6,32	5,66
Jardim Botânico	3,73	86,34	67,08	16,56	15,53
Itapoã	1,54	11,13	2,40	0,00	0,00
S I A	0,00	48,78	9,76	2,44	0,00
Vicente Pires	7,49	59,46	28,11	6,21	6,50
Distrito Federal	3,78	50,84	24,32	7,00	6,47

Fonte: CODEPLAN, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílio, 2011

A Anatel, além de promover o desenvolvimento das telecomunicações no país atua como reguladora entre os prestadores de serviços e os interesses do cidadão. Desta forma, a agência vem acompanhando a implementação do Plano Nacional de Banda Larga (PNBL - Decreto 7.175/2010), em que, por meio de um acordo, as empresas se comprometeram a disponibilizar acesso banda larga a todos os municípios brasileiros. Até o final de 2012 a oferta de banda larga na região Centro-Oeste abrangia 87,95% dos municípios. Esta região

possui a maior porcentagem de municípios que contam com oferta de serviços de banda larga quando comparada com o resto das regiões do Brasil, Tabela 5.

Tabela 5. Quantidade de Municípios com oferta de Banda Larga

Quantidade de Municípios com Oferta de Banda Larga			
Região	Municípios	Oferta de varejo	Oferta de atacado
Norte	449	138	242
Nordeste	1.794	805	1.302
Centro - Oeste	465	286	409
Sudeste	1.668	960	1.314
Sul	1.188	661	863
Total	5.564	2850	4.130

Fonte: Anatel, relatório anual 2012

Outro projeto acompanhado pela Anatel, Banda Larga nas Escolas, possibilita que alunos de escolas públicas, que talvez não tenham acesso à internet em seus lares possam ter acesso por meio da instituição. No Distrito Federal, segundo a Secretaria de Estado de Educação, o total de escolas públicas é de 656, das quais, segundo os dados da Anatel, até o ano 2012, 584 foram atendidas pelo Projeto Banda Larga nas Escolas. Cabe esclarecer que neste ponto não se pretende analisar de que forma é utilizada a internet dentro do ensino, mas apenas demonstrar que tipo de arquitetura tecnológica existe dentro do DF, para isso, outro dado interessante que evidencia a capacidade dos cidadãos do DF quanto ao acesso dos serviços fala sobre a telefonia móvel. Segundo relatório da Anatel (Relatório 2012), no final de 2012, o Brasil contava com 261,8 milhões de acessos do Serviço Móvel Pessoal (SMP), no entanto a Região Centro-Oeste possuía o maior número de acessos por grupo de cem habitantes (158,6) e especificamente no DF a densidade de acesso a cada 100 habitantes era ainda maior, contabilizando 220,7 de acesso ao Serviço Móvel Pessoal (SMP) a cada cem habitantes.

No que tange à densidade do Serviço de Comunicação Multimídia, segundo a Anatel, no final de 2012, eram 19,8 milhões de acessos do Serviço de Comunicação Multimídia e 65,9 milhões de acessos móveis à internet rápida no Serviço Móvel Pessoal, totalizando 85,7

milhões de acessos banda larga. O DF estava dentro das seis unidades de Federação que possuíam uma densidade maior que a média nacional, Figura 3.

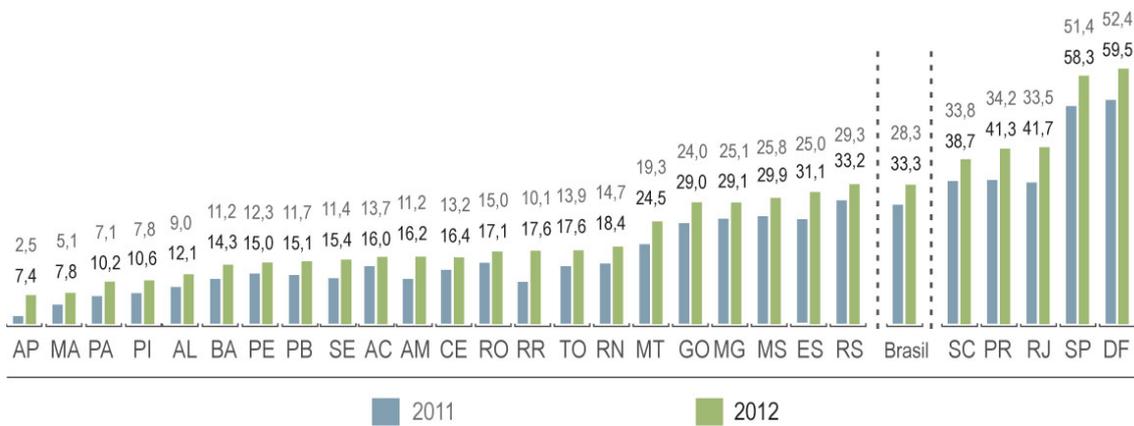


Figura 3. Densidade do SCM (Serviço de comunicação Multimídia) por unidade de Federação (acessos por 100 domicílios)

Fonte: Anatel, relatório 2012

Das regiões do Brasil, a região Sudeste é a que mais se destaca quanto ao acesso e disponibilidade de serviços, contudo, dentro da Região Centro-Oeste, o Distrito Federal tem uma boa cobertura de serviços e demonstrou que a capacidade de acesso à telefonia móvel e Comunicação Multimídia por parte dos cidadãos é maior que a média nacional. Isto, além de estar relacionado com a cobertura tecnológica disponível evidencia também a capacidade econômica dos cidadãos do Distrito Federal e a concretização de um campo possível de desenvolvimento para ações que utilizem as TICs como potencializadoras, ações que estão relacionadas à capacidade dos cidadãos de usufruir essas ferramentas para fazer exercício de seu direito como cidadão.

O Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC) afirma que a universalização da banda larga e a aquisição de competências para o uso efetivo das TICs por parte dos cidadãos, instituições e governo, são elementos fundamentais para um desenvolvimento econômico e social sustentável. Segundo o CETIC os resultados das últimas pesquisas²⁰ refletem um avanço expressivo da presença das TICs nos lares brasileiros e principalmente um crescimento considerável das tecnologias móveis (celulares, notebooks, modem 3G). O CETIC também alerta sobre as desigualdades regionais que impossibilitam ou

²⁰ TIC Domicílios e Empresas 2011: Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil

atrasam o desenvolvimento do uso das TICs no país, identificando o alto custo do serviço de internet como uma das barreiras para o acesso.

O destaque principal apresentado pela pesquisa trata do crescimento de acesso à internet por meio de dispositivos móveis. Embora esteja presente em 18% dos domicílios conectados (Considerando dados de 2011), o Brasil segue a tendência mundial de crescimento de banda larga móvel, Figura 4.

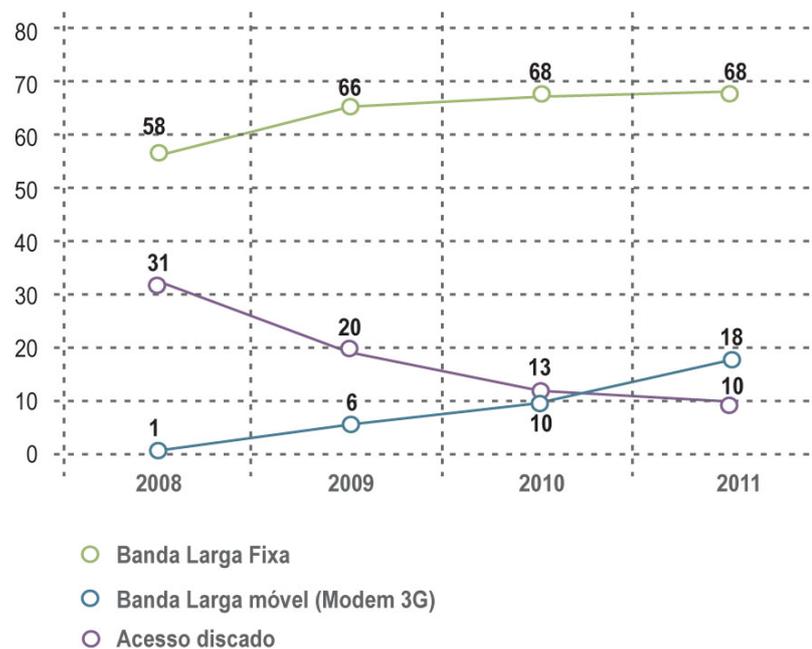


Figura 4. Percentual sobre o total de domicílios com acesso à internet
Fonte: TIC Domicílios e Empresas 2011

Ainda não tendo os dados específicos do DF quanto ao acesso de banda larga móvel. Percebe-se, segundo os dados apresentados no início do capítulo, que o Distrito Federal é um estado com possibilidades de crescimento nesse tipo de serviço se levarmos em conta a capacidade dos cidadãos e da cidade na disponibilidade de recursos. Isto deveria nos levar, conseqüentemente a pensar de que forma o Governo do Distrito Federal aproveita esses recursos existentes para disponibilizar um canal de aproximação com o cidadão, e pensar também se de fato houve uma evolução do e-Gov (Governo eletrônico) nestes últimos anos, lembrando que uma cidade para ser considerada como cidade digital deveria conectar pessoas e instituições com o mesmo objetivo.

A necessidade de se difundir o acesso a novas tecnologias de informação e comunicação foi incorporada à noção de cidadania e participação social, compartilhando-se a visão de que os canais de acesso ao mundo digital não

se restringem apenas aos domicílios, mas incluem as escolas, o governo, instituições de Saúde e os negócios de uma maneira geral (SOUTO et al., 2009 p.67).

A pesquisa sobre TICs no Governo Eletrônico 2010 realizado pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br) traz dados sobre o uso dos serviços administrativos do governo disponibilizados para o cidadão por meio da internet. Contudo esta pesquisa não será levada em conta como referência, em parte devido à amostra reduzida que foi considerada e também porque as conclusões apresentam contradições quando comparadas com outras pesquisas que analisam o grau de digitalização do Governo do DF. Nas análises do resultado, o CETIC.br²¹ declara que 91% dos cidadãos usuários do e-Gov dizem estar satisfeitos ou muito satisfeitos, contudo os usuários do e-Gov entre a amostra escolhida (80 entrevistados) eram apenas 35% e em sua maioria se limitavam a realizar consultas e não transações.

Na mesma análise, o CETIC.br detalha também a dificuldade em encontrar serviços e a impossibilidade de completar transações e receber retornos, o que seria na verdade uma contradição quanto à finalidade de um e-Gov, que o próprio CETIC define como papel fundamental “nos processos de inclusão digital e social dos cidadãos, e no atendimento das demandas da sociedade”. A existência de um baixo número de usuários do e-Gov se deve também à baixa qualidade de serviços oferecidos por este meio, o que faz com que o cidadão ainda continue preferindo o modo presencial para obtenção de serviços. Neste caso não é impossibilidade por parte do cidadão por não saber lidar com a ferramenta, mas a impossibilidade do governo de disponibilizar um serviço à altura dos cidadãos.

O portal do GDF foi analisado no ano 2008 como objeto de estudo da dissertação de mestrado de Cristiane Arakaki²² e em 2013 foi novamente avaliado dentro do Plano de Trabalho de pesquisas do PIBITI²³ tomando os mesmos parâmetros de análise. Como resultado, percebeu-se um certo retrocesso com respeito ao nível de e-Gov, isto é, no ano de 2008, o portal do GDF como canal de interação com o cidadão tinha maior fluidez do que hoje, resultado que não condiz com os avanços tecnológicos e com a necessidade da cultura digital que está em contínuo crescimento. Outro dado interessante para considerar, agora sob a

²¹ Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil. TIC Governo Eletrônico – 2010 (Comitê Gestor da Internet no Brasil – cgi.br).

²² ARAKAKI, C. O Governo Eletrônico como instrumento de aproximação do governo e o cidadão. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília. 2008.

²³ e-governo: avaliação de interfaces digitais e portais governamentais

perspectiva de Brasília e RAs como município, é a análise realizada pelo IBGE sobre os municípios brasileiros²⁴ em que, entre vários indicadores, identifica-se o estágio dos municípios com respeito à informatização, disponibilidade de serviços e transações por meio de seus sites como também a disponibilização do acesso por rede *wi-fi*. Neste caso o município de Brasília não disponibiliza acesso à internet via *wi-fi*, e na Região Centro- Oeste o único Estado que se destaca é Goiás com 44 municípios com internet *wi-fi* garantida pelas prefeituras.

Considerando estes dados, reforça-se ainda mais a ideia de pensar em ações que envolvam o governo, mas que não necessariamente partam dele, a possibilidade de uma rede cultural emergente a partir da sociedade civil poderá levar em conta estratégias e diretrizes do governo, mas a particularidade dela é que será formada em relação às necessidades dos atores envolvidos e inclusive com uma visão otimista, se partimos da base que os cidadãos do Distrito Federal possuem um perfil apto quanto a recursos tecnológicos.

4.3. Indicadores Culturais do DF a partir de fontes estatais

Pode-se considerar positivo no panorama do desenvolvimento cultural no Brasil que nos últimos anos se tem trabalhado em prol de estratégias que ampliaram o conceito da cultura com objetivo de incluir várias áreas que não poderiam se encaixar em outro contexto e que finalmente têm um valor simbólico repercutindo no valor econômico e na cadeia de desenvolvimento do país.

O que se busca a partir dos dados apresentados é analisar as formas de potencializar o desenvolvimento cultural tendo como base a estrutura tecnológica apresentada e a capacidade econômica e de desenvolvimento humano dos cidadãos do Distrito Federal.

Neste ponto, apresentam-se fontes e indicadores sobre o consumo e acesso à cultura por parte dos cidadãos do DF, porém apesar das pesquisas empreendidas, não foram encontrados dados suficientes por parte do governo que nos apresentassem ao menos um mapeamento geral do Distrito Federal e, ainda, que seja direcionado à cultura. O IBGE possui publicações sobre indicadores culturais, que vêm sendo feitas desde o ano 2003, inclusive considera-se interessante a introdução da pesquisa na qual se detalha primeiramente a ampliação do conceito de cultura que possibilitou a classificação das atividades econômicas relacionadas com essa área de forma direta e indireta, no entanto este tipo de análise, por ser

²⁴ Pesquisa de Informações Básicas Municipais. Perfil dos Municípios Brasileiros 2012. IBGE.

ampla em sua classificação, escapa a nosso recorte de cultura já que as atividades consideradas na pesquisa foram estudadas levando em conta a Classificação Nacional de Atividades Econômicas CNAE 1.0 e, dessa forma, uma atividade como fabricação de aparelhos telefônicos também foi considerada como atividade do setor cultural segundo a classificação do IBGE o que pode gerar algum tipo de conflito na hora de considerar a totalidade desses dados para o presente trabalho.

Dessa forma, decidiu-se analisar o Anuário de estatísticas culturais realizado pelo Ministério da Cultura (Cultura em Números, 2ª Edição, 2010), que toma como parâmetro os indicadores do IBGE, mas focando a análise nas dimensões de cultura que têm a ver com a riqueza simbólica e as ações criativas dentro de uma comunidade e do país. Assim, este diagnóstico apresenta números visando consolidar o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC)²⁵.

O anuário divide a pesquisa em cinco áreas: i) Oferta da Cultura, ii) Demanda da Cultura, iii) Indicadores Culturais, iv) Financiamento da Cultura e v) Gestão Pública da Cultura. Novamente existem dentro destes dados lacunas em relação ao Distrito Federal, já que em vários itens culturais foram considerados os percentuais de municípios por Estado, portanto, o Distrito Federal não foi considerado por contar apenas com um município, o que às vezes não deixava claro se possuía ou não os itens relacionados à cultura. Contudo esta primeira abordagem serve como referência dos possíveis itens que poderiam ser estudados para Brasília e para as Regiões Administrativas.

Atualmente o SNIIC está implementando uma plataforma para o levantamento de dados alimentado pelos cidadãos de forma espontânea ao se registrarem como Agentes Culturais ou cadastrar Objetos Culturais. Essa plataforma está ainda em um processo de iniciação, o que nos impossibilita fazer uso dos dados ou chegar a obter uma informação real sobre o que está acontecendo no Distrito Federal.

Compreende-se que além de informação referente a equipamentos culturais, será necessário um aprofundamento que nos possibilite conhecer os hábitos de fruição do cidadão, perceber quais são os pontos cegos da cultura dentro do DF, conhecer os interesses e o perfil dos cidadãos conforme as regiões, já que de alguma forma esses dados nos apontarão uma base fundamental sobre como o cidadão se relaciona com essa área e como fazem uso desses símbolos materiais e imateriais para se apropriar e viver a cidade.

Na edição do Sistema de Indicadores de Percepção Social realizado pelo IPEA no 2011, no capítulo *Percepções e cultura* apresentam uma série de levantamentos gerados a

²⁵Disponível em: <<http://sniic.cultura.gov.br/>> Acesso em 12 de outubro 2013

partir de entrevistas onde foi resgatada, entre vários assuntos, a percepção do cidadão no que diz respeito à oferta cultural e a frequência de práticas culturais. Os resultados possuem níveis diversos nos quais às vezes é contemplada a totalidade dos entrevistados e às vezes os resultados por região. Como dado a destacar no que tange à frequência de práticas culturais está que a região Centro-Oeste possui um percentual significativo nas diferentes práticas, comparado com as outras regiões, Tabela 6.

Tabela 6. Frequência de Práticas Culturais por Região

Prática	Frequência	Sul	Sudeste	CentroOeste	Nordeste	Norte
TV/DVD	Todos os dias	85,8	73,5	81,4	77,8	81,2
	Pelos menos uma vez por mês	11,8	21,0	15,0	16,0	16,5
	Raramente ou nunca	2,4	5,4	3,5	6,2	2,0
Rádio / Música	Todos os dias	67,3	58,9	59,3	56,9	52,1
	Pelos menos uma vez por mês	19,2	24,0	26,3	23,6	40,1
	Raramente ou nunca	13,5	16,9	14,5	19,5	7,8
Bares/Boates e danceteria	Todos os dias	3,8	3,6	4,1	3,1	3,4
	Pelos menos uma vez por mês	31,0	25,4	37,5	26,9	39,2
	Raramente ou nunca	65,1	70,7	58,4	69,7	54,9
Clubes e academias	Todos os dias	2,2	2,9	5,6	3,0	3,9
	Pelos menos uma vez por mês	15,1	14,7	29,8	18,4	28,6
	Raramente ou nunca	82,7	81,9	64,6	78,4	63,0
Teatro/Circo/Shows de dança	Todos os dias	0,7	0,8	0,9	0,3	1,1
	Pelos menos uma vez por mês	11,1	11,2	20,9	11,5	20,2
	Raramente ou nunca	88,2	87,5	78,2	88,0	73,1
Show de música	Todos os dias	0,5	1,0	0,9	0,4	0,3
	Pelos menos uma vez por mês	12,5	15,1	23,6	19,1	27,5
	Raramente ou nunca	87,0	83,4	75,5	80,2	66,7
Cinema	Todos os dias	0,7	1,4	0,6	0,1	0,3
	Pelos menos uma vez por mês	15,1	17,7	25,1	9,8	28,9
	Raramente ou nunca	84,1	80,4	74,0	86,7	66,7
Jogos e competições esportivas	Todos os dias	1,0	1,2	0,9	0,6	0,6
	Pelos menos uma vez por mês	15,4	14,1	23,0	17,0	13,4
	Raramente ou nunca	83,7	84,2	76,1	82,3	82,4
Museus / Centros Culturais	Todos os dias	0,5	0,3	0,6	0,4	0,8
	Pelos menos uma vez por mês	5,5	6,3	12,4	6,5	5,9
	Raramente ou nunca	94,0	92,9	87,0	92,8	88,2

Fonte: SIPS/IPEA 2010

Acredita-se que o Distrito Federal é um dos estados influentes no total desse resultado para região Centro Oeste, no entanto não contamos com informação detalhada sobre esse

aspecto por parte do IPEA. A única informação aproximada sobre o perfil do consumidor cultural do DF são os dados obtidos do Anuário Cultura em Números 2010 que tinha como objetivo fomentar discussões na área de consumo, economia da cultura e práticas culturais, para isso foram feitas perguntas-chave para analisar a frequência com que o público utiliza os meios culturais: i) **Jornal:** Lê pelo menos um título uma vez por semana? ii) **Televisão:** Assistiu durante 5 horas ou mais nos últimos sete dias? iii) **TV por assinatura:** Assistiu durante 5 horas ou mais nos últimos sete dias? iv) **Revista:** Lê pelo menos um título uma vez por mês? v) **Cinema:** Frequenta pelo menos uma vez por mês? vi) **Internet:** Acessou nos últimos sete dias? vii) **Rádio:** Ouvia alguma emissora nos últimos 7 dias? Os resultados obtidos para Distrito Federal/Brasília e para as demais unidades de federação podem ser visualizados nas Figura 5.

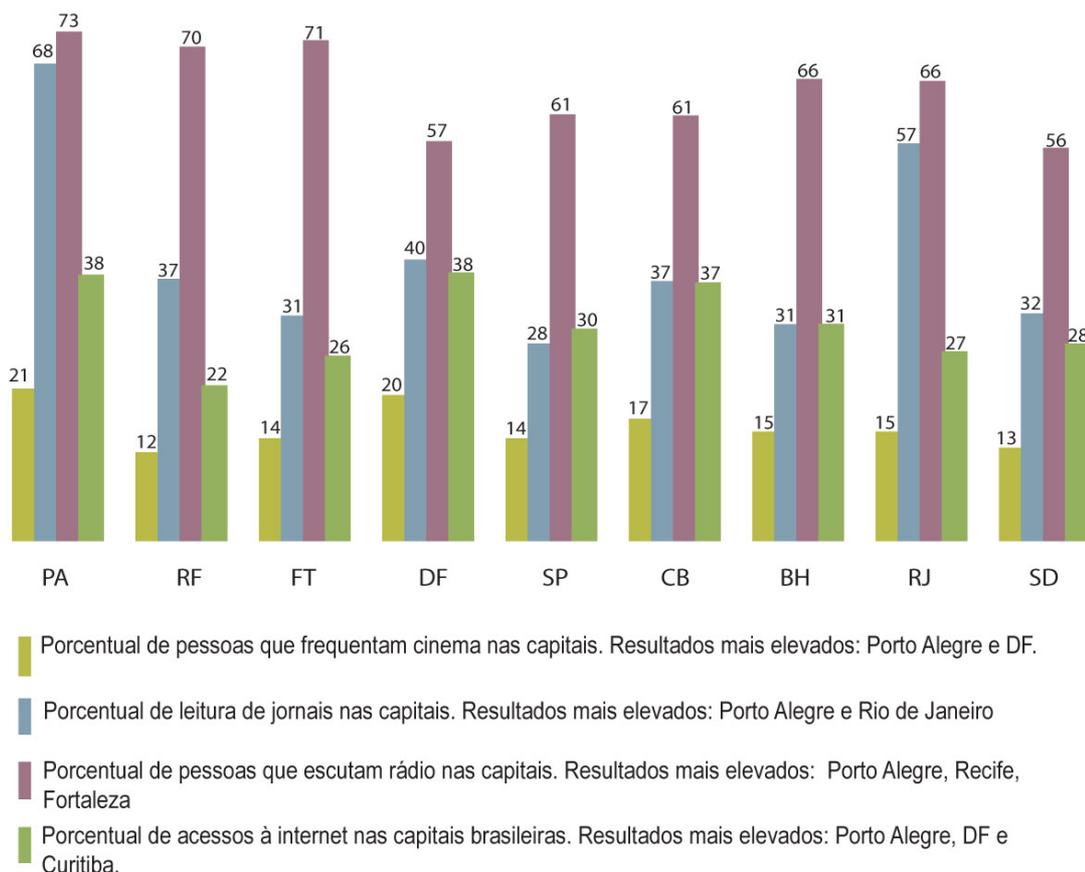


Figura 5. Consumo de artefatos culturais nas capitais.

Fonte: Cultura em Números 2010. IBOPE. Elaboração MinC

Desconsiderando apenas o percentual de ouvinte de rádio, em que o Distrito Federal se encontra dentro dos resultados mais baixos, o restante das porcentagens devolvem um

resultado positivo para o Distrito Federal comparado com outras capitais. Contudo esses dados por si só não refletem uma realidade uniforme sobre o consumo no DF, se levarmos em conta as desigualdades entre as Regiões Administrativas analisadas anteriormente. No entanto apresentar um comparativo com outras capitais se torna importante para conhecer o posicionamento do DF dentro do Brasil.

Anteriormente se apresentou, tomando como fonte o IPEA, a frequência de práticas culturais por Região do país. O anuário Cultura em Números 2010 detalha um perfil aproximado do cidadão das capitais, no entanto, no perfil de práticas culturais de Brasília os itens são limitados e definem preferencialmente práticas de lazer em lugar das práticas relacionadas no nosso recorte inicial, Tabela 7.

Tabela 7. Perfil Brasiliense sobre práticas culturais

Práticas culturais - Brasília em percentual	
Amostra total	100,0
Ouvir música	53,0
Reunir-se com os amigos	34,0
Ir a Shopping centers	27,0
Ler livros	21,0
Praticar algum esporte	18,0
Sair para beber/ Ir a bares	17,0
Ir a restaurantes/ Sair para jantar	14,0
Jogar games (Videogames ou no computador)	14,0
Fotografia	13,0
Ir ao cinema	10,0

Fonte: Cultura em Número 2010, IBOPE

No perfil de outras capitais aparecem outras categorias como “pintar/desenhar, ir a shows, fazer crochê/tricô/bordado, tocar algum instrumento musical, assistir eventos culturais”, etc. Além dessas categorias, outras tantas também ficaram fora da análise para o DF como Teatro, Museus, Feiras, Festas populares, Oficinas.

Os escassos estudos sobre públicos, consumo e recepção de bens culturais chamavam a atenção de Canclini no início da década de 90. Canclini (2006) questionava as pesquisas que, muitas vezes com dados apenas quantitativos, pouco refletiam os caminhos e as escolhas do cidadão. A necessidade de contar com dados específicos do Distrito Federal surge também a partir das questões levantadas por Canclini (2006), conhecer o consumo cultural não deveria estar limitado apenas à quantidade de aparelhos de TV que o cidadão possui, mas também conhecer e refletir sobre o que ele assiste, sobre a música que ouve, conhecer que tipo de espetáculo ele desfruta, quais suas preferências na leitura, quais são as ofertas que ele tem em seu entorno, quais as demandas dele, deduzir se de fato a presença das práticas culturais estão alterando sua vida mesmo que de forma indireta.

4.4. Delineando os traços do mapeamento cultural do Distrito Federal

O anuário Cultura em Números tentou dar uma primeira aproximação com o levantamento sobre a oferta cultural do DF, contudo sabendo das desigualdades entre regiões, não podemos ter uma noção real da dinâmica cultural, ainda considerando a falta de informação sobre o Distrito Federal²⁶ como um todo. O Quadro 2 foi elaborado a partir da informação obtida no Anuário, os itens dos quais não conseguimos obter dado algum foram marcados com um “x” trazendo novamente o conflito quanto à forma de considerar o DF com respeito às Unidades da Federação. O resumo de itens apresentado, sem dúvidas não reflete uma informação válida.

Quadro 2. Oferta Cultural do Distrito Federal

Oferta	
Cinema	Resultado para DF - Cultura em Números 2010
Nº de salas por estado	79 salas (5º lugar)
Índice de concentração na capital	x
Índice de habitante por cinema nas capitais	30.000 h/cinema (5º lugar entre as UF)
Percentual de municípios que realizaram festivais ou mostras de cinema por UF	x
Percentual de municípios que realizaram concurso de cinema por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos cineclubes por UF	x
Percentual de municípios com escolas, oficinas ou cursos de cinema por UF	x
Evolução dos cinemas (quantidade de municípios por UF que possuem cinema entre 2005 e 2006).	1 Município / 0% de evolução
Curso de Graduação	2
Vídeo	
Percentual de municípios que realizaram festivais ou mostras de Vídeo por UF	x

²⁶ Cultura em números: anuário de estatísticas culturais - 2ª edição Brasília: MinC, 2010.

Percentual de municípios com escolas, oficinas ou cursos de Vídeo por UF	x
Percentual de municípios que realizaram concurso de Vídeo por UF	x
Percentual de municípios com videolocadoras por UF	x
Evolução das videolocadora (quantidade de municípios por UF que possuem videolocadora entre 2005 e 2006).	1 Município / 0% de evolução
Música	
Percentual de municípios que realizaram festivais ou mostras de Música por UF	x
Percentual de municípios que realizaram concurso de Música por UF	x
Percentual de municípios com escolas, oficinas ou cursos de Música por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos musicais por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de orquestra por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de bandas de música por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de coral por UF	x
Percentual de municípios com lojas de discos, CDs, DVDs e fitas por UF	x
Curso de graduação - Música	3
Curso de graduação de canto	1
Curso de graduação -Regência	1
Evolução das lojas de disco (quantidade de municípios por UF que possuem lojas de discos entre 2005 e 2006).	1 Município / 0% de evolução
Teatro	
Número de teatros por estado	30 / (8º lugar)
Índice de concentração na capital	93,33 %
Índice de habitantes por teatro	85.000 / (15º lugar)
Percentual de municípios com escolas, oficinas ou cursos de teatro por UF	x
Percentual de municípios que realizaram festivais/mostras de teatro por UF	x
Percentual de municípios que realizaram concursos de dramaturgia por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de teatro por UF	x
Evolução dos teatros (quantidade de municípios por UF que possuem teatro entre 2005 e 2006).	1 Município / 0% de evolução
Curso de graduação -Teatro	0
Curso de graduação Artes Cênicas	5
Dança	
Percentual de municípios que realizaram festivais ou mostras de dança por UF	x
Percentual de municípios que realizaram concursos da dança por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de dança por UF	x
Percentual de municípios com escolas, oficinas ou cursos de dança por UF	x
Curso de graduação-Dança	0
Circo	
Percentual de municípios com escolas, oficina ou cursos de circo por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de circo por UF	x
Arte	
Percentual de municípios com escolas, oficina ou cursos de Artes Plásticas por UF	x
Percentual de municípios que realizaram exposições de artes plásticas por UF	x
Percentual de municípios que realizaram exposições de artes visuais por UF	x
Percentual de municípios que realizaram feiras de artes e/ou artesanato por UF	x
Percentual de municípios que têm grupos artísticos de desenho e pintura por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de artes plásticas e artes visuais por UF	x
Curso de graduação – Artes Plásticas	5
Curso de graduação em desenho e pintura	0
Curso de graduação-gravura	0
Curso de graduação – pintura	0
Curso de graduação – Artes Visuais	1
Design e Moda	
Curso de graduação Design e Moda	Estilismo 1 / Projeto de produto 0 / Moda 0 / Desenho industrial 1 / Desenho de moda 1 / Design de interiores 1 / Design 2
Percentual de municípios que realizaram feiras de modas por UF	x
Fotografia	
Percentual de municípios com escolas, oficinas ou cursos de fotografia por UF	x
Percentual de municípios que realizaram exposições de fotografia por UF	x

Percentual de municípios que realizaram concursos de fotografia por UF	x
Curso de graduação - Fotografia	0
Patrimônio	
Número de bens tombados	27 (9º lugar entre as UF)
Percentual de municípios com escolas, oficinas ou cursos de patrimônio, conservação e/ou restauração por UF	x
Percentual de municípios que realizaram exposições de acervo histórico por UF	x
Museu	
Número de museus registrados por UF	57 (10º lugar entre as UF)
Índice de habitante por museu	42.000
Curso de graduação – Museologia	0
Evolução dos museus (número de municípios por UF que possuem museus entre 2005 e 2006).	1 Município / 0% de evolução
Cultura Popular	
Percentual de municípios que realizaram feiras de agropecuária por UF	x
Percentual de municípios que realizaram festivais ou mostras de gastronomia por UF	x
Percentual de municípios que realizaram festivais ou mostras de manifestação tradicional popular por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de manifestação tradicional popular por UF	x
Percentual de municípios com grupos artísticos de capoeira, escolas de samba, Blocos carnavalescos	x
Biblioteca Pública	
Número de Bibliotecas públicas	26
Índice de habitantes por Biblioteca Pública	119.000
Índice de concentração na capital	%76,92
Evolução das bibliotecas (quantidade de municípios por UF que possuem bibliotecas públicas entre 2005 e 2006)	1 Município / 0% de evolução
Curso de graduação - Biblioteconomia	1
Livraria	
Percentual de municípios que realizaram feiras de livros por UF	x
Percentual de municípios que realizaram concursos de literatura por Unidade Federativa	x
Percentual de municípios que realizaram concursos de cordel por UF	x
Percentual de municípios com livrarias por UF	x
Evolução das livrarias (quantidade de municípios por UF que possuem livrarias entre 2005 e 2006)	1 Município / 0% de evolução
Centro Cultural	
Percentual de municípios com centros culturais por UF	x
Artesanato	
Participação das atividades artesanais na Região Centro-Oeste – 2006	x
Meios de comunicação	
Percentual de municípios que possuem jornais impressos locais por UF	x
Percentual de municípios que possuem Revistas impressas locais por UF	x
Curso de graduação – Jornalismo	11
Percentual de municípios que possuem rádios AM locais por UF	x
Percentual de municípios que possuem rádios FM locais por UF	x
Curso de graduação – Radialismo	2
Percentual de municípios que têm geradoras de TV por UF	x

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir de dados obtidos do Anuário Cultura em Números 2010

A partir desta falta de informação acredita-se que os Pontos de Cultura poderiam colaborar muito na conformação de indicadores já que eles são uma fonte direta da oferta da Região onde estão inseridos e conhecem a demanda a partir da participação do cidadão nas atividades por eles realizadas.

No início do capítulo, detalhávamos que apesar das pesquisas empreendidas, não foram encontrados dados suficientes por parte do governo no que concerne a indicadores ou mapeamentos culturais que nos sirvam como base para a pesquisa. A única plataforma com que eles contam, ou pelos menos disponibilizam para a comunidade é o SNIIC (Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais) que está em um estágio prematuro. Para constatar se de fato não existia outro tipo de documento como apoio a nosso mapeamento foi dirigida uma consulta no mês de setembro de 2013, via e-mail, para o SNIIC. Como resposta foi confirmado, pela equipe do SNIIC, que o documento de referência com que eles contam é o Cultura em Números (já analisado aqui e não podendo ser considerado como documento de referência para o Distrito Federal pela falta de informação). Em seguida, para obter dados específicos do Distrito Federal, foi indicado entrar em contato com a Secretaria de Estado da Cultura do DF e o Ministério de Cultura por meio das ouvidorias correspondentes, a solicitação pelo pedido de informação sobre o DF, realizada também em setembro de 2013, ainda se encontra em andamento sem previsão de retorno (Última consulta realizada no dia 20/03/2014). A organização e levantamento de informação sobre as diferentes camadas que envolvem a cultura do Distrito Federal começou a se estruturar recentemente, o que nos impossibilita contar com dados ordenados por parte do governo como base para esta pesquisa. Aqui começam a se evidenciar as distâncias entre o potencial do Distrito Federal e os fatos concretos na hora de solicitar informação a uma entidade pública.

Esta é uma situação adequada para concretizar o exposto até agora, pela escassa informação disponibilizada pelo governo, surge a necessidade de recorrer a fontes geradas a partir da sociedade para complementar esta pesquisa. A dissertação de mestrado no departamento de Geografia da UnB, de Frederico Santos Soares, *Mapeamento Cultural: uma proposta de leitura do espaço*, nos traça um norte na busca por informações palpáveis, apresentando um panorama inicial e aproximado do que era questionado anteriormente sobre a distribuição de artefatos culturais no DF, conseguindo visualizar por meio dela a concentração ou a falta de artefatos nas RAs.

A pesquisa de Soares (2010), que foi desenvolvida no contexto da geografia na área de Geoprocessamento para a Gestão Ambiental e Territorial, foca-se na visualização das regiões e territórios, sobre sua organização dentro do espaço utilizando o mapa como ferramenta para refletir hábitos de consumo cultural dentro do DF. O autor, que tinha como objetivo identificar possíveis padrões de organização social e espacial em torno das atividades culturais, também sentiu falta de publicações sobre levantamento socioeconômico do setor cultural chamando a atenção pela falta de aprimoramento no Inventário Nacional de

Referências Culturais (INRC) desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2000 e nos Indicadores Culturais do IBGE, por desconsiderar atividades relacionadas também à cultura como religião, esporte e meio-ambiente.

Para nortear seu universo, antes de se adentrar no mapeamento, Soares se baseou principalmente nos autores Graeme Evans e Jo Foord (2008) que especificam a necessidade de um planejamento cultural que deve ser construído em conjunto com a comunidade. Esse planejamento é o que apoia o mapeamento e deve ser pensado em três etapas: i) Mapeamento cultural, relacionado aos aspectos físicos populacionais, econômicos e padrões espaciais; ii) Avaliação das necessidades culturais, relacionada ao uso dos espaços e estruturas urbanas vinculadas aos transporte e habitação; iii) Planejamento cultural, análise de modelos e implementação de ações em diferentes níveis (SOARES, 2010 p. 20).

Nossa pesquisa foi pensada de alguma forma seguindo essas etapas, pretendendo neste capítulo apresentar a estrutura socioeconômica, tecnológica e cultural do DF. A parte de análise de modelos e implementação de ações será apresentada no último capítulo delimitando as dimensões para desenhar uma tipologia de rede que atenda e de resposta às necessidades da segunda etapa.

Soares (2010) selecionou seu campo partindo dos registros do Cadastro de Entes e Agentes Culturais (CEAC), do cadastrado realizado pelas mesmas Administrações e pelos Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva.

Na Figura 6, elaborada por Soares, apresentam-se os grupos mapeados entre os anos 2008 e 2009. Percebe-se que existem RAs ainda não mapeadas e várias estão embutidas em outras regiões administrativas como é o caso de Águas Claras, Park Way, Sudoeste/Octogonal, Varjão, SIA, entre outras.



- | | | |
|--|---|---|
| 1. Associação Cultural Mandala, CEAC | 15. Ponto de Cultura Mundo. Olhares e Saberes - Associação Faisca Cultural. MinC. | 29. Banda Sinfônica Sobradinho, Teatro Sobradinho |
| 3. Grupo Cultural Azulim, Adm | 16. Grupo de Mulheres Mosaicistas de São Sebastião, Forum São Sebastião | 30. Ação Esperança, Adm |
| 4. Sociedade dos Moradores e Amigos da Expansão de Samambaia (SMAES), Adm | 17. Organização Cultural e Ambiental TAMNOÁ, rede A.C. Mandala | 31. Instituto Sócio Cultural Amigos do Bem, ISABEM, Adm |
| 5. Instituto Batucar, Adm | 19. Centro de Integração Esporte e Cultura, rede AESP | 32. Associação dos Artesãos de Planaltina, Adm |
| 6. Ponto de Cultura Cooperativa Brasileira de Teatro, MinC | 20. Biblioteca Comunitária do Bosque, Adm | 33. Instituto Arnoá, Liga de Quadrilhas Juninas |
| 7. Biblioteca Comunitária Luís Lima, SMAES | 21. Associação Artística Mapati, CEAC | 34. Projeto Sons de Cidadania, Forum São Sebastião |
| 8. Reunião Urbana de Artistas (Grupo RUA), rede PC Menino de Ceilândia | 22. Ponto de Cultura Menino de Ceilândia, MinC | 35. Grupo Circo Teatro Artitude, rede Grito de Liberdade. |
| 9. Grupo Paralelo X. Rojeto 7 Bandas, Adm | 23. Ponto de Cultura Atitude Jovem, MinC | 36. ArteCeí, Adm |
| 10. Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, CEAC | 24. Ponto de Cultura Rede Ação Cultural do Gama, MinC | 37. Casa Brasil, Adm |
| 11. Associação LUDOCRIARTE, Forum São Sebastião | 25. Ponto de Cultura 100 Dimensão, MinC | 38. Grupo Cultural Radicais Livres (Projeto Expressa Periferia) |
| 12. Projeto Pau Pereira (Associação dos Amigos do Patrimônio Histórico de Planaltina), Adm | 26. Ponto de Cultura ESTEC, Estúdio de Tecnologia Cênica, MinC | 40. Programa Picasso Não Pichava, Adm |
| 13. Centro Cultural e Social Grito de Liberdade, ADM | 27. Ponto de Cultura Invenção Brasileira, MinC | 45. Bagagem Cia de Bonecos, CEAC |
| 14. Associação Cultural de Capoeira Angola NZAMBI, CEAC | 28. Ponto de Cultura Cia. Artcum, MinC | 51. Grupo Cultural Azulim (sede Sobradinho), rede AESP |

Figura 6. Localização dos Grupos, Associações Culturais, Pontos de Cultura e fonte de contato. Grupos mapeados entre 2008 e 2009

Fonte: Frederico Santos Soares 2010.

Este mapeamento, inclusive com alguns dados desatualizados, pela data de elaboração, é uma base importante como ponto de partida que nos apresenta uma visão sobre as possíveis regiões que deveriam ser reforçadas ou questionadas pela ausência no mapa.

Outro dado da dissertação de Soares que pode nos servir para levantar questões em torno do acesso de artefatos culturais são os gráficos baseados no fluxo de frequência entre a

residência do entrevistado e o artefato cultural de destino. As frequências apresentadas eram para bibliotecas, museus, teatro, shows/apresentações musicais e cinema. Como resultado, a centralidade no Plano Piloto para a maioria dos artefatos de frequência era quase absoluta. Apesar de que para o autor o objetivo desses gráficos era estudar os padrões organizacionais e de deslocamento dentro da cidade no que tange a atividades culturais, percebe-se que ainda têm outra potencialidade: a centralidade da maioria dos artefatos nos leva a pensar sobre as ações que deveriam ser projetadas em nossas futuras tipologias de rede que possibilitem um acesso mais equilibrado.

Este mapeamento também serviu como base para a primeira edição da cartografia cultural realizada pela ONG Artéria e disponibilizada na Rede Candanga²⁷. Nessa primeira edição, os entes eram cadastrados por meio de um formulário que era enviado por e-mail. A partir da segunda edição, os entes podem se automapear e também participar da Rede Candanga, que disponibiliza uma série de ferramentas com o intuito de promover a participação, debate e troca de informação no espaço virtual e no espaço físico mediante encontros. A cartografia se encontra on-line para ser consultada por qualquer cidadão e será também uma referência importante já que conta com dados mais atualizados que a própria rede monitora para garantir a qualidade das informações.

O mapeamento realizado por Frederico Santos Soares, que atualmente foi ampliado e pode ser acessado por meio da Rede Candanga, nos serve como apoio para conhecer experiências similares, apreender delas, analisá-las e estudar as possibilidades de uma rede que está em processo ainda de estruturação. Estes últimos passos de aprofundamento e análise serão tratados no capítulo seguinte aplicando pontualmente nossa análise para a os Pontos de Cultura do Distrito Federal.

²⁷ Rede Candanga : < <http://redecandanga.com.br/>> Acesso em: 4 de outubro de 2013. Cartografia: <https://mapadacultura.org/> Acesso em: 4 de outubro de 2013

Capítulo 5. A rede dos Pontos de Cultura

Os primeiros capítulos são uma base fundamental para conhecer quais as possibilidades de uma rede cultural no Distrito Federal. Abordaram-se assuntos de cunho social, econômico e tecnológicos e uma apresentação sobre a revalorização da área da cultura para a sociedade atual. Ao falar de uma rede, de interações, de relações entre vários atores não tínhamos como desconsiderar o universo onde ela vai se desenvolver, compreendendo que o contexto socioeconômico se veria refletido diretamente na possibilidade de crescimento da rede.

Dentro desse universo analisado, esperava-se encontrar mais dados sobre o perfil cultural do cidadão do DF. A informação obtida de fontes como IBGE, IPEA ou MinC foram informações incipientes, isto nos levou a pensar que além de estar analisando as possibilidades de uma rede, estaríamos identificando novos parâmetros que poderiam servir como indicadores para o Distrito Federal e o Brasil.

Como objetivo principal da pesquisa, pretendia-se analisar a configuração de uma rede cultural no Distrito Federal que possibilitasse maior acesso às expressões artísticas e culturais por parte do cidadão, para isso, buscava-se mapear os pontos onde essas expressões aconteciam e propor um modelo de como elas poderiam interagir para fortalecer os territórios culturais do DF.

Visto que o objetivo era muito abrangente, decidiu-se fazer um recorte e aproveitar uma experiência que já está sendo implementada e que persegue em seu conceito os mesmos objetivos que esta pesquisa. Recorreu-se assim à ação Pontos de Cultura do Programa Cultura Viva.

Os Pontos de Cultura desde seu nascimento foram pensados como uma ação para fortalecer aquelas expressões, territórios e comunidades que eram parte da cultura brasileira mas que estavam sendo desenvolvidas de forma isolada, alguns até perdendo força pela falta de recursos. Mais que pensar em novas estruturas físicas para nuclear essas expressões, pensou-se em fortalecer as pessoas que formavam parte disso; mais que pensar em como fortalecer a cultura do Brasil no geral, pensou-se em impulsionar vários pontos que em sua conjunção formariam sim a Cultura do Brasil. O *Do-in* antropológico a que se referiu Gilberto Gil no dia da posse era exatamente isso - impulsionar pontos, mas que eram parte de uma estrutura maior. Assim os Pontos de Cultura foram pensados para cumprir com este objetivo, mas é claro que o planejamento de toda uma estrutura organizacional desse porte precisaria

conter planejamentos específicos para diversas áreas, tanto econômico-financeiras como também sociais, que permitissem alcançar o objetivo original do Programa.

Desse modo, identificou-se a necessidade de aprofundar sobre como esses atores viriam a interagir para gerar uma rede que visa a, além de desenvolver atividades para os interessados, se abrir para a comunidade, permitindo que o entorno consiga realmente usufruir da presença desse artefato em todo o sentido. Assim, tomaram-se como referência relatórios, publicações e livros sobre o Programa Cultura Viva que nos permitiram conhecer como foram gestados os Pontos de Cultura e também as dificuldades, principalmente burocráticas e de gestão que foram atravessadas ao longo desses anos.

Os Pontos de Cultura não possuem ainda um estudo com resultados oficiais sobre como estão trabalhando como rede propriamente dita. Sim, encontraram-se dissertações e teses que tomam os Pontos de Cultura como estudo de casos e também relatórios de encontros e reuniões onde foi discutido o redesenho do Programa Cultura Viva - este último realizado por um Grupo de Trabalho (GT) específico para o Programa estabelecido pelo IPEA e o MinC. Porém não temos como comprovar se esse redesenho realizado pelo IPEA já está sendo implementado pela Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC), hoje responsável pelo acompanhamento do Programa.

Por outro lado, além do IPEA, a ONG Artéria, que é um Ponto de Cultura, realizou um levantamento sobre os Pontos do Distrito Federal, já detalhado no capítulo anterior, especialmente para conhecer suas atividades e parcerias, destacando-se a baixa porcentagem de parcerias entre os mesmos Pontos de Cultura do Distrito Federal. Isto, e ainda sem realizar um estudo aprofundado, nos leva a pensar que não têm tido um incentivo ou fortalecimento por parte do governo para que a comunicação, o intercâmbio e a troca de experiências seja realizada por meio da rede. É contraditório pensar que entre os mesmos Pontos não exista uma maior comunicação, sendo esta talvez uma tarefa do governo, se não para mediar, para fomentar uma prática que às vezes precisa de incentivo e coordenação para que logo se torne autônoma.

Desenvolver a cultura nas sociedades contemporâneas, multiculturais e densamente interconectadas, não pode consistir em privilegiar uma tradição, nem simplesmente preservar um conjunto de tradições unificadas por um Estado como “cultura nacional”. O desenvolvimento mais produtivo é aquele que valoriza a riqueza das diferenças, propicia a comunicação e o intercâmbio – interno e com o mundo – e contribui para corrigir as desigualdades. (CANCLINI, 2005 p. 23)²⁸

²⁸ Tradução livre de “Desarrollar la cultura en las sociedades contemporâneas, multiculturales y densamente interconectadas, no puede consistir en privilegiar una tradición, ni simplemente preservar un conjunto de tradiciones unificadas por un Estado

Esta afirmação feita por Canclini reflete a essência do Programa Cultura Viva e reafirma a intencionalidade de Célio Turino, naquele momento Secretário da Cidadania Cultural do Ministério da Cultura, de não ser apenas um Programa que recebe recursos do governo. Turino (2010) assegurava que um Ponto de Cultura só se realiza como tal quando articulado em rede, de outro modo que, se não houver abertura para interagir com outros, mesmo tendo um trabalho importante dentro da comunidade, não poderia ser considerado Ponto de Cultura. Articulação em rede e o protagonismo se fazem essenciais no processo de construção da autonomia dos Pontos de Cultura (TURINO 2010).

5.1. A concepção dos Pontos de Cultura

O Programa Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva é um programa que através dos anos foi se consolidando, inclusive se levadas em conta as dificuldades de diversas naturezas pelas quais teve que passar. No ano 2004 foi pedido para Célio Turino, recém nomeado secretário de Programas e Políticas Culturais do MinC, que implementasse as BACs - Bases de Apoio à Cultura- que serviriam como centros culturais pré-modelados instalados em diferentes bairros, os quais deveriam ser ocupados e mantidos pelos próprios moradores.

Contudo, Turino visualizou que esse não seria o caminho apropriado para fortalecer a cultura do Brasil em um sentido amplo, um programas como as BACs era repetir um modelo falido em que se investe em estruturas, sem pensar nos processos de comunicação e interação que possam concretizar o objetivo principal. Turino se recusou a implementar as BACs com a certeza de que a Cultura tinha a ver com fluxos e com pessoas e não com estruturas. Desta forma, ele propôs outro Programa que além do mais também seria coerente com os conceitos que Gilberto Gil²⁹ apresentara no dia da posse. Assim o Programa Cultura Viva foi criado pela Portaria nº 156 de 07/2004 do Ministério da Cultura e os primeiros convênios foram assinados entre novembro e dezembro de 2004.

O que o Programa Cultura Viva buscava era dar protagonismo a iniciativas culturais já existentes que tinham uma relação direta com a comunidade do entorno, dessa forma, o que se pretendia não era um simples incentivo econômico se não a aprendizagem conjunta, estado e

como “cultura nacional”. El desarrollo más productivo es el que valora la riqueza de las diferencias, propicia la comunicación y el intercambio – interno y con el mundo – y contribuye a corregir las desigualdades.”

²⁹ No discurso de posse Gilberto Gil referia-se a massagear os pontos vitais do corpo cultural do país esclarecendo que a cultura brasileira não pode ser pensada fora da dialética permanente entre a tradição e a invenção. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>

sociedade, de um processo que fortalecesse essa iniciativa para que ela pudesse continuar trabalhando de maneira autônoma, mas se apoiando em uma estrutura de troca com outras experiências.

O objetivo do Programa era fortalecer a cultura de uma forma transversal abordando não apenas assuntos relacionados à arte, mas também educação, direitos humanos, meio ambiente, comunicação. Para isso foram desenvolvidas várias ações sendo os Pontos de Cultura a ação prioritária do Programa.

O Cultura Viva funciona como um ecossistema. O Ponto de Cultura seria uma microrrede, atuando no território e articulando diferentes agentes. O Cultura Viva seria a macrorrede. Entre eles, as mesorredes, as ações. Inicialmente foram pensadas quatro ações: Cultura Digital, Agente Cultura Viva, Escola Viva e Griô. Com o tempo, a própria vida se encarregou de formar novas ações: Pontinho de Cultura, Cultura e Saúde, Audiovisual, Mídia Livre, Mocambos, Cultura de Paz. (TURINO, 2010 p. 179)

Os Pontos de Cultura são a base para as demais ações acontecerem, porém não poderiam se desenvolver de forma isolada, já que uns dos objetivos principais do Programa é estimular e fortalecer redes estéticas e sociais. Isto é, os Pontos atuam e concretizam sua função como Ponto de Cultura quando se desenvolvem de maneira articulada com a comunidade, com o estado e com os demais Pontos de Cultura. Entretanto, esta forma de desenvolvimento compartilhado é uma ação que também precisa ser estimulada no início por parte do governo.

Dentro da estrutura de implantação do Programa, além das ações antes mencionadas, foi contemplada a criação de outras estruturas como apoio para que os Pontos de Cultura funcionarem em rede. Na cartilha de orientações do Programa Cultura Viva 2013, se detalham estas estruturas: i) Rede Federativa: são as parcerias do Governo Federal com os Governos Estaduais, Municipais e Consórcios Intermunicipais, que visam a ampliação da capilaridade do programa, implementando ações que permitam e criem condições para a construção de percursos, circuitos e redes de políticas culturais; ii) Redes Temáticas: são redes formadas por Pontos de Cultura, Pontões, Grupos, Coletivos, instituições e outros agrupamentos que se articulam para atuar em um segmento ou tema específico; iii) Pontões de Cultura: são entidades jurídicas de direito público ou privado sem fins lucrativos que desenvolvem e articulam atividades culturais, nos eixos da informação, comunicação e educação, em parceria com as redes temáticas da cidadania e da diversidade cultural e/ou os Pontos de Cultura. Além destas estruturas, foram surgindo como uma necessidade de espaço para o diálogo, as TEIAS,

que são encontros dos Pontos de Cultura a nível estadual e nacional, para debater e propor estratégias de políticas públicas culturais, analisar e avaliar o Programa.

É por meio das Redes Federativas, Redes Temáticas e Pontões que o Programa esperava dar vida à articulação entre os Pontos do país todo? Estas definições das organizações ou entes que apoiam o desenvolvimento dos Pontos de Cultura por vezes podem ser consideradas confusas ou, para sermos mais específicos, com nomenclatura não adequada para aquilo que se está definindo, o que nos leva a questionar o uso da palavra *rede* neste contexto. Nas colocações de Turino (2010) percebe-se claramente o que ele faz referência quando fala de rede:

Quanto maior for o domínio de análise simbólica que as pessoas têm sobre a produção social, melhor será a sua capacidade de articulação na sociedade. Os indivíduos se percebem pela cultura e é por meio dela que estabelecem relações entre si, definem valores e significados. (TURINO, 2010 p. 193)

Turino não está falando apenas de uma estrutura física e/ou tecnológica que possibilite a comunicação entre os Pontos. Como vimos no capítulo 3, uma cidade digital não se classifica só pela estruturas físicas/tecnológicas, envolve ainda o comportamento e a percepção do cidadão se reconhecendo como parte dessa cidade com suas obrigações e também direitos que podem estar sim impulsionados pela tecnologia. No caso do Programa Cultura Viva talvez seja necessário, antes de criar um espaço chamado rede, definir o sentido dela, compreender quais trocas poderiam ser possíveis e definir os papéis e as funções dos atores. Para isso, tomar-se-á como ponto de partida as avaliações realizadas pelo IPEA no ano 2010 que nos demonstrarão qual a qualidade da comunicação entre os envolvidos no Programa.

5.2. A relação dos Pontos com o Governo

Ainda não entraremos nos dados específicos do Distrito Federal, porém estas avaliações servem para conhecer quais os pontos fracos do Programa, inclusive sabendo que não é nossa intenção avaliá-lo de forma geral. Existem dados que também influenciam nos processos de interação entre os Pontos e a Administração Pública. O que foi avaliado pelo IPEA foram as instâncias organizacionais entre Estado, Mercado³⁰ e Comunidades, principalmente como se dá a coordenação do fluxo das ações.

³⁰ Mercado seriam Empresas ou instituições privadas mas especificamente neste Programa esse ator não entraria dentro da unidade de análise

A relação entre o MinC e os espaços que se tornam Pontos de Cultura começa pela adesão ao Programa Cultura Viva por convênio mediante Edital Público. Os Pontos devem apresentar projetos que deverão ser realizados em um espaço de tempo determinado, aderir a outras ações propostas pelo MinC e prestar contas nos períodos pré-estabelecidos, já que isto lhes permite continuar recebendo recursos e a possibilidade de renovar o convênio.

Neste sistema, o Estado tem certo poder referente à administração dos recursos que viabilizam o programa mas também tem obrigações que dizem respeito ao cumprimento dos direitos culturais³¹ dos cidadãos, como direito à criação, à fruição, à memória, à difusão de bens artísticos e à participação nas decisões políticas. O Estado deve propiciar recursos, materiais e simbólicos para incentivar a consolidação dos circuitos culturais. Os Pontos de Cultura não têm um padrão único de desenvolvimento mas sim princípios comuns que o Programa toma por base para sua consolidação, que segundo o IPEA implicam: *a) valorizar a diversidade e reconhecer atores no jogo político cultural, b) incentivar a comunicação dos agentes culturais e c) estimular a comunicação com as instituições reguladoras*. Essas instâncias não são independentes uma da outra e estão contempladas nas diretrizes do Programa, contudo, sofrem ainda de muitas deficiências organizacionais que comprometem o desenvolvimento do Programa.

O que pretendia o IPEA com essa avaliação era fornecer uma base de informações que permitisse entender as relações entre os Pontos, o Estado e os agentes culturais, compreendendo o Programa Cultura Viva como política pública cujo objetivo final é a democracia cultural do cidadão.

A democracia cultural [...] está também associada à democracia social e política, ou seja, a democracia cultural é instrumento de objetivos sociais e políticos e finalidade em si. Associa direitos culturais com democracia e com a ampliação dos canais de participação e exercício da política. (CULTURA VIVA, Avaliação do Programa arte, educação, cidadania, IPEA, 2010 p. 15)

Na teoria está claro o que o Programa persegue, inclusive as diretrizes são instituídas pelo próprio MinC, porém o fator crítico principal faz referência à limitada preparação do MinC para acompanhar uma política como essa, seja por questões burocráticas ou por estar lidando pela primeira vez com a inclusão da sociedade civil para desenvolver um programa em conjunto.

Analisar os Pontos de Cultura nos dá a oportunidade de vivenciar de perto uma experiência real de uma estrutura que se apresenta como rede e que busca de certa forma

³¹ Constituição da República Federativa do Brasil. Capítulo III. Seção II. Art. 215. § 3º. Emenda Constitucional nº 48, 2005.

refletir aquilo que foi desenvolvido no capítulo 3.3 quando fazíamos alusão à redes dentro das organizações governamentais como resposta à sociedade que quer lutar por um espaço no mundo das decisões públicas. Pois bem, na hora de analisar um caso real aparecem problemas reais que interferem na concreção de uma relação fluida, entre os quais o IPEA identificou em sua pesquisa:

a. insuficiências do quadro de pessoal envolvido diretamente com a gestão do programa, composto por um número baixo de servidores estáveis, o que gera dificuldades no processo de gestão;

b. dificuldades na celebração de convênios, devidas em especial a interpretações divergentes de normas, situação de inadimplência dos proponentes, ou não apresentação de documentação obrigatória;

c. inexistência de norma legal que fundamentasse especificamente o relacionamento do Estado brasileiro com entidades da sociedade civil com baixo nível de organização ou institucionalização; e

d. insuficiência e inadequação dos fluxos de recursos e dificuldades com relação à coordenação das ações por parte da administração pública.

Para a presente pesquisa os pontos *c* e *d* são os prioritários, já que os demais pontos estão imersos nestes últimos, a inexistência de uma norma legal que regularize a relação do governo com a sociedade civil leva inevitavelmente a dificuldades quanto à interpretação e execução dos convênios.

Diante dessa situação, surgiram relacionamentos e trocas entre alguns Pontos como uma forma de apoio mútuo para conseguir encontrar soluções que permitissem e os capacitassem a se enfrentar com a dimensão burocrática do Estado. Então, o Programa proclamava o desenvolvimento compartilhado com a sociedade, mas não estava criando laços reais com ela, em consequência pode-se dizer que sim, se criou uma rede entre os mesmos Pontos para a resolução de problemas ou conflitos com a Administração Pública. Mas ainda essa aliança realizada pelos Pontos não é a Rede que o Programa conceitua em seus planos como gestão compartilhada entre Estado e sociedade.

Outros incentivos, por parte do Programa como as ações Teia e Cultura Digital ainda se consideram frágeis como promotores de uma rede. Por um lado, e concordando com o IPEA, a capacidade de articulação da Teia é limitada, a tomada de decisões que se realiza nos fóruns ou encontros não garante eficácia nos planos de ação, e por outro lado, no caso da ação Cultura Digital, colocou-se como grande fator de desenvolvimento da rede o uso de um Kit

multimídia³², que foi entregue aos Pontos para que eles pudessem não só compartilhar suas vivências e se comunicar uns com os outros, mas também como um canal de comunicação direta entre os Pontos e a Administração Pública. A falta de suporte por parte do MinC, como as dificuldades para os Pontos na hora de usar obrigatoriamente um software livre, fizeram que apenas uma pequena porção dos Pontos adotassem o Kit e aproveitassem suas potencialidades. Uma ferramenta como o Kit, que poderia ter servido efetivamente para realizar o laço de conexão com a Administração Pública, que até agora parece ser uma relação de fluxos truncados, não foi suficiente devido também à falta de planejamento para o uso dessa ferramenta.

O Programa Cultura Viva é um programa exigente, partindo da base que tanto o MinC quanto a sociedade civil se encontravam iniciando um processo sem antecedentes parecidos. A Secretaria de Programas e Políticas Culturais³³, na descrição do IPEA, era responsável por: i) repassar recursos financeiros, ii) proporcionar outros recursos apropriados aos desenvolvimento das ações, iii) estabelecer fluxo adequado de informação e iv) examinar as prestações de conta. Este detalhe parece muito técnico quando os conceitos e a essência do Programa perseguem outros objetivos além dos financeiros, aqui se está deixando de fora o acompanhamento vivencial dos Pontos onde possa ser constatado e documentado de que forma ele interage com a comunidade e quais as repercussões a partir de seu empoderamento e sua gestão em rede.

5.3. Os Pontos de Cultura no Distrito Federal

Os dados levantados pelo IPEA e pela ONG Artéria nos dão a uma noção sobre o desenvolvimento dos Pontos no Distrito Federal. Aqui se pode ver que não só o Estado precisa se adaptar a esta nova modalidade, como também os próprios Pontos deveriam ter claro o que significa ser parte do Programa Cultura Viva e se alinhar aos conceitos que são expressados no Programa.

O universo da pesquisa do IPEA estava composto por 526 Pontos de todo o Brasil conveniados até 2007, mas os questionários foram aplicados a 386 Pontos. Desses 386, 8 eram pertencentes ao Distrito Federal, mas não temos a informação de quantos de fato estavam conveniados até essa data dentro do DF, já que alguns Pontos não foram

³² Equipamento de informática, câmera de foto e filmagem e uma pequena ilha de edição.

³³ Mais tarde o Programa ficaria sob a supervisão da Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural

considerados para a aplicação do questionário³⁴. Mesmo assim considera-se importante apresentar alguns dados resultantes da pesquisa que nos aproxime dos atores que se pretende conhecer.

A consolidação e sucesso do Programa depende muito também do compromisso dos agentes culturais coordenadores dos Pontos. Aqueles espaços ou atividades que já eram realizados antes da implementação do Programa, e que continuaram com suas atividades mesmo tendo acabado o convênio, dizem respeito à percepção de alguns cidadãos que acreditam na importância das expressões artísticas e culturais como necessidade para o desenvolvimento de uma comunidade, e mais ainda se esses Pontos conseguiram interagir e trocar experiências com outros enriquecendo o circuito cultural do Distrito Federal. Neste caso, dos 8 Pontos conveniados até dezembro de 2007 no DF, só 1 deles não existia antes do Programa, o que nos faz pensar que o resto dos Pontos já tinham uma trajetória e um domínio sobre o que estavam desenvolvendo como atividade e já eram conhecidos dentro de suas comunidades.

Partindo dessa base, poder-se-ia pensar que ao aderir ao Programa Cultura Viva teriam a possibilidade de ir um passo além e se abrirem para outros pontos e outras comunidades dentro do Distrito Federal e fora dele. Contudo, apenas 1 dos Pontos destacou como motivação para entrar no Programa o fato de “estabelecer vínculos”, o restante apontou como motivação “receber recursos” o que não significa que o Ponto não tenha interesse, mas demonstra que essa inquietude quanto a criar laços para fortalecer o circuito cultural do DF não era prioridade naquele momento. Acredita-se que essa consciência sobre a importância de fortalecer uma rede também é parte da aprendizagem da sociedade civil, sendo um objetivo valioso por parte do MinC querer impulsionar essa ação, embora esteja num estado inicial. Mesmo assim, continuando com os dados fornecidos pela avaliação do IPEA, constatou-se que nenhum dos Pontos tinha atuação fora do DF e que a maioria só o tinha dentro da comunidade. Constatou-se também que, embora tivessem adotado a ação de Cultura Digital e tivessem adquirido o Kit multimídia, nenhum deles (até a aplicação do questionário em 2008 por parte do IPEA) participava de alguma rede ou tinham criado uma.

Vale esclarecer que, na presente pesquisa, decidiu-se analisar a interação dos Pontos a partir de informação oficial, sem dúvida existem outros tipos de levantamento sobre os Pontos, mas não temos informação ou fontes concretas a que recorrer, por isso e também para

³⁴ Para o IPEA não foi objeto de exame “*aqueles que haviam interrompido suas atividades por atraso no repasse de verbas ou outra razão, assim como aqueles cujas atividades já estivessem concluídas*”. Isto nos impossibilita de ter um dado real sobre a quantidade de Pontos do DF se pensarmos que aqueles que já tinham concluído suas atividades poderiam ter sido de suma importância, por exemplo, para a análise dos impactos dentro da comunidade.

avaliar o quanto o MinC tem registrado desde o início, foram consideradas as avaliações do IPEA e também da ONG Artéria por meio da Rede Candanga, já que esta ONG teve o apoio do FAC (Fundo de Apoio à Cultura) e do MinC para realizar o levantamento dos Pontos.

A Rede Candanga, espaço de encontro não só para os Pontos de Cultura mas para qualquer associação ou grupo cultural do Distrito Federal, realizou um mapeamento no ano de 2009 sob coordenação da ONG Artéria em parceria com o Laboratório de Sistemas de Informações Espaciais (LSIE) do Departamento de Geografia da UnB em que foram mapeados vários espaços culturais além dos Pontos de Cultura. No ano de 2011 foi apresentada pela Rede Candanga uma análise dos 20 Pontos de Cultura no DF existentes naquela data, com detalhes mais precisos sobre as atividades e desenvolvimentos dos mesmos. A quantidade de Pontos cresceu, as unidades de análise do IPEA comparadas com a Rede Candanga não são as mesmas, contudo, considera-se importante apresentar alguns resultados que falam sobre características mais específicas dos Pontos do DF.

Na Figura 7, é possível ver áreas artístico-culturais de atuação dos Pontos de Cultura no Distrito Federal, destacando que o percentual mais alto é para Audiovisual/Comunicação seguido pela Cultura Popular, Hip Hop, Teatro e Música.

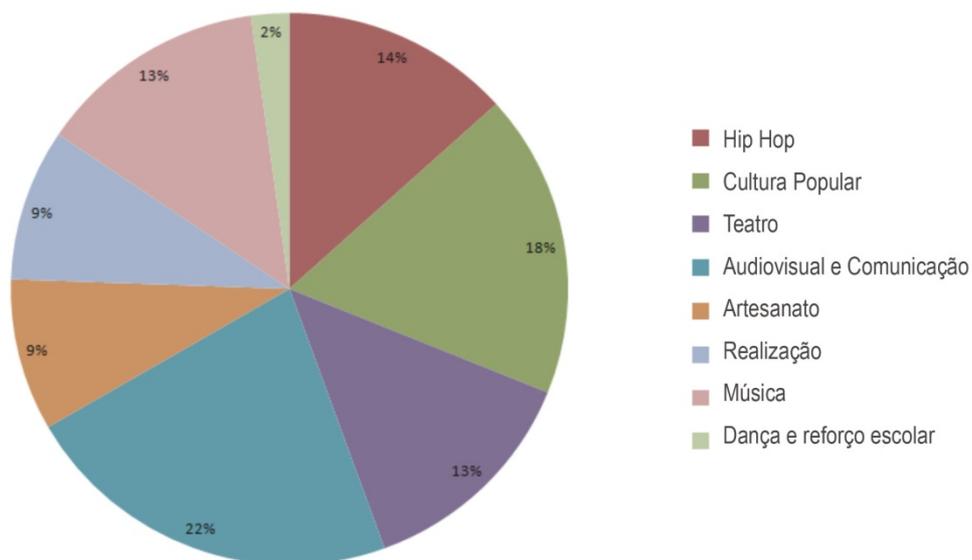


Figura 7. Área de atuação dos Pontos
Fonte: Rede Candanga. Cartografia dos Pontos de Cultura da Rede do DF

É surpreendente como o Distrito Federal, que não tem mais de 54 anos, nos revela por meio deste dado a necessidade dos cidadãos de preservar as culturas de origem que com

certeza aqui ganharam outra perspectiva pela mistura de influências a partir da criação da nova capital. Ter um percentual alto de Pontos que trabalham na preservação da cultura popular ou na área de audiovisual e comunicação são indicadores que podem servir para criar um perfil cultural do cidadão do DF, além daqueles apresentados pelo Cultura em números, baseado nos dados do IBGE, no qual o perfil cultural do brasileiro estava composto em primeiro lugar por “ouvir música, reunir-se com amigos, ir ao shopping”, estes dados fornecidos pelo mapeamento dos Pontos de Cultura são indicadores importantes que deveriam ser considerados pelas instituições que estudam as práticas culturais do cidadão brasileiro.

Em relação às parcerias dos Pontos, a grande maioria realiza parcerias com escolas públicas e a Administração Regional, Figura 8, o que demonstra a inserção dos pontos dentro das comunidades, dado que concorda com o levantamento do IPEA sobre o âmbito de atuação dos pontos.

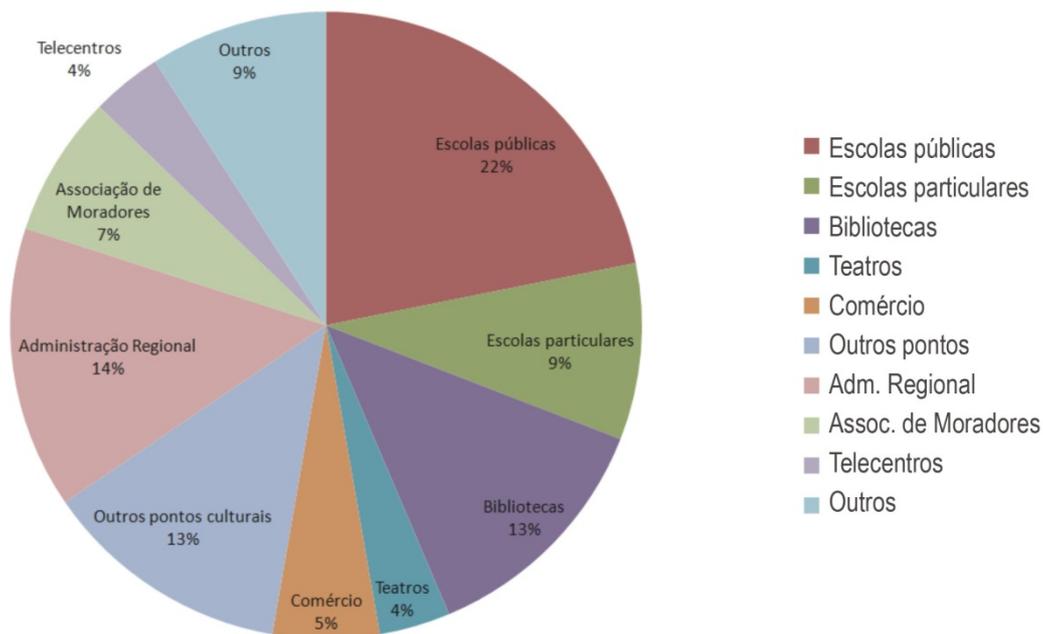


Figura 8. Parcerias dentro da comunidade

Fonte: Rede Candanga. Cartografia dos Pontos de Cultura da Rede do DF

Assim, pode-se confirmar de fato que uns dos objetivos do Programa está sendo alcançado, os Pontos do DF têm uma estreita relação com a comunidade do entorno, e desenvolvem ações que atendem a dita comunidade. Apesar disso, na hora avaliar o

percentual de parcerias entre os mesmos pontos, o resultado de alguma forma coincide com o apresentado pelo IPEA sobre os Pontos em 2007, não há uma rica interação ou parcerias entre os pontos do DF todo, Figura 9.

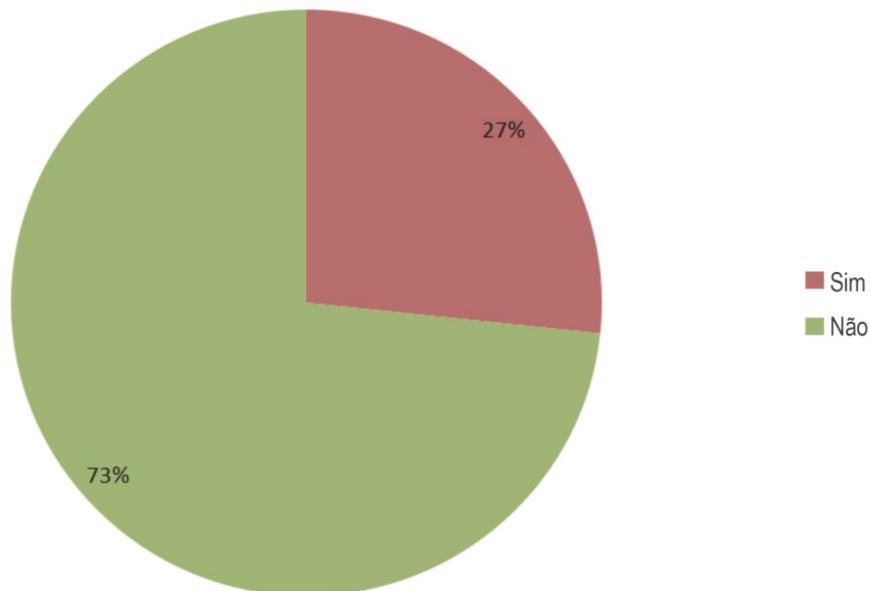


Figura 9. Parcerias com outros Pontos
 Fonte: Rede Candanga. Cartografia dos Pontos de Cultura da Rede do DF

Não existem dúvidas que os trabalhos que se realizam atendendo à comunidade sejam de suma importância, ainda assim, seria um circuito cultural mais rico e com potencialidades de crescimentos se, por exemplo, a comunidade do Paranoá tivesse por meio dos Pontos de Cultura uma interação com a comunidade de Taguatinga, se aqueles que frequentam os pontos do Plano Piloto tivessem a oportunidade de conhecer o que se está fazendo nos pontos de São Sebastião, inclusive para aqueles que visitam a cidade ter uma noção mais ampla das atividades culturais do DF não se limitando apenas ao que acontece no Plano Piloto.

Outro dado importante é observar a distribuição dos Pontos de Cultura, na Figura 10 encontra-se o percentual de Pontos por Região evidenciando uma grande concentração no Plano Piloto, e além do mais, percebe-se um limitado número de regiões que possuem Pontos de Cultura pertencentes ao Programa, isto nos faz questionar a abrangência da suposta rede dos Pontos do DF se regiões como Guará, Núcleo Bandeirante, Sobradinho, Cruzeiro, Candangolândia ou Gama não estão contemplados dentro dela. Indubitavelmente existem associações e grupos culturais nestas regiões que de algum modo a Rede Candanga também considera como integrantes, mas neste caso estamos analisando as relações entre os Pontos de

Cultura reconhecidos pelo Programa Cultura Viva e sendo esse o universo, então existem dentro do DF 23 Regiões Administrativas que não participam desta ação, que não envolve apenas a oportunidade de usufruir de bens culturais, mas também a possibilidade de participar na decisão e desenho de políticas públicas para a democratização cultural.

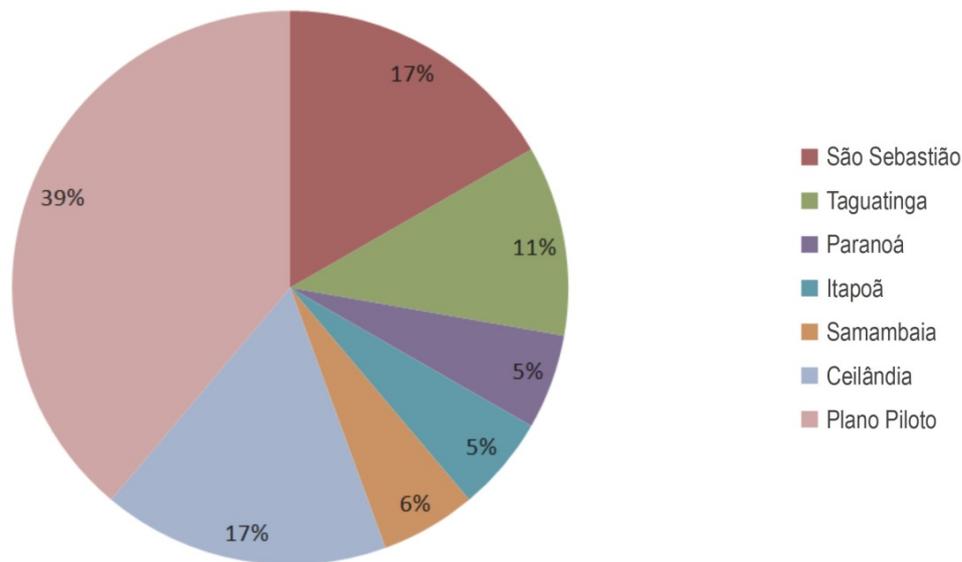


Figura 10. Concentração dos Pontos por Região Administrativa
Fonte: Rede Candanga. Cartografia dos Pontos de Cultura da Rede do DF

O Distrito Federal é um território geográfico pequeno e, comparado com outros estados, tem uma importante densidade de Pontos de Cultura. É aqui que se precisa reforçar o conceito de rede instituído pelo Programa, mas que ainda não encontrou formas de viabilizar essas relações para além de sua constituição espontânea principalmente para resolução de problemas burocráticos em sua relação com o MinC.

Trabalhou-se nesta instância com informações de instituições que, embora tenham uma relação com a SCDC, não se pode dizer que são dados elaborados por esta Secretaria. É interessante comentar aqui a falta de coordenação por parte do MinC/SCDC no que se refere ao acervo de informações sobre os Pontos. Os Pontões que deveriam ser mais um meio de conexão entre os Pontos e a Secretaria possuem informações e registros valiosos, seja das atividades, encontros ou fóruns, porém os Pontões também são conveniados com a SCDC e ao término do convênio, essas informações em vários casos não foram recuperadas pela própria Secretaria, e se foram recuperadas então nunca se disponibilizou ou criou uma plataforma que apresentasse relatório, vivências, localização e informações sobre os Pontos,

que nos permitisse observar as trocas ou outros detalhes referentes ao compartilhamento de atividades entre eles e à capilaridade dos Pontos nas Regiões Administrativas e no Distrito Federal em geral.

5.4. Identificação dos Pontos de Cultura

Até aqui foram apresentadas as relações de gestão entre Pontos e o governo, e tivemos uma ideia sobre as características dos Pontos do Distrito Federal, percebendo que as relações entre eles são principalmente para a resolução de problemas frente às dificuldades referentes aos processos burocráticos de prestação de contas, não obstante esta informação sirva como base para a compreensão do universo real em que os Pontos estão inseridos e, dessa forma, nos permita desenhar e analisar as possíveis relações, para visualizar quais as proximidades ou distâncias entre eles e que ações poderiam ser repensadas para que existissem maiores trocas.

Na seguinte etapa serão identificados os atores, sua localização espacial e posteriormente será analisada a rede dos Pontos de Cultura do Distrito Federal utilizando como metodologia a Análise de Redes Sociais (ARS). Este tipo de análise nos permite conhecer as interações entre os atores, partindo de dados qualitativos, obtendo medidas exatas e conseguindo expressar essa informação mediante grafos, possibilitando assim uma visualização geral, com informação precisa sobre a constituição da rede.

No caso dos Pontos de Cultura precisávamos partir de alguma informação que nos orientasse sobre as funções ou atividades dos Pontos para identificar as relações existentes entre os atores. Nesta pesquisa, realizou-se uma recolha documental tomando como fonte principal os dados fornecidos pelo SCDC (Anexo A), e para confirmar esta informação e complementá-la, como detalhe sobre as atividades e nomes dos Pontos, recorreu-se a outras fontes como a plataforma on-line Mostre-me/Cultura onde constam todos os Proponentes e Patrocinadores dos Projetos Culturais submetidos e aprovados no país por meio do SalicNet, o levantamento da ONG Artéria e a observação da presença desses Pontos na Internet (websites, blogs, páginas de Facebook).

Como nosso objetivo não era analisar o Programa, mas sim observar a atuação dos Pontos em rede, seja real ou possível, levaram-se em conta todos os Pontos até agora conveniados desde o começo do Programa, contemplando 5 Pontões e 38 Pontos.

No capítulo 4, tínhamos apresentado o mapeamento das associações, grupos e também Pontos de Cultura entre 2008 e 2009, realizado por Frederico Santos Soares (2010). Outra abordagem sobre as Regiões abrangidas pelos Pontos também foi apresentada anteriormente neste capítulo (5.3), com base na informação levantada pela Artéria. Porém nesta instância considerou-se importante identificar e localizar todos nossos atores no mapa³⁵ já que esta informação nos orienta também sobre as Regiões Contempladas dentro da análise, Figura 11.



Figura 11. Localização de todos os Pontos de Cultura do DF
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SCDC (Anexo A)

³⁵ Este mapeamento inclui os 5 Pontões e 38 Pontos até agora conveniados, vigentes e não vigentes.

Seu estrela									
Athos bulcão									
Tribo das Artes									
Resgate da Vida									
Arthéria									
Congo nya									
Coletivo gente brasil									
Educação em Foco									
Mapati									
Ludocriarte									
Tamnoá									
Grupo vídeo avesso									

Fonte: Elaborado pela autora a partir da informação da SCDC/MinC (Anexo A) e da ONG Artéria (Anexo B)

A partir desta informação, pode-se realizar uma primeira análise, que Lemieux e Ouimet (2004) chamam de correlacional, na qual se tenta compreender o comportamento dos atores a partir de seus atributos. No nosso caso, o que se estava procurando era identificar variáveis que pudessem afirmar uma possível relação entre um ponto e outro. Sabe-se que os Pontões³⁶ têm como função articular atividades com os Pontos de Cultura, dessa forma foram identificados desde o início como atores que têm a capacidade de interagir com todos os Pontos do DF, independentemente da atividade principal que eles realizam. A ONG Artéria também foi contemplada da mesma forma, considerando que suas atividades incentivam a conexão com os Pontos mediante seminários e um Portal de Conexão, a Rede Candanga.

Tendo os atores, que são os Pontos; os eixos temáticos, que são as variáveis; e a localização geral dentro do Distrito Federal, viu-se necessário desdobrar a análise de um modo que nos permitisse compreender no final, quando for apresentada a rede com seus valores concretos, a origem da informação de tais valores, que podem dar destaque a certos atores dentro da rede e posteriormente permitir visualizar, por exemplo, que Região tem mais força com respeito aos Pontos e suas atividades. O que será apresentado a seguir são os Pontos separados por eixos temáticos e sua localização dentro do mapa do DF. Isto nos ajudou a criar um primeiro panorama antes de passar aos cálculos concretos a partir da Análise de Redes.

Baseando-nos nos documentos analisados, puderam-se destacar três pontos que trabalham no eixo da Sustentabilidade/ Meio ambiente, Figura 12.

³⁶ Pontão Itinerante, Pontão Escola Viva, Pontão Rede Comunitária de Produção Audiovisual, Pontão TV Supren e Pontão TV em movimento.



Figura 12. Localização dos Pontos de Cultura do eixo Sustentabilidade/ Meio ambiente
 Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SCDC (Anexo A)

O Espaço Cultural 100 Dimensão³⁷ trabalha principalmente na coleta seletiva e reciclagem de lixo, realizando oficinas em seu espaço cultural que vão desde conscientização social até a elaboração de artesanatos a partir da matéria prima reciclada. Este Ponto poderia ser um impulso para conectar o Ponto Ação Cultural Gama e o Ponto de Voz para comunidade da Floresta que, embora trabalhem também sobre outros eixos, abordam o Meio ambiente como parte da temática de suas atividades. O eixo Sustentabilidade/Meio ambiente não abrange uma variedade de Regiões Administrativas, os Pontos inclusive estão distantes entre si. Isto pode servir como ponto de partida para uma reflexão sobre a possibilidade de Pontos tão distantes conseguirem realizar ações conjuntas, comparado com outros estados, esta distância não deveria ser um impedimento de interação entre eles, mas talvez sim percam força quanto à presença dentro do Distrito Federal.

A Figura 13 nos mostra aqueles atores que trabalham na preservação da Memória. Os objetos deles são variados, porém compartilham um eixo em comum que poderia propiciar um espaço de trocas e geração de conhecimento sobre metodologias que ajudem no acervo de informação nas áreas em que estão trabalhando.

³⁷ Informação complementada mediante a observação da presença na internet, a página de Facebook do Ponto deu uma melhor descrição das atividades. Disponível em: [//www.facebook.com/Cooperativa100Dimensao](https://www.facebook.com/Cooperativa100Dimensao)



Figura 13. Localização dos Pontos de Cultura do eixo Memória/ Identidade
 Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SCDC (Anexo A)

Como alguns exemplos da diversidade dos Pontos do eixo Memória/Identidade temos a Fundação Athos Bulcão, que abriga o Ponto de mesmo nome, e que foi criada para preservar e divulgar a obra do artista plástico. Por outro lado, temos uma experiência como a Ludocriarte de São Sebastião, cujas atividades envolvem a coleta de histórias e depoimentos dessa Região Administrativa, sendo o único Ponto que se encontra fora do Plano Piloto, o restante se concentra principalmente na Asa Norte.

As Regiões Administrativas que abrigam o eixo Audiovisual/Comunicação já são mais diversas e concentram uma variedade maior de Pontos, Figura 14. Dentro desse eixo foram considerados tanto os Pontos que trabalhavam diretamente com produção audiovisual, cinema, edição como também aqueles da área da comunicação, incluindo aqueles Pontos que desenvolviam Programas de TV e de Rádio. Bem foi expressado na avaliação do IPEA no ponto 5.3 do presente capítulo, de que a ação Cultura Digital devia ser adotada pelo Pontos para articular as relações entre eles, a comunidade e o governo. Vários Pontos de todo o Brasil, entretanto, não tinham utilizado o Kit multimídia ou não tinham gerado uma prática de uso das ferramentas digitais. No Distrito Federal, contudo, ao analisar os dados fornecidos pela SCDC, percebeu-se o eixo Audiovisual/Comunicação como uma porta para o desenvolvimento da Cultura Digital na comunidade. Todos os Pontos que oferecem oficinas

da área audiovisual de algum modo estão realizando uma ação que diz respeito à inclusão digital. Não foram encontrados dados concretos sobre a utilização do Kit Multimídia como tal, mas reconhecer Audiovisual/Comunicação como um eixo forte nos indica que existe uma possível tendência de crescimento da Cultura digital para o Distrito Federal.



Figura 14. Localização dos Pontos de Cultura do eixo Audiovisual/ Comunicação
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SCDC (Anexo A)

Regiões como Ceilândia e Taguatinga denotam uma alta presença de Pontos que trabalham com audiovisual. Acredita-se que eventos como, por exemplo, o Festival Taguatinga de Cinema possam ser um impulsor que desperte o interesse da comunidade e em consequência guie os Pontos a estarem também focados nessa área. Por outro lado, considera-se importante destacar as Regiões do Varjão, Paranoá e São Sebastião que também contam com Pontos no eixo audiovisual, ampliando assim a possibilidade de um maior alcance deste eixo dentro do Distrito Federal. Outro dado para destacar é a presença de Rádios que, embora em número reduzido, encontram-se em Samambaia e Taguatinga nos Pontos Cultura Popular na Cidade e Coletivo Gente Brasil respectivamente.

O eixo Teatro/Circo/Boneco, tanto quanto o Audiovisual/Comunicação, possui uma grande abrangência e envolve diversas regiões do Distrito Federal, Figura 15.



Figura 15. Localização dos Pontos de Cultura do eixo Teatro/ Circo/ Boneco
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SCDC (Anexo A)

No Plano Piloto, Asa Sul, encontram-se dois Pontos que têm como atividade a capacitação de artistas e técnicos dentro da área, Cooperativa Brasiliense de Teatro e Estúdio de Tecnologias Cênicas. Isto possibilitaria projetar uma organização sustentável em que não só os Pontões tenham a função de assistir aos Pontos, mas no qual os mesmos Pontos possam ser capacitados por outros.

Este eixo tem a particularidade de que, embora tenha sido fixado pontualmente dentro do mapa, as áreas de teatro, circo e bonecos são práticas que se caracterizam por realizar apresentações em diversas regiões do DF. O grupo Mapati por exemplo, oferece oficinas em seu centro situado na Asa Norte, mas também realiza ações na Região da Estrutural e Santa Maria. Além disso vários Pontos pertencem à Associação Candanga de Teatro de Bonecos³⁸, o que nos faz pensar que compartilham experiências em eventos e festivais, porém não encontramos, nos documentos consultados, uma conexão explícita que fale desses Pontos de Cultura realizando ações conjuntas como tal.

³⁸ <http://actbbonecosbrasil.com.br/>

O eixo Música/Edição, Figura 16 apresenta variedade de estilos que diz respeito à mistura característica do Distrito Federal.



Figura 16. Localização dos Pontos de Cultura do eixo Música/Edição
Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SCDC (Anexo A)

Pontos como Atitude Jovem, Ferrock e Claudio Santoro reforçam a cultura do Hip Hop, enquanto os Pontos Congo Nya de São Sebastião e Tamnoá do Paranoá se focam na cultura afro-brasileira com oficinas de percussão e criação de instrumentos musicais; o ritmo do carnaval está presente em Mamãe Taguá e no Menino de Ceilândia, que possui uma raiz pernambucana com suas música de frevo.

Pode-se ver nos mapas até agora, que vários Pontos estão presentes em mais de um eixo, isto nos demonstra a amplitude de vários Pontos na compreensão das necessidades do entorno e da importância de adotar outras ações como apoio para suas atividades.

Na Figura 17, identificaram-se os pontos que têm como eixo a Cultura Popular, não só na forma de atividades, como também em sua difusão, como o programa de rádio Cultura Popular na Cidade de Samambaia.



Figura 17. Localização dos Pontos de Cultura do eixo Cultura Popular
 Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SCDC (Anexo A)

Compreende-se que o eixo Cultura Popular pode envolver várias áreas, no entanto, considerou-se importante delimitar este eixo também como variável a ser analisada inclusive identificando que a maioria está embutida dentro de Pontos que também formam parte do eixo Teatro/Circo/Boneco, porém a visualização do mapa é diferente, identificando uma concentração nas regiões de Ceilândia e Taguatinga. No Plano Piloto só se encontram Seu Estrelo na Vila Telebrasilândia e o grupo Circo, Boneco, Riso; fato que evidencia a característica das regiões periféricas do Distrito Federal em valorizar e conservar a cultura popular provinda de outros cantos do Brasil.

A Dança, Figura 18, está presente em vários pontos como mais um eixo dentro das atividades que desenvolvem. Só se encontrou um ponto que fazia da dança seu único eixo de desenvolvimento, o Garatuja, que oferece aulas de balé e dança contemporânea para meninas de 9 a 14 anos.



Figura 20. Localização dos Pontos de Cultura do eixo Leitura/ Escrita
 Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da SCDC (Anexo A)

Identificaram-se assim Regiões com uma destacada presença devido, por um lado, à variedade de Pontos que contemplavam e, por outro, à amplitude das atividades realizadas por esses Pontos. Um fato importante a se destacar é que o Plano Piloto concentra a maior quantidade de Pontos, no entanto, se considerarmos aqueles pontos que têm um contato com a comunidade do entorno influenciando com suas ações a Região onde se encontram, poderíamos dizer que Ceilândia e Taguatinga são as regiões com mais atividade e, em contrapartida, existem ainda regiões desenvolvidas que não contam com nenhum Ponto de Cultura reconhecido pelo Programa Cultura Viva, como Núcleo Bandeirante, Guarã ou Sobradinho, entre outras. A questão não é que todas as Regiões devam ter um Ponto de Cultura mas na hora de pensar na dinâmica dos Pontos dentro do DF deveria ver-se de uma forma integrada em que todas as RAs sejam abarcadas pelas ações dos Pontos.

Ainda sem apresentar dados estatísticos, percebem-se pontos fortes que poderiam servir para articular a rede, fortes no sentido da variedade de eixos em que trabalham que permitiria uma maior abertura com os demais Pontos.

Hoje a rede tende a ser centralizada, se considerarmos a recolha documental que expressa que os Pontos são os únicos que têm a capacidade de interagir com os Pontos. Não obstante, depois de ter apresentado este mapeamento conformado por pontos, eixos e regiões,

acredita-se que existem outros atores com capacidade para articular a rede de uma forma mais descentralizada, fato que se demonstrará na parte seguinte da pesquisa.

5.5. Análise estatística das relações dos Pontos de Cultura

Para conseguir mensurar as particularidades de uma rede, esta deve ser analisada levando em conta indicadores que nos fornecem dados para compreender a rede em sua totalidade, como também individualmente, obtendo informação por ator específico. O que se pretende com estes indicadores é conhecer o grau de conectividade da rede, os pontos com maior ou menor número de interações, a intermediação de alguns atores na relação com outros e a proximidade entre os atores. No Quadro 4 se detalha com maior precisão o que se obtém a partir dos indicadores e para quem se pode aplicar essa mensuração, se para o ator, para a rede ou para ambos.

Quadro 4. Tipo de indicadores para analisar uma rede

Tipo de indicador	Ator	Rede Completa	Descrição
Densidade	Sim	Sim	Mostra-nos o valor em porcentagem da densidade da rede, isto é a alta ou baixa conectividade da rede.
Centralidade	Sim	Não	O grau de centralidade é número de atores com os quais um ator esta diretamente unido
Centralização	Não	Sim	Condição especial na que um ator cumpre um papel central por estar altamente conectado na rede
Intermediação	Sim	Sim	Possibilidade que tem um ator para intermediar as comunicações entre pares de atores. Estes atores são também conhecidos como atores pontes
Cercania	Sim	Sim	Capacidade de um ator para alcançar a todos os atores da Rede

Fonte: Manual Introdutório à Análise de Redes Sociais

Estes mesmos indicadores foram calculados para a rede dos Pontos de Cultura, para isso se utilizou o software UCINET 6 v.6.512³⁹ como auxílio e o plug-in NetDraw v.2.139 para a geração dos grafos. Os resultados obtidos nos permitiram gerar hipóteses, discussões e possibilidades de desenvolvimento sobre o papel de certos atores e sobre as características da rede.

O que deve ser gerado para obter dados precisos é uma matriz de relacionamento entre os atores que é inserida no software UCINET para conseguir valores concretos. A relação que foi considerada entre os pontos surgiu a partir das variáveis (eixos temáticos) que tinham em comum. Para isso se realizou um quadro onde foram inseridos em valores numéricos a quantidade de eixos que cada ponto tinha em comum com os 42 pontos restantes, para uma maior compreensão, elaborou-se o Quadro 5 a título de exemplo. A informação completa com todos os Pontos consta do Anexo C.

Quadro 5. Exemplos de esquematização de variáveis comuns entre pontos

	Cultura Viva Timbira	Mamulengo presepada	Atitude jovem	Seu Estrelo
Cultura Viva Timbira	0	0	1	0
Mamulengo presepada	0	0	2	4
Atitude jovem	1	2	0	2
Seu Estrelo	0	4	2	0

Fonte: elaborado pela autora com base no Anexo C

A partir desse quadro se elaborou a matriz de relacionamento no UCINET, Figura 21 considerando como relação existente quando entre pontos tinham um ou mais eixos temáticos em comum (inserindo o valor 1), e como relação inexistente (inserindo o valor 0) se não compartilhavam nenhum eixo.

³⁹ Disponível em: < <https://sites.google.com/site/ucinetsoftware/downloads>>

	A	B	C	D	E	F	G
1 ID		Pontão Itinerante	Rede comunitária de prod. audiov.	Pontão Escola Viva	Tv supren	Tv em movimento	Voz Comunidade da FK
2 Pontão Itinerante		0	1	1	1	1	1
3 Rede comunitária de prod. audiov.	1	0		1	1	1	1
4 Pontão Escola Viva	1	1		0	1	1	1
5 Tv supren	1	1	1	1	0	1	1
6 Tv em movimento	1	1	1	1	1	0	1
7 Voz Comunidade da Floresta	1	1	1	1	1	1	0
8 Reform. Agrária e Cidadania Francisco J.	1	1	1	1	1	1	1
9 Valorização e correc. Cultura no meio rural	1	1	1	1	1	1	1
10 Cultura Viva Timbra	1	1	1	1	1	1	1
11 Mamulengo presepada	1	1	1	1	1	1	0
12 Coop. Brasileiros de teatro	1	1	1	1	1	1	0
13 Alitude jovem	1	1	1	1	1	1	0
14 Espaço cultural 100 dimensão	1	1	1	1	1	1	1
15 Memrio de Celândia	1	1	1	1	1	1	0
16 Varão	1	1	1	1	1	1	0
17 Cis Artcum	1	1	1	1	1	1	0
18 Estúdio de tecnologia cênicas	1	1	1	1	1	1	0
19 Ação cultural gama	1	1	1	1	1	1	1
20 Mundo, olhares, saberes	1	1	1	1	1	1	0
21 Comunidade na biblioteca T-bone	1	1	1	1	1	1	0
22 Cultura popular na cidade	1	1	1	1	1	1	0

Figura 21. Matriz de relacionamento realizada no UCINET 6 v.6.512

O tipo de rede que se obtém a partir de nossa matriz de relações é uma rede simétrica, já que os fluxos de relações são bidirecionais, sabendo que se o ator “A” se relaciona com o ator “B”, em consequência, o ator “B” se relacionará com “A”.

Na identificação anterior, os Pontões tinham sido localizados no mapa segundo a atividade principal que eles desenvolvem, porém no momento de realizar a matriz tanto eles quanto o Ponto Artéria foram colocados como tendo relação com todos, já que, como anteriormente se explicou, essa é a única informação que obtivemos de relações concretas a partir dos documentos consultados.

Na figura 22 pode-se observar a rede completa, a partir da matriz inserida no UCINET e no NetDraw para a geração do grafo. Os pontos azuis são os atores da rede (Pontos de Cultura) e as linhas são os vínculos entre os atores (obtidos pelas variáveis comuns). O tamanho dos pontos azuis é proporcional à quantidade de vínculos que o ator possui. Dessa forma pode-se visualizar que os pontos menores são os que têm poucas relações já que têm poucos eixos em comum que os relacionam com os outros atores. O grafo é só uma forma de visualização que deve ser complementada com dados concretos sobre a conformação da rede.

A partir da matriz calculada na UCINET, obtiveram-se os indicadores de densidade, centralidade, intermediação e proximidade de nossa rede, que nos possibilitaram descrever com dados certos o que se estimava no ponto anterior no que se refere à presença de certos atores.

DESCRIPTIVE STATISTICS			
		1	2
		Degree	NrmDegree
1	Mean	26.279	62.569
2	Std Dev	9.517	22.660
3	Sum	1130.000	2690.476
4	Variance	90.573	513.454
5	SSQ	33590.000	190419.500
6	MCSQ	3894.651	22078.521
7	Euc Norm	183.276	436.371
8	Minimum	8.000	19.048
9	Maximum	42.000	100.000
10	N of Obs	43.000	43.000

Figura 23. Resultado da soma de todas as relações existentes
 Fonte: elaborado pela autora com base nos resultados da matriz calculada no UCINET

O número das relações possíveis se obtém multiplicando o numero total de atores (43) pelo numero total de atores menos 1 (42), obtendo assim 1806 relações possíveis.

$$\text{Densidade} = (\text{Relações existentes} / \text{Relações possíveis}) \times 100$$

$$\text{Densidade da Rede dos Pontões e Pontos do DF} = (1130/1806) \times 100 = 62,56 \%$$

A partir deste dado, pode-se afirmar que esta suposta rede tenderia para um alto grau de conectividade, com uma densidade de 62,56 %. A presença dos Pontões sem dúvida influencia no resultado total da densidade, já que eles se caracterizam por estarem relacionados com todos os atores da rede. Esta informação também nos informa sobre a centralidade do ator e sobre a centralização da rede.

b) Centralidade

A centralidade é o numero de atores aos quais um ator está diretamente conectado, e a centralização é a característica de uma rede resultante do papel central que pode cumprir certo ator. Dessa forma, se temos uma rede em que só um ator tem relação como todos os outros atores então teremos uma rede centralizada, onde só esse ator tem o poder de controlar as relações da rede. Antes de propor a relação entre os Pontos a partir dos eixos temáticos comuns, só tínhamos relações entre Pontões e Pontos. Pretende-se verificar aqui quais atores de nossa rede têm uma alta centralidade, além dos Pontões, e qual a porcentagem de centralização da rede, sabendo que quanto mais baixa a porcentagem de centralização, significará que todos os atores têm possibilidade de interagir entre si sem necessidade de depender dos Pontões. Na Figura 24, apresenta-se o grau de centralidade de todos os atores.

		1	2	
		Degree	NrmDegree	
1	Pontao Itinerante	42.000	100.000	Centralidade máxima (Quantidade de relações do ator)
2	Rede comunitaria de prod. audiov.	42.000	100.000	
3	Pontao Escola Viva	42.000	100.000	
4	TV supren	42.000	100.000	
5	TV em movimento	42.000	100.000	
36	Artheria	42.000	100.000	
34	Tribo das Artes	38.000	90.476	
37	Congo nya	37.000	88.095	
40	Mapati	35.000	83.333	
38	Coletivo gente brasil	32.000	76.190	
35	Resgate da Vida	32.000	76.190	
8	Valorizacao e conhec. Cultura no meio rural	31.000	73.810	
25	Ferrock	31.000	73.810	
12	Atitude jovem	31.000	73.810	
32	Seu estrela	30.000	71.429	
10	Mamulengo presepada	30.000	71.429	
16	Cia Artcum	30.000	71.429	
14	Menino de Ceilandia	30.000	71.429	
27	Mamae tagua	29.000	69.048	
15	Varjao	29.000	69.048	
21	Cultura popular na cidade	27.000	64.286	
9	Cultura Viva Timbira	25.000	59.524	
18	Acao cultural gama	24.000	57.143	
23	Circo Boneco Riso	24.000	57.143	
42	Tamnoa	23.000	54.762	
24	Galpao do Riso	22.000	52.381	
28	Oceano nox	22.000	52.381	
17	Estadio de tecnolog. cenicis	22.000	52.381	
11	Coop. Brasileira de teatro	22.000	52.381	
39	Educacao em Foco	20.000	47.619	
26	Cinema ceu aberto	20.000	47.619	
30	Midioteca para Inclusao Social e Digital	20.000	47.619	
19	Mundo, olhares, saberes	20.000	47.619	
43	Grupo video avesso	20.000	47.619	
29	Claudio santoro	18.000	42.857	
22	Coral de 100 vozes	18.000	42.857	
33	Athos bulcao	18.000	42.857	
31	Garatuja	15.000	35.714	
41	Ludocriarte	13.000	30.952	
6	Voz Comunidade da Floresta	13.000	30.952	
7	Reform. Agraria e Cidadania Francisco J.	11.000	26.190	
13	Espaco cultural 100 dimensao	8.000	19.048	Centralidade mínima (Quantidade de relações do ator)
20	Comunidade na biblioteca T-bone	8.000	19.048	

Figura 24. Grau de Centralidades dos Pontos de Cultura

Fonte: elaborado pela autora com base nos resultados da matriz calculada no UCINET

Tendo em vista os resultados, pode-se confirmar que os Pontões têm alto grau de centralidade, ou seja, um Pontão pode se conectar de forma direta com os 42 atores restantes, isto significa que esse ator tem uma centralidade de 100%. A Artéria também tem essa característica, que a coloca em um lugar importante diante da rede, já que, não sendo Pontão, tem a capacidade de se conectar com todos. Deve-se lembrar que a Artéria é um ponto de pesquisa que não se relaciona apenas com os Pontos para investigar o desenvolvimento deles, mas também cria um espaço para os Pontos se comunicarem e debaterem sobre a definição de políticas que ajudem à democratização cultural.

No entanto, existem outros atores que também têm um grau de centralidade alto, considerando os resultados que surgiram das relações baseadas nos eixos comuns de atividades. O ponto Tribo das Artes, por exemplo, tem a capacidade de se relacionar com 38 atores, ele tem uma centralidade de 90%, já que existem apenas 4 Pontos com os quais ele não se relaciona diretamente. Outro ator para destacar é o Congo Nya que se relaciona diretamente

com 37 Pontos. A característica destes dois Pontos é que eles abarcam uma ampla variedade de eixos temáticos que lhes permitem ter uma relação com a maioria dos atores.

Na Figura 25, apresenta-se de forma gráfica a rede do Ponto Tribo das Artes conformada por todos os atores com que ele se relaciona. Pode-se ver que continua sendo uma rede dinâmica, inclusive com conexões entre os demais atores.

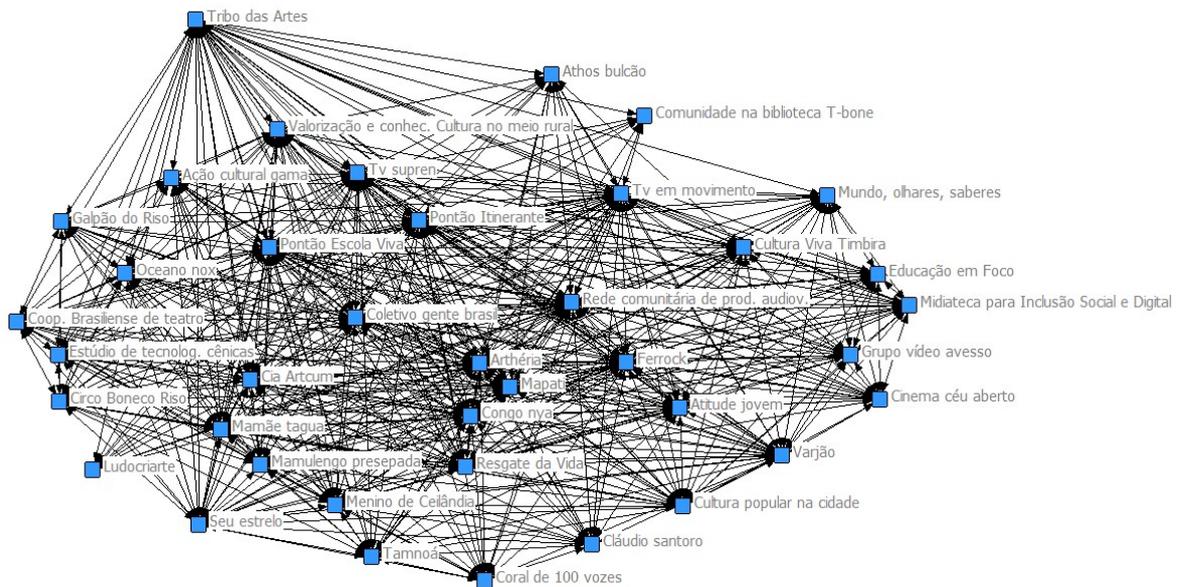


Figura 25. Rede que mantém o Ponto Tribo das Artes

Fonte: elaborado pela autora com base nos resultados da matriz calculada no UCINET

No lado oposto aos Pontos Tribos das Artes e Congo Nya, que obtiveram um alto grau de centralidade, encontra-se o Ponto Espaço Cultural 100 Dimensão. Este tem o menor grau de centralidade já que só se conecta com 8 atores, sendo que 5 são os Pontões e 1 Artéria, significa que a capacidade deste ponto de se conectar graças aos eixos temáticos lhe permite se relacionar com 2 atores, os Pontos Ação Cultural Gama e Voz Comunidade da Floresta.

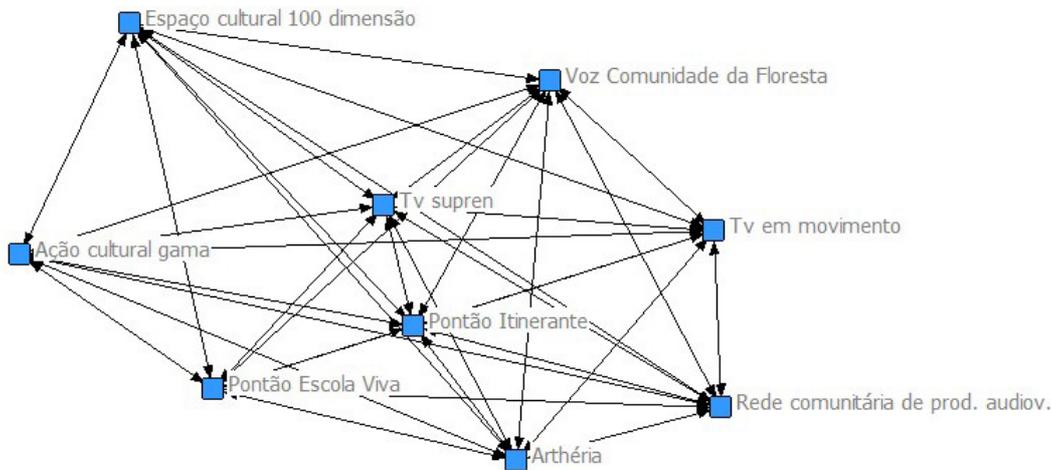


Figura 26. Rede que mantém o Ponto Espaço Cultural 100 Dimensão
 Fonte: elaborado pela autora com base nos resultados da matriz calculada no UCINET

Possuindo atores com alta centralidade e atores como o Espaço Cultural 100 Dimensão que tem uma baixa centralidade, pode-se afirmar, a partir dos dados apresentados, que a rede em sua estrutura geral tende a ser descentralizada, obtendo uma centralização total de 39,26%, Figura 27.

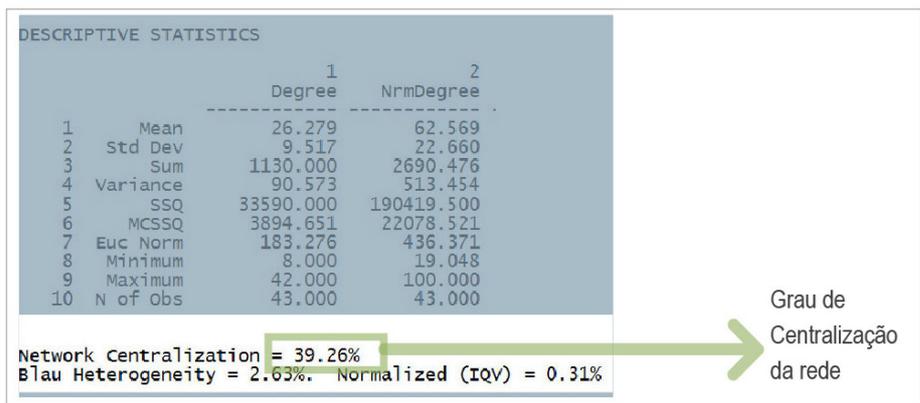


Figura 27. Grau de centralização da rede dos Pontos de Cultura do DF
 Fonte: elaborado pela autora com base nos resultados da matriz calculada no UCINET

Sendo baixo o número de centralização de nossa rede, é-nos possível afirmar que não existe um ator exclusivo que faz possível a comunicação entre todos, e que, num caso em que os Pontões e o Ponto Artéria não cumprissem sua função, há outros atores que permitiriam

articular a rede. Esta capacidade de um ator possibilitar a relação entre dois pares é também um indicador que se levará em conta.

c) Intermediação

Diz respeito à capacidade que tem um ator em intermediar a comunicação entre pares de atores que não se relacionam diretamente. Este indicador permite também conhecer a importância do ator dentro da rede e se mede contando as vezes que o ator aparece nos caminhos geodésicos⁴⁰ que conectam todos os pares de atores da rede.

		1	2	
		Betweenness	Betweenness	
1	Pontao Itinerante	34.653	4.025	→ Grau de intermediação (Atores com alto grau de intermediação)
2	Rede comunitaria de prod. audiov.	34.653	4.025	
3	Pontao Escola Viva	34.653	4.025	
4	TV supren	34.653	4.025	
5	TV em movimento	34.653	4.025	
36	Artharia	34.653	4.025	
34	Tribo das Artes	19.566	2.273	
37	Congo nya	13.908	1.615	
8	Valorizacao e Conhec. Cultura no meio rural	11.130	1.293	
40	Mapati	10.974	1.275	
12	Atitude jovem	7.120	0.827	
25	Ferrock	7.120	0.827	
38	Coletivo gente brasil	6.960	0.808	
35	Resgate da Vida	6.960	0.808	
9	Cultura Viva Timbira	6.019	0.699	
15	Varjao	5.221	0.606	
16	Cia Artcum	4.652	0.540	
32	Seu estrela	4.519	0.525	
10	Mamulengo presepada	4.519	0.525	
14	Menino de Ceilandia	4.519	0.525	
18	Acao cultural gama	4.017	0.467	
27	Mamae tagua	3.386	0.393	
21	Cultura popular na cidade	3.186	0.370	
33	Athos bulcao	2.272	0.264	
42	Tamnao	1.333	0.155	
6	Voz Comunidade da Floresta	1.093	0.127	
41	Ludocriarte	0.852	0.099	
23	Circo Boneco Riso	0.754	0.088	
29	Claudio santoro	0.000	0.000	→ Grau de intermediação (Atores sem grau de intermediação)
24	Galpao do Riso	0.000	0.000	
31	Garatuja	0.000	0.000	
22	Coral de 100 vozes	0.000	0.000	
28	Oceano nox	0.000	0.000	
13	Espaço cultural 100 dimensao	0.000	0.000	
30	Midioteca para Inclusao Social e Digital	0.000	0.000	
26	Cinema ceu aberto	0.000	0.000	
7	Reform. Agraria e Cidadania Francisco J.	0.000	0.000	
17	Estudio de tecnolog. cenicas	0.000	0.000	
39	Educacao em Foco	0.000	0.000	
19	Mundo, olhares, saberes	0.000	0.000	
20	Comunidade na biblioteca T-bone	0.000	0.000	
11	Coop. Brasiliense de teatro	0.000	0.000	
43	Grupo video avesso	0.000	0.000	

Figura 28. Grau de intermediação dos Pontos de Cultura

Fonte: elaborado pela autora com base nos resultados da matriz calculada no UCINET

Desta forma, os Pontões, Artéria, Tribo das Artes e Congo Nya são os que maior grau de intermediação possuem dentro da rede, evidenciando que a presença e participação deles seria importante, fazendo possível a conexão entre outros atores. Por outro lado, temos os

⁴⁰ Os caminhos geodésicos são os percursos mais curtos que um ator deve seguir para chegar a outros atores.

Pontos que não intermedeiam nenhuma relação, ou seja, que os demais atores podem se conectar (de forma direta o mesmo passando por outros atores) sem precisar da presença destes para concretizar essa conexão. Como o caso de Cinema Céu Aberto, Espaço Cultural 100 Dimensão, Biblioteca T-Bone, Garatuja, entre outros.

Considera-se importante deixar claro que, quando se fala de atores importantes dentro da rede, não estamos nos referindo a um valor do Ponto Cultural que tem a ver com as atividades que ele faz, mas sim à capacidade de fazer possível que outros pontos se relacionem. Por isso neste indicador, o Ponto de Cultura Valorização e Conhecimento da Cultura no meio Rural possui uma intermediação destacada, já que com certeza vários atores com eixos temáticos mais reduzidos, como por exemplo Athos Bulcão, precisarão deste intermediário para se relacionar com o resto da rede.

d) Proximidade

Outra informação importante para analisar, é a proximidade que um Ponto de Cultura poderia ter com toda a rede. O indicador de proximidade é a capacidade que tem um ator de chegar a todos os atores da rede. Este indicador é calculado contando todas as distâncias geodésicas que um ator tem que percorrer para conseguir se relacionar com todos os atores da rede.

1	Pontao Itinerante	42.000	100.000
2	Rede comunitaria de prod. audiov.	42.000	100.000
3	Pontao Escola Viva	42.000	100.000
4	Tv supren	42.000	100.000
5	Tv em movimento	42.000	100.000
36	Artheria	42.000	100.000
34	Tribo das Artes	46.000	91.304
37	Congo nya	47.000	89.362
40	Mapati	49.000	85.714
36	Coletivo gente Brasil	52.000	80.769
35	Resgate da Vida	52.000	80.769
8	Valorizacao e conhec. Cultura no meio rural	53.000	79.245
25	Ferrock	53.000	79.245
12	Atitude jovem	53.000	79.245
32	Seu estrelo	54.000	77.778
10	Mamulengo presepada	54.000	77.778
16	Cia Artcum	54.000	77.778
14	Menino de Ceilandia	54.000	77.778
27	Mamae tagua	55.000	76.364
15	Varjao	55.000	76.364
21	Cultura popular na cidade	57.000	73.684
9	Cultura Viva Timbira	59.000	71.186
18	Acao cultural gama	60.000	70.000
23	Circo Boneco Riso	60.000	70.000
42	Tamnao	61.000	68.852
24	Galpao do Riso	62.000	67.742
28	Oceano nox	62.000	67.742
17	Estudio de tecnolog. cenicac	62.000	67.742
11	Coop. Brasileira de teatro	62.000	67.742
39	Educacao em Foco	64.000	65.625
26	Cinema ceu aberto	64.000	65.625
30	Midioteca para Inclusao Social e Digital	64.000	65.625
19	Mundo, olhares, saberes	64.000	65.625
43	Grupo video avesso	64.000	65.625
29	Claudio santoro	66.000	63.636
22	Coral de 100 vozes	66.000	63.636
33	Athos hulcao	66.000	63.636
31	Garatuja	69.000	60.870
41	Ludocriarte	71.000	59.155
6	Voz Comunidade da Floresta	71.000	59.155
7	Reform. Agraria e Cidadania Francisco J.	73.000	57.534
13	Espaco cultural 100 dimensao	76.000	55.263
20	Comunidade na biblioteca T-bone	76.000	55.263

→ Grau de Proximidade
(Atores com alto
grau de proximidade)

→ Grau de Proximidade
(Atores com baixo
grau de proximidade)

Figura 29. Grau de proximidade dos Pontos de Cultura

Fonte: elaborado pela autora com base nos resultados da matriz calculada no UCINET

Um Pontão, por exemplo, em nossa rede terá que percorrer 42 distâncias geodésicas para conseguir se conectar com todos os atores da rede, já Ludocriarte, por não ter uma conexão direta com todos, terá que passar por outros atores em seu percurso para conseguir se conectar com toda a rede, tendo precisado percorrer 71 distâncias geodésicas. Assim, os Pontões têm uma capacidade de aproximação com toda a rede de 100% enquanto a capacidade de aproximação de Ludocriarte com toda a rede é de 59,15%.

É necessário apontar novamente que esta análise se baseia em possíveis relações da rede a partir de variáveis que foram designadas dentro da pesquisa. Outras variáveis poderiam ter sido levadas em conta, porém acredita-se que os eixos temáticos são as variáveis mais precisas que poderiam definir a relação de um Ponto Cultural com outro.

A existência de atores com baixo grau de proximidade, como o exemplo do Ludocriarte não nega a riqueza desse Ponto quanto às atividades que realiza, mas é um indicador para repensar de que forma esse Ponto poderia ter maiores trocas com a rede. O processo realizado até aqui é um modelo para analisar interações e identificar os atores e seus

papéis dentro de uma rede sendo a base para conseguir realizar ações mais concretas que apontem para aqueles atores ou regiões que necessitariam ser incentivados.

Como pode ser percebido, esta pesquisa abrange um estudo multidisciplinar para a compreensão da capilaridade e possibilidade da Rede dos Pontos de Cultura, por isso para uma integração geral do nosso universo foi elaborado um infográfico, Figura 30, onde é apresentado o processo realizado e os resultados obtidos de forma visual. Por questão de espaço e distribuição dos elementos não foram expostos os 43 atores mas os Pontos escolhidos refletem os resultado geral da Rede. Assim serão apresentados os quatro Pontos que obtiveram resultado destacado no que se refere à centralidade, intermediação e proximidade; sete Pontos com resultado médio e dois Pontos com baixo destaque mas que são importante na hora de pensar nas novas possibilidades para o crescimento da rede. A decisão sobre a escolha dos Pontos plasmados no gráfico seguinte baseou-se na verificação da existência deles como também de suas atividades, isto é, os Pontos apresentados mesmo alguns não estando vigentes no Programa Cultura Viva continuam ainda hoje desenvolvendo atividades de acordo com os eixos temáticos anteriormente descritos.

O infográfico está organizado em quatro partes: i) Situação inicial dos Pontos baseada na informação obtida por parte do MinC/SCDC, ii) Resultado da Análise de Redes que nos possibilitou pensar em futuras ações, iii) Proposta de novas ações e inclusão de novos atores (que será desenvolvidas com maior aprofundamento posteriormente) e iv) Dinâmica dos Pontos de Cultural dentro do Distrito Federal.

Rede dos Pontos de Cultura do Distrito Federal



- Pontões com capacidade para estabelecer vínculo com qualquer Ponto.
- Pontos com maiores possibilidades de conexão com todos os Pontos.
- Pontos com conexão média.
- Pontos com baixa conexão com os restos dos Pontos

Eixos temáticos mais destacados no DF

- Teatro/Circo Boneco
- Audiovisual Comunicação
- Cultura Popular

Eixos temáticos com novas perspectivas

- Memória
- Sustentabilidade Meio ambiente
- Leitura/ Escrita

3 Ações + Atores + Ferramentas

Acredita-se a necessidade de desenhar novos tipos de convênios que contemplem a criação de vínculos como uma forma de concretizar os conceitos que o Programa promove (articulação, visibilidade, sustentabilidade, autonomia). O incentivo por parte do SCDC é de suma importância principalmente para criar uma prática coletiva onde os Pontos possam ver possíveis benefícios a partir da interação e a diversidade que existe entre eles.

Eventos por eixo temático

Apresentações e/ou oficinas reunindo os Pontos de Cultura por eixos temáticos.

- Música
- Audiovisual
- Teatro

Parceria de serviços

Parceria pre-estabelecidas entre Pontos que possam prestar serviço e receber em troca, tentando criar uma dinâmica sustentável.

Apadrinhamento

Pontos com maior experiência e estrutura apoiam a Pontos com dificuldades de desenvolvimento.

Evento para a comunidade

Todos os Pontos reunidos em um evento para a comunidade. Podendo ser um evento itinerante anual em diferentes Regiões Administrativas.

Novos Atores na Rede

Possibilitariam uma dinâmica mais fluida sendo suporte e guia para os Pontos, trabalhando de forma conjunta com eles. Deveriam estar apoiados pelas TICs e incentivar seu uso como forma de gestão e comunicação entre os Pontos e com MinC/SCDC.

- Monitores**
Suporte e acompanhamento na definição de parcerias e criação de eventos e ações em geral.
- Comunicadores**
Gestores da informação/acervo, comunicação entre os Pontos e o MinC/SCDC.

! Implementação de TICs

Urgência na implementação das TICs. Necessidade de plataformas de apoio para a gestão dos Pontos, para a comunicação e como fornecimento de informação atualizada para o cidadão do Distrito Federal e visitantes.

1 Situação

A relação entre os Pontos era com os Pontões. A centralidade era alta.

Os Pontos atuavam principalmente em suas Regiões Administrativas e não tinham parcerias com outros Pontos.

Para analisar as possíveis relações recorreu-se à Análise de Redes (ARS). Definindo variáveis comuns entre os Pontos.

O resultado da ARS destacou atores potenciais e delinhou caminhos para fortalecer a rede e em consequência ter uma abrangência maior no DF.

2 Resultado da Análise

Densidade da Rede
A Rede poderia ter uma alta densidade de conexão levando em conta os eixos comuns (Teatro, Audiovisual, Cultura Popular, etc)

62,56%

Centralidade da Rede
Novas possibilidades onde os Pontões já não concentrariam as conexões, obtendo assim uma rede mais descentralizada.

39,26%

Pontos Destacados

- Artéria
- Tribo das Artes
- Congo Nya
- Mapati
- Ferroch
- Mamulengo Presepada

Resiões Destacadas

RAs
Regiões Administrativas

- Ceilândia
- Taguatinga
- Plano Piloto

5.6. Possibilidades de uma nova articulação

Como informação concreta tínhamos que os Pontos de Cultura do DF não interagiam em rede para a realização de atividades em conjunto, por outro lado o incentivo deles na hora de entrar no Programa estava focado em receber recursos e não demonstraram interesse na formação de redes ou criação de vínculos fato que não foi incentivado pelo MinC/SCDC por falta de experiência na gestão de um programa social desse porte. Na hora de analisar de forma estatística a rede percebemos alguns pontos com baixa interação mas com eixos que poderiam aportar novas perspectiva para a rede geral. No Quadro 6 realizou-se uma síntese sobre o processo até agora realizado no Capítulo 5 que nos permitiu distinguir algumas necessidades da rede para que se desenvolva como tal.

Quadro 6. Síntese do processo realizado

Objetivo	Situação Rede escolhida	Relações identificadas Análises de Rede	Necessidades Identificadas
Analisar as possibilidades de configuração de uma rede dentro do espaço urbano, que vise colaborar, difundir e, sobretudo gerar ações para que o cidadão tenha maior acesso e participação nas áreas da arte e a cultura no Distrito Federal	<ul style="list-style-type: none"> - Pontos não entram no Programa Cultura Viva para criar vínculos. - Atuam de forma individual - Concentração de Pontos no Plano Piloto - Não possuem comunicação fluida com a SCDC - Não se cria parceria entre os Pontos - Problemas com: recursos, estrutura e comunicação - Gestão da informação precária. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação de atores com grandes possibilidades de relacionamento. - Eixos fortes: Teatro/Circo/Boneco, Audiovisual /Comunicação e Cultura Popular - Eixos que possibilitariam outro tipo de relação e gestão: Memória, Sustentabilidade, Leitura. - Regiões Administrativas com maior atividade 	<ul style="list-style-type: none"> - Ações que criem vínculos - Maior visibilidade - Mais RAs abrangidas - Circuito sustentável - Comunicação estável entre os Pontos. - Acervo de memória e informação dos Pontos

Fonte: Elaborado pela autora

Pensar em novas formas de articulação para a rede não é importante apenas para os próprios atores, mas também para fortalecer na cidade circuitos diferentes dos já estabelecidos. Certamente os atores com maior presença na rede analisada estão localizados fora do Plano Piloto. Nos mapas de localização, conseguiu-se perceber que os Pontos de Cultura de Taguatinga e Ceilândia possuem linguagens diversas que alimentam a riqueza cultural da comunidade, concentrando os eixos temáticos de Audiovisual/Comunicação, Teatro/Circo/Boneco e Cultura Popular. Sendo também que estes eixos são os que mais

conectam os Pontos de Cultura do Distrito Federal. Existe uma concentração de Pontos no Plano Piloto, mas não se pode afirmar que esta Região tem um peso maior comparada com as outras RAs no que diz respeito à dinâmica cultural. Assim, a quantidade de Pontos dentro de uma Região não garante um maior dinamismo, mas atores específicos dentro de uma região podem sim marcar uma diferença.

A presença de atores que articulem a rede, como os Pontões e a Artéria, é uma condição importante para o fortalecimento da mesma, apesar disso, conseguimos identificar que novos atores poderiam cumprir também um papel importante como são Tribo das Artes, Congo Nya e Mapati, estes atores poderiam ser considerados como os estratégicos e além do mais estão localizados em diferentes RAs. De qualquer maneira, a rede cultural deveria ter a capacidade de poder agir além das barreiras físicas territoriais mas no nosso caso considera-se importante identificar atores em diferentes localizações que possam colaborar com a capilaridade da rede no território do DF.

A identificação dos eixos e as relações dos pontos baseadas nesses eixos comuns foram apenas o início para conseguir um ponto de partida que nos possibilitasse pensar em outros tipos de relações. Dentro de uma rede como essa o importante é conseguir uma interação que forneça uma riqueza além das atividades em comum, de outra forma só teríamos possibilidades com aqueles que estão desenvolvendo o mesmo tipo de atividades.

Granovetter (1973) desenvolveu a teoria dos laços fortes e laços fracos para analisar as interações em uma rede social, em que identificou como exemplo de laço forte a família onde existe um vínculo afetivo, de confiança e com mesmas costumes; e os laços fracos como aqueles vínculos relacionados à troca de informação, como por exemplo colegas de trabalho, de universidade, do clube, com realidades e vivências diferentes. Os laços fortes são interações mais fechadas, já que os atores compartilham os mesmos interesses, têm acesso às mesmas informações e se desenvolvem geralmente no mesmo território. O autor destaca a importância dos laços fracos dentro de uma rede, porque eles estão providos de experiências diferentes, o que possibilita trocas mais ricas e resoluções de problemas a partir de pontos de vista diferentes, como também têm a capacidade de ampliar a rede para outros atores. Dentro de uma Rede Cultural, que tem como objetivo democratizar o acesso à cultura, as relações entre Pontos com localização e atividades diferentes poderiam gerar novas perspectivas que serão apresentadas aqui como um universo possível de interação.

A partir das identificações da Análise de Redes pode-se distinguir que o modelo de rede que atende ao nosso objetivo poderá estar conformado por sub redes com diferentes níveis de conectividade já que o que se pretende é gerar relações entre laços fortes e laços

fracos, entre atores com atividades próximas mas também atores distantes. Assim definiram-se novas ações que propiciariam novos vínculos. Um Ponto de Cultura, a partir destas propostas que estamos realizando, pode formar parte de todas as relações ou de algumas:

i) Eixos temáticos: esta relação é que surge mais evidente e conseguimos visualizar na análise de redes. Desta forma existem Pontos no DF que poderiam ter uma relação a partir da atividade em comum, na hora de realizar oficinas e apresentações ou inclusive receber capacitação dependendo do eixo. Por outro lado a SCDC com o intuito de criar uma prática de relação entre os Pontos poderia incentivar ou colocar como condição para receber recursos que os Pontos criassem eventos pelos eixos comuns, realizando apresentações em diversas RAs. Assim poderíamos assistir por exemplo um evento de Música e Dança dos Pontos onde estariam presente a diversidade antes mencionada com Pontos que vão desde manifestações afro até o hip hop. O incentivo por parte do SCDC acredita-se importante para criar principalmente uma prática coletiva onde os Pontos possam ver possíveis benefícios a partir da interação e a diversidade que existe entre eles.

ii) Parceria de Serviços: Outra possibilidade de incentivar vínculos entre os Pontos é desenvolver outra ação que vise principalmente gerar práticas de sustentabilidade dentro da rede. Para isso é importante capacitar aos Pontos sobre a importância que tem o aporte de cada um deles, desta forma poder-se-iam criar vínculos preestabelecidos entre Pontos em que dão mas também recebem. Na análise de redes realizada vimos o caso do Espaço Cultural 100 Dimensão do Riacho Fundo II que desenvolve um eixo temático que é abordado por poucos pontos em que sua atividade principal é a coleta e reciclagem de lixo seletivo, por outro lado temos o Ponto Tribo das artes que além de abarcar vários eixos realiza publicações impressas e oficinas de xilogravura. Estes dois pontos poderiam criar uma parceria de serviços em que o Espaço 100 Dimensão forneceria para Tribo das Artes papel reciclado para as publicações e para as oficinas de xilogravura e o Ponto Tribo das Artes ofereceria oficinas ou apresentações no Espaço Cultural 100 Dimensão como uma forma de incentivar a atividade cultural no Riacho Fundo II. Como outro exemplo temos o Ponto Congo Nya que dentro das diversas atividades oferece oficinas de costura, o Mapati que oferece desenho de figurinos e por outro lado vários Pontos que poderiam criar uma parceria com eles na hora de realizar o vestuário para apresentações. Esta é uma proposta de criar mais um vínculo, mais uma possibilidade de relações, o modo como se realizaria a troca de forma que seja justa para todos é um ponto que se deveria estudar em conjunto com o SCDC já que em um primeiro momento o incentivo por parte desta secretaria para criar vínculos é essencial, esperando que exista uma futura etapa em que não necessariamente se precise dela para dar continuidade à rede.

iii) Apadrinhamento: na pesquisa realizada pelo IPEA em que foi avaliado o Programa e também apresentado resultados sobre as características dos Pontos perceberam-se Pontos mais consolidados e Pontos que ainda precisam de maior assistência. Esta parceria de apoio que estamos propondo baseia-se na concepção de dar sustento àqueles pontos que estão começando ou que não conseguiram consolidar seu processo de gestão correndo o risco de perder capacidade de continuar com suas atividades. Assim identificou-se outra possível relação em que os Pontos com maior estrutura física e de gestão possam se relacionar com Pontos que precisem de apoio sob o formato de apadrinhamento. É claro que esta relação é preestabelecida e quem fosse padrinho deveria contar com recursos que lhe permitisse destinar tempo para acompanhar o desenvolvimento dos pontos apadrinhados. Isto também faria possível identificar futuros pontos já que em nosso caso contamos com RAs que não possuem pontos reconhecidos mas que com certeza contam com grupos ou coletivos que poderiam virar pontos começando com o apoio de um Ponto Padrinho.

iv) Eventos Conjuntos: além da Teia Distrital, em que o foco do evento se centra no debate e definição de políticas culturais e novas perspectivas por parte dos Pontos, acredita-se a necessidade de criar um evento onde sejam reunidos todos os Pontos do Distrito Federal sob um formato de "Festa para a comunidade", seria uma oportunidade para que todos os Pontos possam mostrar-se e onde a comunidade possa ter acesso e conhecimento do que acontece em outras RAs. Este tipo de evento poderia pensar-se como itinerante de forma que consiga abranger RAs que não têm Pontos reconhecidos pelo Programa. Além de criar vínculos considera-se importante enfatizar em atividades que aportem visibilidade e que também nos permita ver todos os Pontos concentrados como uma forma palpável de perceber a diversidade existente no Distrito Federal.

Estes novos vínculos propostos deveriam estar incentivados no início pela própria SCDC estimando que este tipo de relações poderiam continuar além do Programa e que sendo uma forma de fortalecer os Pontos como rede cultiva uma prática que futuramente pode possibilitar autonomia. Por parte da SCDC caberia desenhar convênios que contemplem a criação de vínculos anteriormente descritos como uma forma de concretizar os conceitos que o Programa promove (articulação, visibilidade, sustentabilidade, autonomia) já que ainda não foram desenvolvidos processos ou editais concretos que aportem especificamente à ação de fortalecer o grupo de Pontos como rede. Hoje um Ponto pode receber recursos, ser parte do Programa mas não necessariamente interagir com os outros atores o que seria uma contradição para o Programa. Compreende-se do precário avanço da rede se considerarmos que os Pontos são pequenas estruturas que partiram da sociedade civil e que na hora de aderir

ao Programa tiveram que se enfrentar a uma série de processos de aprendizagens e construção desta nova política.

A análise de redes revelou atores potenciais com maior capacidade para interagir com a rede e atores que precisam ainda potencializar práticas que os aproximem à rede toda, por isso foram apresentadas possíveis ações para propiciar essa integração, porém para que isso seja possível talvez dever-se-ia pensar na inclusão de novos atores com funções específicas. Os Pontos já estão sobrecarregados com as exigências na prestação de contas e com as atividades próprias do plano a cumprir, por isso acredita-se que novos atores possibilitariam uma dinâmica mais fluida sendo também suporte e guia para os Pontos. Identificaram-se duas possíveis funções para os novos atores:

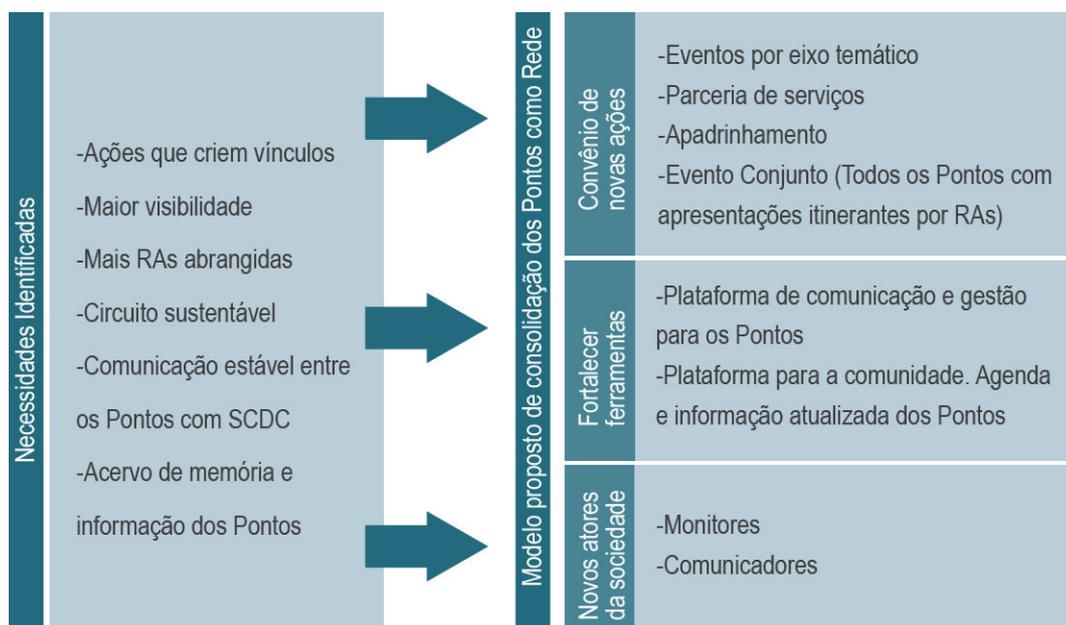
a) Monitores: escolhido pelos Pontos e o MinC/SCDC para exercer uma função de suporte e acompanhamento na definição de parcerias de serviços e apadrinhamento sendo função deles identificar Pontos isolados e analisar a forma de integrá-los à rede, distinguindo também RAs que deveriam ser impulsionadas.

b) Comunicadores: escolhido pelos Pontos e o MinC/SCDC que trabalhem em conjuntos com os monitores e com os Pontos e que cumpram a função de gestão da informação e acervo. Estes atores deveriam ser pessoas capacitadas para incentivar o uso de TICs dentro da rede, acompanhar as atividades dos Pontos e disponibilizar essa informação utilizando uma plataforma digital de suporte que atenda os Pontos, na relação entre eles e com a SCDC mas também uma plataforma para a comunidade que disponibilize informação de todos os Pontos, atividades, agendas atualizadas, localização, etc.

Isto poderia inclusive ser uma função dos próprios Pontos mas como foi dito anteriormente são atividades que requerem dedicação exclusiva pela magnitude de processos e informação que deveriam administrar e por outro com o término do convênio a SCDC corre o risco de perder informação valiosa como aconteceu com alguns Pontões, por isso estes novos atores que identificamos como necessários não deveriam ter uma relação com a SCDC como mais um Ponto de Cultura mas um cargo específico como incentivadores e articuladores da rede.

No Quadro 7 se expõem as necessidades reais anteriormente apresentadas baseadas na informação e o modelo proposto para fortalecer a existência dos Pontos como rede propriamente dita.

Quadro 7. Modelo possível para a consolidação dos Pontos como Rede



Desta forma identificamos um modelo que precisa atender à consolidação de ações que fortaleçam os vínculos, à necessidade urgente de adotar as TICs como ferramentas de apoio para essas ações e à identificação de possíveis novos atores como incentivadores e educadores de uma prática que possa, no avanço dos anos, consolidar-se de forma autônoma.

O que se pretende a partir da implementação deste modelo de análise e posteriormente de proposta é visualizar um universo possível com maiores capacidades de trocas entre as ações e atividades para potencializar o acesso à cultura. A presença do MinC como facilitador de recursos é indispensável para a Rede dos Pontos de Cultura, e os Pontos além de ser valorizados como geradores de cidadania e participação deveriam ser visto como atores importante para o MinC desde que são fontes potenciais de informação sobre o consumo de cultura que se produz no entorno e como espelho do entendimento da arte e a cultura em outros estratos sociais.

CONCLUSÃO

Sabe-se que criar ações que colaborem com a democratização cultural não é um assunto limitado apenas a questões técnicas. A coordenação entre Estado e sociedade é uma condição fundamental na formulação de políticas que garantam esse direito. Para tanto, tentou-se apresentar aqui um modelo que poderia ser aplicado para analisar possíveis relações entre atores que se apresentam com um objetivo em comum dentro de um espaço urbano. Pretendeu-se compreender de uma forma minuciosa esse espaço onde seria conformada a rede, apresentando contextos reais que dão sustento aos resultados. A rede cultural analisada, formada pelos Pontos de Cultura, está baseada em relações hipotéticas, todo o seu contexto, contudo, desde a concepção do Programa Cultura Viva até a estrutura socioeconômica e tecnológica, é real, possibilitando-nos poder aplicar esse tipo de análise em outras futuras instâncias.

Abordar o tema de democratização da arte e cultura por meio de atores que exercem uma relação direta com a comunidade nos colocou em um território ainda não muito explorado. Pensar a arte a partir de outras linguagens e reconhecê-la com outras funções pode abrir discussões e novos questionamento, mas não se fez aqui outra abordagem da arte que não seja em sua função original. Estes Pontos de Cultura, ou qualquer associação cultural que trabalha dentro da comunidade, podem ser vistos como incubadoras de sensibilidade para os cidadãos, pois atuam dando-lhes ferramentas e gerando espaços para eles decidirem como viver e conservar sua cultura e estabelecer conexões com outras. É importante que estes pontos trabalhem em rede e de forma colaborativa com o cidadão. A presença de uma rede cultural, que discuta políticas de acesso e que proporcione experiências enriquecedoras para a formação do cidadão como tal, é fundamental para desenvolver uma estrutura urbana criativa que terá repercussões em diferentes níveis para a cidade.

A estrutura socioeconômica e tecnológica levantada nos capítulos 3 e 4, considerando suas desigualdades, demonstra-nos que o Distrito Federal cumpre com as condições necessárias para que a implementação de uma rede cultural consiga alcançar seu objetivo, especialmente considerando que os Pontos estudados que tiveram maior destaque foram identificados nas RAs mais carentes do DF, implementando certamente atividades que envolviam de alguma forma a inclusão digital por meio da edição audiovisual e ferramentas de comunicação. No entanto, acredita-se que ainda falta fortalecer a utilização dessas ferramentas para conectar os Pontos que não dependem um recurso econômico fornecido pelo

governo, mas da concepção de uma prática colaborativa e de conscientização sobre a importância de aproveitar as TICs como a ampliação e ação da rede dentro da cidade. O Governo, neste sentido, também deveria ter o compromisso de incentivar estas práticas de colaboração e acesso digital, mas depois de ter apresentado o nível de Cidade Digital do DF e principalmente da Administração Pública, não seria coerente esperar, mas sim agir para que o governo gere plataformas propícias para que isso aconteça. Nos resultados da pesquisa, a defasagem entre a estrutura tecnológica e socioeconômica e a ausência de Brasília como Cidade Digital nos faz pensar na importância da rede como uma possibilidade de fortalecer os Pontos de Cultura para que, trabalhando de uma forma colaborativa, consigam autonomia de gestão que lhes permita se apropriar de ferramentas sociais e tecnológicas para intensificar sua ação.

Ao longo da pesquisa, no momento de levantar informações de diversas naturezas sobre o Distrito Federal, deparamo-nos com um fato importante a ser considerado, a falta de padronização quanto à disponibilidade da informação sobre um território que não está conformado como as demais unidades de federação. Isto nos fez duvidar em determinadas ocasiões se estávamos analisando dados de Brasília como um todo, do Plano Piloto sem RAs, ou ainda diretamente nos encontrar com falta de informação do DF quando se fazia alusão aos Municípios do Brasil. Principalmente a falta de informação sobre o contexto cultural do DF nos fez questionar sob que tipo de parâmetros o Distrito estava sendo avaliado para que o resultado fosse, sobre as práticas culturais brasilienses, “ir ao shopping e reunir-se com amigos”. É evidente que existem outros indicadores que poderiam ser considerados para avaliar o contexto cultural do DF, um exemplo disso se evidenciou na hora de apresentar os Pontos de Cultura e sua implicação dentro da cidade. Por isso acredita-se importante criar, fortalecer e dar visibilidade a esses espaços que também conformam o contexto cultural e que demonstraram abarcar uma variedade de linguagens também apropriadas pelo cidadão, permitindo-nos confirmar que a arte e a cultura do DF vão além das práticas publicadas pelo IBGE e, inclusive, pelo MinC.

Pode-se afirmar que a conformação de uma rede dentro do espaço urbano, que em nosso recorte está conformada pelos Pontos de Cultura, é altamente viável desde que seja incentivada por práticas colaborativas que visem o bem comum dos cidadãos e a autonomia da rede. Não obtivemos informação sólida por parte do MinC/SCDC sobre como os Pontos impactam dentro da comunidade, isto nos dá a possibilidade de pensar futuras análises que envolvam estudos aprofundados de cada ponto e sua repercussão no entorno, obtendo assim novos indicadores do perfil cultural brasiliense.

Outro tipo de estudo que também pode se desdobrar a partir desta análise e que vai junto com os conceitos instaurados do Programa Cultura Viva é pensar em uma rede cultural sustentável, que claramente estará baseada nas relações dos laços fracos, isto é, visualizar na rede os atores, suas atividades e identificar potencialidades que criem um circuito sustentável, concretizando assim, por meio das trocas de recursos tanto materiais como de gestão, o sentido de pertencer a uma rede.

Compreende-se que existem diversos ângulos para abordar a análise de uma rede cultural. Nosso objetivo foi propor um cenário possível de interação entre os atores que permitisse novas perspectivas no que diz respeito à expansão da arte e a cultura dentro da cidade, mas esse cenário pode-se ampliar futuramente, especialmente se começarmos a delinear o que essa expansão incluiria: a definição de ações concretas por parte dos Pontos e do governo para adotar e fazer uso das TICs que ampliem não apenas a relação dos Pontos, mas o acesso à informação sobre eles, suas atividades, sua localização, suas agendas, etc. Pensar em uma plataforma em que a informação mapeada dos Pontos seja atualizada e acessível para todos talvez pareça uma ação básica, contudo ainda não contamos com essa ferramenta. Apropriar-se das TICs para fortalecer uma rede como os Pontos de Cultura deveria ser uma urgência baseada em mostrar local e globalmente a riqueza e as potencialidades do Distrito Federal. Com isto não apenas os brasilienses seriam beneficiados, mas todo cidadão visitante que ao chegar na cidade não encontra parâmetros conhecidos para abordá-la.

Uma rede cultural, deve ser concebida pensando em uma multiplicidade de atores e funções que serão cumpridas, a análise que foi realizada no capítulo 5 nos revelou a relevância de certos atores dentro de uma rede e a importância de inserir novos atores, como os monitores e comunicadores propostos, porém ainda considera-se importante visualizar que existem novas possibilidades de estudos se ampliamos essa rede inserindo nela outros atores como instituições privadas, universidades, colegiados setoriais de cultura, etc. Acredita-se que novas pesquisas serão necessárias para avaliar por exemplo o Programa Cultura Viva em sua totalidade, levando em conta a diversidade de atores e funções e ainda todas as implicações que envolve trabalhar sobre um Programa, que no fechamento desta dissertação tem sido sancionado como Lei (13.018 de 22 de julho de 2014) o que abre novas perspectivas de consolidação e fortalecimento.

Outro resultado importante além dos atores da rede são os territórios culturais visíveis dentro do espaço do Distrito Federal, onde o Teatro/Circo/Boneco e Audiovisual/Comunicação se destacaram com uma presença mais densa que os resto dos eixos temáticos, a

partir destes resultados podem ser gerados dois tipos de análise, por um lado avaliar se de fato o Distrito Federal tem uma identidade forte com respeito a esses eixos destacados e por outro lado aprofundar em futuras pesquisas de avaliação e mapeamento sobre os demais eixos, tentando identificar territórios culturais dentro do DF, que nos possibilitaria também delinear perfis culturais característicos de cada Região Administrativa. Acredita-se que este tipo de mapeamento é necessário e urgente se quisermos implementar futuras ações culturais, porque é a partir destes mapeamento que será possível enxergar as necessidades tanto dos cidadãos como dos artistas, e questionar-nos por outro lado, se a causa desses eixos não fortalecidos se deve à falta de políticas para seu desenvolvimento.

O Distrito Federal tem sim arte e cultura próprias, e os Pontos de Cultura, organizados em rede com ações e papéis definidos, poderiam potencializar ainda mais este capital cultural da cidade mas é necessário contar com a colaboração de outros atores, como o Governo do Distrito Federal, como facilitador de recursos e políticas para gerar novas ações; instituições privadas envolvidas também no fortalecimento da arte e da cultura e um forte investimento em estudos e pesquisas sobre mapeamentos, acervos e gestão da informação cultural do DF junto com o desenho e geração de plataformas para um acesso democrático às informações culturais que servem tanto para o cidadão ou para qualquer pessoa que queira conhecer a verdadeira dinâmica artístico cultural que caracteriza ao Distrito Federal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGENDA 21 DA CULTURA. Cidades e governos locais unidos comissão de cultura. Barcelona, 2004.

ANATEL. Relatório Anual 2012. Agência Nacional de Telecomunicações.

AVALIAÇÃO DO PROGRAMA ARTE EDUCAÇÃO E CIDADANIA: CULTURA VIVA. SILVA, Frederico A. B. e ARAUJO, Herton E. (Orgs). Brasília: IPEA, 2010. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10883/12916/livro_Cultura_Viva-aqui.pdf/19d259b8-d266-4190-b005-ee6f7d37372a> Acesso em: 10 mar. 2014

BAUMAN, Zigmunt. Ensaios sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zhar, 2012

BOAS, Franz. A mente do ser humano primitivo. Petrópolis, Vozes, 2010

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A. 1989

BREA, José Luis. Cultura_RAM: mutaciones de la cultura en la era de su distribución electrónica. Barcelona: Gedisa, 2007.

BUSTAMANTE, Javier. Poder comunicativo, ecossistemas digitais e cidadania digital. In: Sergio Amadeu da Silveira (Org). Cidadania e redes digitais. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil : Maracá – Educação e Tecnologias. 2010.

CANCLINI, Néstor. El consumo cultural, una propuesta teórica. In: El consumo cultural en América Latina: construcción teórica y líneas de investigación. SUNKEL, Guillermo (Coord). Bogotá: Convenio Andrés Bello. 2006. p. 72-95

_____, Néstor. Todos tienen cultura: ¿quiénes pueden desarrollarla? Conferencia para el Seminario sobre Cultura y Desarrollo, en el Banco Interamericano de Desarrollo, Washington, 24 de febrero de 2005. Disponível em: < <http://www.iadb.org/biz/ppt/0202405canclini.pdf>> Acesso em 20 de março de 2014

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999

_____, Manuel. La ciudad de la nueva economía. Papeles de Población, n 27, p. 207-221, 2001, Universidad Autónoma del Estado de México, Toluca, México. Disponível em:< <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/112/11202708.pdf>> Acesso em 15 de fevereiro de 2013

CHAQUÉS BONAFONT, Laura. Redes de políticas públicas. Madrid: CIS; Siglo XXI, 2004.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc. 1999

CULTURA EM NÚMEROS: ANUÁRIO DE ESTATÍSTICAS CULTURAIS. 2ª edição. Brasília: MinC, 2010.252 p.

CULTURA VIVA: AS PRÁTICAS DE PONTOS E PONTÕES/IPEA, COORDENAÇÃO DE CULTURA. Brasília: IPEA, 2011

CULTURA VIVA EM NÚMEROS 2004-2012. Relatório. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/secretaria/scdc-em-numeros/>> Acesso em: 12 out. 2013.

DI FELICE, Massimo. Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social. Revista USP, Dossiê Redes Sociais. São Paulo, n 92, p. 6-19, Dez/Fev., 2011/2012.

DIAS, Leila Christina . Os sentidos da rede: notas para discussão. In: _____; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

EVANS, Graeme, FOORD, Jo, *Cultural mapping and sustainable communities: planning for the arts revisited*, Cultural Trends, 2008, 17:2, 65-96

FINQUELIEVICH, Susana. ¿Cibercidades? Informática y gestión local. Buenos Aires: Ediciones del CBC, 1996.

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte, 3º ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

GOUVEIA, Luís Manuel Borges. “Sociedade da Informação: Notas de contribuição para uma definição operacional”. Disponível em: <http://www2.ufp.pt/~lmbg/reserva/lbg_socinformacao04.pdf> Acesso em 24 de fevereiro de 2013

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. American Journal of Sociology; v 78, n. 6, p. 1360 - 1380. 1973

GRUPO TELEFÔNICA NO BRASIL. A sociedade da informação no Brasil, presente e perspectivas, Dez. 2002

GUERREIRO, Evandro Prestes. Cidade Digital: Infoinclusão social e tecnologia em rede. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2011

HARVEY, David. Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural(a). 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993. 349 p

_____, David. The right to the city. International Journal of Urban and Regional Research, vol. 27, n 4, p. 939–941, Dezembro 2003

ÍNDICE BRASIL CIDADES DIGITAIS 2012. Disponível em: <http://wirelessmundi.inf.br/indice-edicao-n-9>. Acesso em 4 de setembro de 2013.

ISHIDA, Toru. “Digital City Kyoto”, *Communications of the ACM*, Vol. 45, n 7, p. 76-81, Julho 2002 Disponível em: <<http://www.ai.soc.i.kyoto-u.ac.jp/~ishida/pdf/cacm02.pdf>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2013

_____, Toru. Understanding Digital Cities. In: T. Ishida and K. Isbister (Eds.) *Digital Cities: Experiences, Technologies and Future Perspectives* Lecture Notes in Computer Science, vol. 1765, Springer-Verlag, 2000

KAUCHAKJE, Samira et al. Redes socio-técnicas y participación ciudadana: propuestas conceptuales y analíticas para el uso de las TICs. REDES- Revista hispana para el análisis de redes sociales, vol. 11, n. 3, Dezembro 2006

KIRSCHBAUM, Charles; ANDRADA, Ana Carolina. Redes Sociais e expressões culturais na periferia: a extensão geográfica de rappers na cidade de São Paulo. In: MARQUES, Eduardo (Org.) *Redes sociais no Brasil. Sociabilidade, organizações civis e políticas públicas*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012

KROEBER, Alfred Louis; KLUCKLHOHN, Clyde. Culture: A critical review of concepts and definitions. Harvard University Peabody Museum of American Archeology and Ethnology Papers 47, 1952

LEMOS, André. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidades. Urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana, vol. 2, n 2, p. 155-166, julio-diciembre 2010, Pontificia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil

_____, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, vol. 4, n. 10, p. 23 – 40, jul. 2007.

LEMIX, Vincent; OUIOMET, Mathieu. Análise Estrutural das Redes Sociais. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

LIVRO VERDE. Sociedade da informação no Brasil. Tadao Takahashi (Org). Brasília. Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 195p

LOGAN, Roberto K. Que é informação? A propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econoesfera. Rio de Janeiro: Contrapunto. PUC-Rio, 2012.

LULL, James. Medios, comunicación, cultura: aproximación global. Buenos Aires: Amorrortu Editores S.A., 1997

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Estética en comunicación. Signo y Pensamiento 49, vol. 25, p. 36-45, jul. - dez. 2006, Pontificia Universidad Javeriana, Colombia

MATURANA R., Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

METAS DO PLANO NACIONAL DE CULTURA. Brasília: Secretaria de Políticas Culturais. Ministério da Cultura. 2da Edição. Janeiro, 2013

MOUTINHO, José Luiz. Das cidades digitais às cidades inteligentes: notas sobre a coevolução das tecnologias de informação e comunicação e do desenvolvimento urbano na Europa. T&C Amazônia, Ano VIII, n 18, I Semestre de 2010

OPEN METHOD OF COORDINATION (OMC). European Agenda for Culture. Work Plan for Culture 2011-2014. Policies and good practices in the public arts and in cultural institutions to promote better access to and wider participation in culture. Outubro, 2012

PARENTE, André. “Pensar em rede. Do livro às redes de comunicação”. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, v, 23, n1, p. 167-174, jan/jun, 2000.

_____, André. Rede e subjetividade na filosofia francesa contemporânea. RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.101-105, jan.-jun., 2007

PERFIL DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS 2012. Pesquisa de Informações Básicas Municipais. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2013.

PESQUISA DISTRITAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS 2011. Companhia de Planejamento do Distrito Federal – Codeplan. Brasília, outubro 2012

PLANO DA SECRETARIA DA ECONOMIA CRIATIVA: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2011. 156 p.

PLANO NACIONAL DE CULTURA. Lei Nro. 12.343. Dezembro, 2010

POLÍTICAS CULTURAIS PARA O DESENVOLVIMENTO: uma base de dados para a cultura. Brasília : UNESCO Brasil, 2003. 236 p.

PONTOS DE CULTURA: OLHARES SOBRE EL PROGRAMA CULTURA VIVA. SILVA, Frederico B.; CALABRE, Lia. Brasília: IPEA, 2011

RANKING MOTOROLA DE CIUDADES DIGITALES América Latina 2009. Convergência Research. Motorola Solutions. Disponível em:<http://www.fleshtel.com.br/CATALOGOS/Ranking%20Digitais%20-%20CIDADES%20DIGITAIS.pdf>

RANKING MOTOROLA DE CIUDADES DIGITALES América Latina 2011. Convergência Research. Motorola Solutions. Disponível em:<http://business.motorolasolutions.com/br/rankingciudadesdigitais/brochure.html>

REIS, Ana Carla Fonseca. Economia Criativa como Estratégia de Desenvolvimento. São Paulo: Garimpo de Soluções e Itaú Cultural, 2008. Disponível em:http://www.garimposolucoes.com.br/downloads/ebook_br.pdf

_____, Ana Carla Fonseca. Economia criativa, um novo olhar sobre o que faz a diferença. In: Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2011. 156 p.

RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2013. A Ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

RELATÓRIO REDESENHO DO PROGRAMA CULTURA VIVA GRUPO DE TRABALHO CULTURA VIVA. SCDC/MinC. DISOC/IPEA. Brasília: 2012. Disponível em: < <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2013/01/IPEA-RESULTADO-DO-REDESENHO-PCV-19dez-SCDC.pdf>> Acesso em: 15 mar. 2014.

SANCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. As ideias estéticas de Marx. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1968

SANTOS, Milton. A Cidade e o Urbano como Espaço-Tempo. Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX. UFBA - FAU/MAU. Salvador, p. 241-244, 1992

_____, Milton. Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados. Barcelona: Oikos-Tau. 1973

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Orgs.). *Redes, sociedades e territórios*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 29-50

SILVA, Michéle Tancman Cândido. A (Ciber) Geografia das cidades digitais, Rio de Janeiro. Niterói: UFF, Tese de Mestrado, 2002

SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS. Uma análise das condições de vida da população brasileira, 2012. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2012.

SISTEMA DE INDICADORES DE PERCEPÇÃO SOCIAL (SIPS). Fabio Schiavinatto (Org). Brasília: IPEA, 2011.

SISTEMA DE INFORMAÇÕES E INDICADORES CULTURAIS 2003-2005. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Diretoria de Pesquisas Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica, número 22. Rio de Janeiro 2007

SITUAÇÃO SOCIAL NOS ESTADOS. Distrito Federal. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: IPEA, 2012.

SOARES, Frederico dos Santos. Mapeamento cultural: uma proposta de leitura do espaço. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Geografia, 2010.

SOUTO, Átila Augusto ET AL. Subsídios à formulação de políticas públicas de telecomunicações. Brasília: Ministério das Comunicações, 2009
TIC Domicílios e TIC Empresas 2011. BARBOSA, Alexandra F. (Org). São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

TIC GOVERNO ELETRÔNICO 2010. BARBOSA, Alexandra F. (Org). São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2010.

TURINO, Célio. Pontos de cultura: O Brasil de baixo para cima, 2ª ed. São Paulo: Ed Anita Garibaldi, 2010.

TYLOR, Edward B. Primitive Culture. Volume I. Londres: Jhon Murray, 1871

UVALLE BERRONES, Ricardo. Gestión de redes institucionales. Convergencia. Revista de Ciencias Sociales. Universidad Autónoma del Estado de México. Vol. 16, pp. 41-72, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10512244003>> Acesso em: 7 de maio de 2013

VALENTE, Agnus; GERMANO, Nardo. Cidade expandida: hibridismo e expansão de um conceito para o contexto das redes tecnológicas. In: ROCHA, Cleomar; MEDEIROS, Maria Beatriz; VENTURELLI, Suzete (Orgs.). Art- Arte e Tecnologia/ Modus Operandi Universal. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Arte, 2012.

ZANCHETI, Sílvio Mendes. Cidades Digitais e o desenvolvimento local, RECITEC, Recife, v.5, n.2, p.311-329, 2001

**Anexo A – Documentação fornecida pela Secretaria da Cidadania e
Diversidade Cultural MinC/SCDC**

Dados do Pedido

Protocolo	01590000305201495
Solicitante	Mariela Norma Muruga
Data de abertura	06/03/2014 17:28
Orgão Superior Destinatário	MinC - Ministério da Cultura
Orgão Vinculado Destinatário	
Prazo de atendimento	26/03/2014
Situação	Respondido
Status da Situação	Acesso Concedido (Resposta solicitada inserida no e-SIC)
Forma de recebimento da resposta	Pelo sistema (com avisos por email)
Descrição	<p>Informação sobre os Pontos de Cultura do Distrito Federal. Quantidade de Pontos ativos. Localização dos Pontos. Atividade dos Pontos. Quantidade de pessoas que trabalham no Ponto. Quantidade de pessoas que participam das atividades do Ponto. Quantidade de Pontos por Região Administrativa.</p> <p>Informação sobre o andamento e acompanhamento dos Pontos de Cultura do Distrito Federal por parte do MinC: documento ou registro da comunicação do MinC com os Pontos. Acompanhamento do cumprimento das orientações do Programa Cultura Viva. Documento que registre se existem trocas entre os mesmos Pontos, qual a interação entre eles. Incentivo por parte do MinC/SCDC para gerar encontros dos Pontos de Cultura no Distrito Federal.</p>

Dados da Resposta

Data de resposta	26/03/2014 15:02
Tipo de resposta	Acesso Concedido
Classificação do Tipo de resposta	Resposta solicitada inserida no e-SIC
Resposta	<p>Senhor (a),</p> <p>Encaminhamos, em anexo, resposta elaborada pela Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural - SCDC</p> <p>Anexo: pedimos que verifique os arquivos anexados a esta mensagem.</p> <p>Importante: no caso de indeferimento de acesso a informação, poderá ser interposto recurso através do sistema no prazo de 10 (dez) dias, conforme disposto no parágrafo único do art. 15 da Lei nº 12.527/2011.</p> <p>O Serviço de Informações ao Cidadão do Ministério da Cultura agradece o seu contato e coloca-se à disposição para outras informações.</p> <p>Atenciosamente, Serviço de Informação ao Cidadão – SIC Ministério da Cultura Esplanada dos Ministérios, Bloco B, 3º andar CEP: 70068-900 – Brasília/DF sic@cultura.gov.br Telefone: (61) 2024-2022</p>

Classificação do Pedido

Categoria do pedido	Cultura, Lazer e Esporte
Subcategoria do pedido	Cultura
Número de perguntas	5



Prezada Mariela,

Boa tarde.

Em atendimento à NUP 01590000305201495, de 06/03/2014, a qual solicita informação acerca do acompanhamento dos Pontos de Cultura no Distrito Federal, informa-se que o Ministério da Cultura, por intermédio desta Secretaria firmou diretamente, após chamamento Público, convênio com 18 (dezoito) Entidades sem Fins Lucrativos para se tornarem Pontos de Cultura; bem como celebrou convênio com 05 (cinco) Entidades sem fins lucrativos para se tornarem Pontão de Cultura. Diante disso, informa-se que a maioria destes processos estão em fase de prestação de contas, posto que a execução destes já findou. De todo modo, salienta-se que no decorrer da execução dos convênios foram realizadas visitas técnicas com o objetivo de verificar a boa e regular aplicação dos recursos públicos.

Ademais, informa-se que o Programa Cultura Viva passou por um período de expansão, após a edição do Decreto Nº 6.226, de 04 de outubro de 2007, que instituiu o Programa Mais Cultura, com o objetivo de ampliar o acesso aos bens e serviços culturais. Neste sentido, a estratégia adotada foi a implementação em parceria com Entes Federados dentro do Sistema Nacional de Cultura, como forma de compartilhar a gestão e ampliar possibilitar maior escopo de atuação (abrangência).

A partir da adesão dos Estados e Municípios ao Sistema Nacional de Cultura – SNC, formaram-se as Redes de Pontos de Cultura vinculadas a estes Entes, as quais têm como principais obrigações: (i) publicar o edital; (ii) selecionar projetos; (iii) repassar recursos do Convênio para as Instituições; e, (iv) orientar, acompanhar e fiscalizar os projetos conveniados, realizando ações de assistência técnica e de acompanhamento dos Pontos de Cultura, recebendo e analisando suas prestações de contas.

Assim, em 21/12/2007, foi celebrado convênio entre o MinC e a Secretaria de Cultura do DF para implantação de 20 (vinte) Pontos de Cultura e 01 (um) Pontão de Cultura – desse modo, e considerando que à Rede de Pontos de Cultura acompanha diretamente a execução dos pontos, conforme o termo de convênio e o plano de trabalho pactuados –, cabendo a SCDC avaliar a regular aplicação dos recursos mediante análise da prestação de contas das **unidades federadas** – recomenda-se que o interessado verifique junto à Secult/DF informações/documentos atualizados que demonstrem como está sendo realizada a interação entre os pontos de cultura da Rede.

De todo modo, ressalta-se que esta Secretaria tem incentivado os Estados/Municípios a realizarem/participarem de fóruns e teias – eventos estes de grande importância para a ampliação da capilaridade do Programa Cultura Viva ao qual se encontram vinculados os Pontos da Rede e os Pontos de Cultura firmados diretamente com este Ministério. Assim, salienta-se que recentemente fora encaminhado ofício (cópia anexa) à Rede de Pontos do DF informando da importância da

realização deste evento de forma a promover o dialogo institucional, o intercâmbio e o fortalecimento das redes do Programa Cultura Viva, constituindo como ação estrutante do Programa.

Por fim, salienta-se que para disponibilizar cópia de documentos oficiais, faz-se necessário a solicitação da mesma com indicação de Pronac e número de convênios ou nome do projeto/conveniente, bem como a indicação do documento, posto que em cada processo há diversos registros de comunicação.

Em relação às informações quantitativas, segue a lista dos Pontos de Cultura do DF que já foram mapeados. Na lista possui nome do Ponto, instituição responsável, contato, endereço e atividades que são realizadas pelos Pontos. Informamos que a Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural está realizando o trabalho de mapeamento de todos os Pontos de Cultura.

As demais informações solicitadas não possuímos e podem ser requeridas junto às instituições responsáveis pelos Pontos. No Plano de Trabalho estão previstos 64 Pontos e 7 Pontões no DF e todos já estão conveniados. Dentre estes, na presente data, 21 Pontos e 1 Pontão estão vigentes e os demais 43 Pontos e 6 Pontões não estão mais vigentes.

Atenciosamente,

ATENDIMENTO CIDADANIA E DIVERSIDADE

Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural – SCDC

Ministério da Cultura - MinC

SCS Qd. 09 Lote C Torre B - 9º Andar, Ed. Parque Cidade Corporate

CEP: 70.308-200 - Brasília/DF

 (61) 2024-2772/2780

 atendimento.cidadaniaediversidade@cultura.gov.br



MINISTÉRIO DA CULTURA
SECRETARIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL
DIRETORIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL
COORDENAÇÃO DE COOPERAÇÃO, ARTICULAÇÃO E INFORMAÇÃO
COORDENAÇÃO DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO

Relatório de Pontos de Cultura por região - Distrito Federal (1/2014)

Orientações sobre esta base de dados	
Descrição resumida da base	Levantamento dos Pontos de Cultura já sistematizados no DF.
Observações metodológicas	Este relatório refere-se tão-somente à base de Pontos de Cultura já sistematizados pela Coordenação de Gestão da Informação - COGIN, ou seja, não se refere ao total de pontos de cultura já conveniados. A pesquisa foi realizada com a ferramenta filtrar do excel.
Hiperlinks para acesso direto	DFIA1

Identificação	
Fontes	Cadastro Nacional dos Pontos de Cultura
Área responsável	COGIN/CGCAI/DCDC/SCDC
Interlocutor responsável	Allan Nenes (Coordenador- COGIN)

Compilação e sistematização	
Área responsável	COGIN
Interlocutor responsável	Ana Lethícia (Chefe de Serviço) e Diego Carvalho (Apoio Administrativo)
Informações de vínculos com outras bases	Cadastro Nacional dos Pontos de Cultura - (disponível na pasta Cronos em \SPPC\GESTAO DE INFORMACOES\Uniformização de Dados)
Versão	1
Data	24/3/14

Histórico de Atualizações	
Data	Descrição
24/3/14	Criação do relatório.



MINISTÉRIO DA CULTURA
SECRETARIA DA CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL
RELATÓRIO DE PONTOS DE CULTURA -DISTRITO FEDERAL

Nº	INSTRUMENTO	TIPO PONTO	Nome do Ponto de Cultura	Edital	Entidade Responsável	ENDEREÇO PROPONENTE	MUNICÍPIO/UF	VIGÊNCIA INÍCIO	VIGÊNCIA FINAL	ÁREA CULTURAL DE ATUAÇÃO DO PONTO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PONTO	OBJETO
.01	PONTÃO DE CULTURA	PONTÃO DIRETO	PONTÃO DE CULTURA ITINERANTE	S/N	ORGANIZAÇÃO INDÍGENA PORTAL DO XINGÚ		Brasília (DF)	30/12/05	13/06/08	N/D	N/D	VISITAR, INTERAGIR E REGISTRAR AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS POR DIVERSOS "PONTOS DE CULTURA VIVA", E COM OS INTEGRANTES DA "CARAVANA ARCOIRIS POR LA PAZ", NO BRASIL. AS INTERAÇÕES DAR-SE-ÃO POR MEIO DE APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E OFICINAS DE TEATRO, DANÇAS, ARTES CIRCENSES, PALESTRAS E SENSIBILIZAÇÃO DAS COMUNIDADES VISITADAS, DE ACORDO COM SUAS PECULIARIDADES. OS REGISTROS DOS PONTOS DE CULTURA E DE SUAS ATIVIDADES SERÃO APRESENTADOS COM A REDAÇÃO E ARTE DO ORIGINAL DE UM LIVRO ILUSTRADO, CONTENDO TESTEMUNHOS DOS SEUS PARTICIPANTES. (EM PROCESSO DE TOMADA DE CONTAS ESPECIAL)
.02	PONTÃO DE CULTURA	PONTÃO DIRETO	REDE COMUNITÁRIA DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL	S/N	COOPERATIVA DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL	Quadra 510, Cj. 07, casa 07 - Samambaia Sul	Brasília (DF)	23/08/06	22/08/09	N/D	N/D	O PONTÃO REDE COMUNITÁRIA DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL TINHA COMO OBJETIVO PRODUZIR, EDITAR E VEICULAR (EM PARCERIA COM EMISSORAS DE TV) PROGRAMAS DE TELEVISÃO SOBRE OS PONTOS DE CULTURA.
.03	PONTÃO DE CULTURA	PONTÃO DIRETO	PONTÃO DE CULTURA ESCOLA VIVA	03/2005	GRUPO DE TEATRO MAMULENGO PRESEPADÁ INVENÇÃO BRASILEIRA	QSB 13, Mercado Sul, Bloco B, Lojas 05/24	Brasília (DF)	28/11/06	11/09/11	N/D	N/D	O PONTÃO ESCOLA VIVA VISA ATENDER O PÚBLICO PROVENIENTE DE ESCOLAS PÚBLICAS EM ATIVIDADES CULTURAIS DE CULTURA POPULAR, VALORIZANDO A TRADIÇÃO ORAL, CONTEMPLANDO EM SUAS AÇÕES ARTES CÊNICAS, DANÇAS, CANTOS, INSTRUMENTOS MUSICAIS E A AÇÃO GRIÓ.

.04	PONTÃO DE CULTURA	PONTÃO DIRETO	TV SUPREN	04/2009	UNIÃO PLANETÁRIA	Ulisses Riedel Presidente da União Planetária SCLN 312-Bloco "B" Lj 27 CEP: 70765-520 – Brasília – DF	Brasília (DF)	31/12/09	31/08/13	N/D	N/D	PONTÃO DE COMUNICAÇÃO, CONVIVÊNCIA E PAZ ENVOLVENDO A ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E VEICULAÇÃO DE SUA TV SUPREN COM A DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO DE PRÁTICAS CULTURAIS LIGADAS AOS OBJETIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO DA ONU. DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES E ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DE AGENTES DE COMUNICAÇÃO E CULTURA DA PAZ PARA DIFERENTES REGIÕES BRASILEIRAS, ATENDENDO A PELO MENOS 10 PONTOS OU PONTÕES DE CULTURA, 5 PONTOS DE MÍDIA LIVRE, 25 INSTITUIÇÕES DE CULTURA E COMUNICAÇÃO E A FORMAÇÃO DE 150 JOVENS MONITORES CULTURAIS DE CIDADANIA E CULTURA DA PAZ. ARTICULAÇÃO DE REDE FORMADA A PARTIR DAS INSTITUIÇÕES E ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS COMO BASE PARA A PRODUÇÃO DE PROGRAMA TELEVISIVO DIÁRIO, CUJO CONTEÚDO DE MATÉRIAS SERÁ PRODUZIDO E ENVIADO PELOS PONTOS, PONTÕES E PONTINHOS DE CULTURAS E PONTOS DE MÍDIAS LIVRES, E SERÃO VEICULADOS INICIALMENTE ATRAVÉS DA TV SUPREN EM SEUS ESPAÇOS DE VEICULAÇÃO NACIONAL.
.05	PONTÃO DE CULTURA	PONTÃO DIRETO	TV EM MOVIMENTO-ESCOLA DE MÍDIA COMUNITÁRIA	04/2009	ASSOCIAÇÃO DAS ENTIDADES USUÁRIAS DE CANAL COMUNITÁRIO DO DISTRITO FEDERAL-TV CIDADE LIVRE	SIG Quadra 03, bloco B, nº 46- sobreloja, edifício Bernado Monte Verde	Brasília (DF)	31/12/09	31/12/12	N/D	N/D	DAR CAPACITAÇÃO, ATRAVÉS DA ESCOLA DE MÍDIA COMUNITÁRIA, A JOVENS MEMBROS DE PONTOS DE CULTURA E DE OUTRAS ONGS, ARTISTAS E EDUCADORES DO DISTRITO FEDERAL PARA QUE SEJAM COMUNICADORES SOCIAIS.
.06	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	VOZ PARA A COMUNIDADE DA FLORESTA	01/2004	GRUPO DE TRABALHO AMAZÔNICO – GTA	SHCN 116 BLOCO F SALA 01 - ASA NORTE - BRASÍLIA/DF CEP: 70.773-500 FONE: (61) 3037-2285	Brasília (DF)	05/07/05	14/02/08	N/D	N/D	A REDE GTA E UM MOVIMENTO EMBASADO NA DIVERSIDADE CULTURAL, COM COLETIVOS REGIONAIS FORMADOS POR POPULACOES TRADICIONAIS, INDIGENAS, RURAIS E ENTIDADES AMBIENTALISTAS, DE APOIO TECNICO, DE COMUNICACAO COMUNITARIA E DE DIREITOS HUMANOS.O PONTO DE CULT. VOZES DA FLORESTA E UM PASSO NO SENTIDO DE AMPLIAR O REGISTRO E A DISSEMINACAO DESSE PATRIMONIO

.07	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	CENTRO DE CULTURA DA REFORMA AGRÁRIA E CIDADANIA DO CENTOR FRANCISCO JULIÃO - OLINDA-PE	01/2004	ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA-ANCA	SETOR COMERCIAL SUL QUADRA 06 EDIFÍCIO ARNALDO VILIARES, SALAS 211/212, BRASÍLIA-DF. CEP: 70306-000.	Brasília (DF)	30/12/04	24/02/09	N/D	N/D	CRIAÇÃO DE ESPAÇO CULTURAL QUE SIRVA PARA INTEGRAÇÃO DA CULTURA CAMPONESA COM A CULTURA URBANA, REALIZAÇÃO DE EVENTOS CULTURAIS E ESPAÇO DE PRODUÇÃO DA EXPRESSÃO CULTURAL
.08	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE COOPERAÇÃO AGRÍCOLA-ANCA	01/2004	VALORIZAÇÃO E CONHECIMENTO DA CULTURA NO MEIO RURAL	SCS QUADRA 06 EDIFÍCIO ARNALDO VILARES, SALA 211/213, BRASÍLIA-DF. CEP: 70306-000. RESPONSÁVEL LEGAL: **. TELEFONE: **. EMAIL: **	Brasília (DF)	30/12/04	24/08/07	N/D	N/D	ATENDER ASSENTADOS EM ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA, BENEFICIANDO 160 FAMÍLIAS, ATRAVÉS DE OFICINAS DE CAPOEIRA, MÚSICA, TEATRO DO OPRIMIDO E ESCULTURA EM MADEIRA, ALÉM DA REALIZAÇÃO DE UM ENCONTRO ESTADUAL DE CULTURA E A IMPLANTAÇÃO DE UMA SALA DE AULA, AO LONGO DO PERÍODO DE 2004 A 2006
.09	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	CULTURA VIVA TIMBIRA	03/2005	CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA	SCLN 210 BLOCO C SALAS 217/218 - BRASÍLIA/DF CEP: 70.862-530 RESPONSÁVEL: MARIA AUXILIADORA CRUZ DE SÁ LEÃO	BRASÍLIA (DF)	29/12/05	20/03/12	N/D	N/D	APRIMORAR OS PROCEDIMENTOS DE REGISTRO SONORO E VISUAL PARA A TRANSMISSÃO E INTERCÂMBIO DOS ACERVOS MUSICAIS E RITUAIS DOS POVOS DE SETE COMUNIDADES.
.10	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	GRUPO DE TEATRO MAMULENGO PRESEPADÁ	01/2004	GRUPO DE TEATRO MAMULENGO PRESEPADÁ INVENÇÃO BRASILEIRA	QSB 13, ÁREA ESPECIAL MERCADO SUL, BLOCO B, LOJA 05, TAGUATINGA SUL	BRASÍLIA (DF)	26/04/05	02/12/08	N/D	N/D	O PONTO DE CULTURA INVENÇÃO BRASILEIRA DESENVOLVE ATIVIDADES ARTÍSTICAS EDUCATIVAS QUE BUSCAM ESTABELECEER RELAÇÕES CONSTRUTIVAS ENTRE OS INDIVÍDUOS E O MEIO CIRCUNDANTE, COMPREENDENDO A CULTURA POPULAR COMO PARTE INTEGRANTE DA CONSTRUÇÃO DE UM NOVO SABER FUNDAMENTAL QUE SE TRANSFORMA EM FERRAMENTA DE GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA
.11	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	PONTO DE CULTURA COOPERATIVA BRASILENSE DE TEATRO	03/2005	COOPERATIVA BRASILENSE DE TEATRO	HIGS 709, bloco J, casa 55 Asa Sul	BRASÍLIA (DF)	28/12/05	24/03/12	N/D	N/D	REALIZAR OFICINAS DE APERFEIÇOAMENTO PARA OS COOPERADOS/MULTIPLICADORES E ARTISTAS LOCAIS, PROMOVENDO MAIOR INTEGRAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE ACADÊMICA UNIVERSITÁRIA E A COMUNIDADE EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL.

.12	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	ATITUDE JOVEM	01/2004	ORGANIZAÇÃO ATITUDE	QNM 21 CONJUNTO B CASA 20 - CEILÂNDIA SUL	BRASÍLIA (DF)	13/04/05	02/06/09	N/D	N/D	INCENTIVAR O PROTAGONISMO JUVENIL ENTRE OS JOVENS DA CEILANDIA EM SITUAÇÃO DE RISCO SOCIAL E/OU PESSOAL, CONSCIENTIZANDO-OS DE SUA IMPORTANCIA COMO SUJEITOS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, POR MEIO DA PROMOÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS E ARTISTICAS
.13	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	ESPAÇO CULTURAL 100 DIMENSÃO	01/2004	COOPERATIVA SELETIVA E RECICLAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS COM FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	QN 16, CJ. 05, LOTE 02 - RIACHO FUNDO II	BRASÍLIA (DF)	22/11/05	06/06/08	N/D	N/D	A COOPERATIVA 100 DIMENSÃO EM PARCERIA COM O SINDUSCON-DF E A EMBAIXADA BRITÂNICA CONSTRUIU SUA NOVA SEDE, O PRÉDIO TEM ESPAÇO PARA ACOMODAR 500 PESSOAS SENTADAS, SENDO APROPRIADO PARA A INSTALAÇÃO DO PORTO DE CULTURA DE ACORDO COM AS EXIGENCIAS DO EDITAL.
.14	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	PONTO DE CULTURA O MENINO DE CEILÂNDIA	03/2005	GRUPO DE TEATRO MAMULENGO UNIVERSO SÃO SARUE	QNM 03, CJ. M, LOTE 28, CEILÂNDIA SUL	BRASÍLIA (DF)	27/12/05	27/02/10	N/D	N/D	PROMOÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA CULTURA POPULAR, PARA JOVENS E COMUNIDADE.
.15	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	PONTO DE CULTURA DO VARJÃO	S/N	ASSOCIAÇÃO OLHOS D'AGUA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL	QUADRA 08, CJ. B, LOJA 27	BRASÍLIA (DF)	21/12/04	31/12/06	N/D	N/D	CAPACITAR MORADORES DO VARJAO E DO PARANOIA MEDIANTE A REALIZAÇÃO DE OFICINAS DE MUSICA, DESENHO, VIDEO/SOM E INFORMÁTICA COM BASE NO PROGRAMA CULTURA VIVA.
.16	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	PONTO DE CULTURA CIA ARTCUM	03/2005	ACCA - ASSOCIAÇÃO CULTURAL CIA ARTCUM	EQNM 36/38, BLOCO F, LOJA 05, TAGUATINGA	BRASÍLIA (DF)	28/12/05	10/06/11	N/D	N/D	PROMOVER A INSERÇÃO SOCIAL, BENEFICIANDO A COMUNIDADE COM APRESENTAÇÃO E ESPETÁCULOS E SEMINÁRIOS ELEVANDO A AUTO-ESTIMA DOS CIDADÃOS.
.17	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	ESTÚDIO DE TECNOLOGIAS CÊNICAS	03/2005	NÚCLEO DE ARTE E CULTURA – NAC	Casa d'Itália –EQS 208/209 Lote A CEP: 70254-400 – Brasília – DF nac@nac.org.br; 3443-0606	BRASÍLIA (DF)	13/12/07	28/06/12	N/D	N/D	A CARÊNCIA DE TÉCNICOS DE CENA, EM TODO O BRASIL, ENCARECE A MONTAGEM DE ESPETÁCULOS, A REALIZAÇÃO DE FILMES E EVENTOS DAS MAIS DIVERSAS ORDENS, PELO DESLOCAMENTO DESSES TÉCNICOS, ÀS VEZES CONTRATADOS NO EXTERIOR.

.18	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	REDE DE AÇÃO CULTURAL GAMA	03/2005	VOAR ARTE PARA INFÂNCIA E JUVENTUDE	QUADRA 1 CONJ. G N° 102, SETOR NORTE / NOVO:CENTRO DE ENSINO MÉDIO 01 – QD 04, CONJ. A, ÁREA ESPECIAL 02, PARANOÁ/DF	BRASÍLIA (DF)	01/12/06	07/08/09	N/D	N/D	IMPLANTAR O PONTO DE CULTURA REDE DE AÇÃO DO GAMA, COMO OBJETIVO DE PROMOVER A INCLUSÃO SOCIAL PELA ARTE, OFERECENDO OFICINAS E ESPETÁCULOS GRATUITOS PARA A POPULAÇÃO, ESPECIALMENTE A JUVENTUDE, AMPLIANDO O ACESSO AOS BENS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL, LEVANDO INFORMAÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE, CIDADANIA E PRESERVAÇÃO DOS BENS PÚBLICOS.
.19	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	NOVO MUNDO, NOVOS OLHARES, NOVOS SABERES	03/2005	ASSOCIAÇÃO CULTURAL FAÍSCA	SDS EDF. MIGUEL BADIA, SALA 410 QNA 39 CASA 6	BRASÍLIA (DF)	20/12/07	03/12/12	N/D	N/D	O PONTO DE CULTURA NOVO MUNDO, NOVOS OLHARES, NOVOS SABERES, TEM FOCO NA DEMOCRATIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA PRODUÇÃO DA IMAGEM COMO AÇÃO TRANSFORMADORA DA REALIDADE SOCIAL, CENTRAL E ESTRATÉGICA.
.20	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	COMUNIDADE NA BIBLIOTECA T-BONE	03/2005	PROJETOS CULTURAIS T-BONE	SCRN 312 BLOCO B LOJA27	BRASÍLIA (DF)	30/12/05	29/05/12	N/D	N/D	O PROJETO VISA DEMOCRATIZAR O ACESSO AOS LIVROS E INCENTIVAR O ATO DE LER E ESCREVER.
.21	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	CULTURA POPULAR NA CIDADE	03/2005	ASSOCIAÇÃO DE RADIODIFUSÃO E JORNALISMO COMUNITÁRIO POPULAR DE SAMAMBAIA	QN 510, CJ. 02, SALA 101, LOTE 03	BRASÍLIA (DF)	30/12/05	25/10/08	N/D	N/D	PROMOVER A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA GRAVAÇÃO DE 20 CD'S.
.22	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	CORAL DE 100 VOZES	03/2005	IC - INSTITUTO CERRADO	CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO- UNB- ED. MULTIUSO 1, GLEBA A- CX POSTAL 4506, ASA NORTE- MANDAR PARA CRISTALINA	BRASÍLIA (DF)	16/11/06	13/05/09	N/D	N/D	FORMAÇÃO E MANUTENÇÃO DE UM CORAL COM 100 PESSOAS DE TODAS AS IDADES, CUJO OBJETIVO PRINCIPAL É A INSERÇÃO MUSICAL E CULTURA.
.23	PONTO DE CULTURA	PONTO DIRETO	PONTO DE CULTURA CIRCO BONECO E RISO	03/2005	COOPERATIVA BRASILENSE DE TEATRO	SHCGN CLR 715 BLOCO G LOJA 49	BRASÍLIA (DF)	28/12/05	24/01/12	N/D	N/D	POTENCIALIZAR AS AÇÕES DO CIRCO BONECO E RISO QUE A MAIS DE DEZ ANOS MANTÉM UM CONSTANTE TRABALHO DE INSERÇÃO SOCIAL.
.24	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Galpão do Riso	Edital da Rede Estadual	Grupo Olímpo Investigação de Técnicas Teatrais	QR 407 - Conjunto 12 - Casa 23 - Samambaia Norte CEP: 72321-012 Telefone: (61)9658 3110 ou 9958 8885 Email: joaoportodias@yahoo.com.br	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Circo teatro	Oficinas de arte cênicas, técnicas circenses.	Área Cultural de Atuação do Ponto: Circo teatro Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficinas de arte cênicas, técnicas circenses. Público Alvo do Ponto: Jovens e adultos.

.25	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Ferrock	Edital da Rede Estadual	Centro Cultural Ferrock	QNP 24 - Conjunto C - lote 11 - Setor P Sul - Ceilândia CEP: 72235-403 Telefone: (61)9127 82 90 Email: centroculturalferrock@gmail.com	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Musica, Dança , audio visual e artesanto	Oficinas de capoeira, de maculele, brak dance, dança afro,informatica sem exclusão, softwre livre,técnico de sonorização, técnico de iluminação,passaros em argila.	Área Cultural de Atuação do Ponto: Musica, Dança , audio visual e artesanto Atividades Desenvolvidas no Ponto:Oficinas de capoeira, de maculele, brak dance, dança afro,informatica sem exclusão, softwre livre,técnico de sonorização, técnico de iluminação,passaros em argila. Público Alvo do Ponto:Todos os públicos moradores da região administrativa da Ceilândia
.26	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Cinema Céu Aberto	Edital da Rede Estadual	Tantri Arte e Cultura	CLN 412 - Bloco C - Sala 206 CEP: 71680-360Telefone: (61)3427-2546Email: villalobosproducoes@gmail.com	BRASÍLIA (DF)	05/07/10	05/07/13	Mostras e oficinas de cinema e video	Oficinas de cinema a céu aberto, Mostras de cinema	Área Cultural de Atuação do Ponto: Mostras e oficinas de cinema e vídeoAtividades Desenvolvidas no Ponto:Oficinas de cinema a céu aberto, Mostras de cinema Público Alvo do Ponto:Jovens e adultos na faxetaria de 15 a 65 anos de baixa renda e situação de risco.
.27	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Mamãe Tagua	Edital da Rede Estadual	Centro de Cultura Mamãe Tagua	QN 14 b Conj.4 Casa 4 - Riacho Fundo II CEP: 71881-124 Telefone: (61)3334-2409 Email: simasses@ig.com.br	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Cultura popular	44 oficinas circenses, plástica, vídeo, e cenicás	Área Cultural de Atuação do Ponto: Cultura popular Atividades Desenvolvidas no Ponto:44 oficinas circenses, plástica, vídeo, e cenicás Público Alvo do Ponto:Público na faixa etaria entre 7 a 65 anos moradores das regiões administrativas Taguatinga, Ceilândia e Recanto das Emas.
.28	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Oceano Nox	Edital da Rede Estadual	Grupo de Teatro Oceano Nox	CNC 03 Lote 15 Sala 102 Parte A - Taguatinga CEP: 72115-535 Telefone: (61)8180 8080 Email: celeirodasantas@gmail.com	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Artes Cênicas	Realização de ofinincinas cênicas e apresentações	Área Cultural de Atuação do Ponto: Artes Cênicas Atividades Desenvolvidas no Ponto:Realização de ofinincinas cênicas e apresentações Público Alvo do Ponto:Todos os Públicos, principalmente crianças e adolescentes

.29	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Cláudio Santoro	Edital da Rede Estadual	Associação Cultural Cláudio Santoro	SEPN Qd. 509 BL. D Loja 5 Edifício Isis CEP: 05409-003 Telefone: (61)3201-1401 Email: djraffasantoro@gmail.com	BRASÍLIA (DF)	05/07/10	05/07/13	Áudio-Visual	Oficinas de introdução a informática, áudio, audiovisual, música, arte finalista,	Área Cultural de Atuação do Ponto: Áudio-Visual Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficinas de introdução a informática, áudio, audiovisual, música, arte finalista, Público Alvo do Ponto: Jovens de 15 a 28 em situação de vulnerabilidade social, populações de baixa renda, comunidades descendentes, estudantes da rede pública de ensino médio, em conflito com a lei e deficientes
.30	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Mediateca Organização para Inclusão Social e Digital	Edital da Rede Estadual	Mediateca Organização para Inclusão Social e Digital	SGAS 601 - Módulos 3 e 4 - Segundo Andar - Sala 201 - ED. Centro Social Providência CEP: 70200-610 Telefone: (61)8163 3360 Email: eduardopenna@mediateca.org.br	BRASÍLIA (DF)	05/07/10	05/07/13	Inclusão digital	N/D	Área Cultural de Atuação do Ponto: Inclusão digital Atividades Desenvolvidas no Ponto: Público Alvo do Ponto: Jovens de 10 a 19 anos
.31	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Garatuja	Edital da Rede Estadual	Associação Assistência, Cultura e Educação Humana - ACEHU	SRTN QD. 702 Ed. Brasília Rádio Center, 1º andar, sala 1036 CEP: 70719-900 Telefone: (61)3543-6736/3226-6856 Email: danpcouto@hotmail.com	BRASÍLIA (DF)	05/07/10	05/07/13	Dança e reforço escolar	Oficinas de dança contemporânea e criativa, Reforço escolar e espetáculo	Área Cultural de Atuação do Ponto: Dança e reforço escolar Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficinas de dança contemporânea e criativa, Reforço escolar e espetáculo Público Alvo do Ponto: Meninas de 9 a 14 anos
.32	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Seu Estrelo	Edital da Rede Estadual	Associação Cultural Acesã	SGAS 910 – Ed. Mix Park Sul – Bloco D – Sala 208 CEP: 70200-300 Telefone: (61)8556 4362 ou 3522 8884 Email: steffanieoliveira@gmail.com	BRASÍLIA (DF)	05/07/10	05/07/13	poesia, música, teatro de bonecos	Oficina de Percussão, dança, confecção de adereços e multimídia.	Área Cultural de Atuação do Ponto: poesia, música, teatro de bonecos Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficina de Percussão, dança, confecção de adereços e multimídia. Público Alvo do Ponto: Todos os públicos na faxeteria de 7 a 65 anos Comunidade da Vila Telebrasilândia
.33	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Athos Bulcão	Edital da Rede Estadual	Fundação Athos Bulcão	CLN 208 Bl. D Entrada 49 sala 11 CEP: 70853-540 Telefone: (61) 3322-7801 Email: fundathos@fundathos.org.br	BRASÍLIA (DF)	23/07/10	23/07/13	Artes Visuais e Cursos	Cursos de capacitação da vida e obra de Athos Bulcão, exposições e palestras em seminário	Área Cultural de Atuação do Ponto: Artes Visuais e Cursos Atividades Desenvolvidas no Ponto: Cursos de capacitação da vida e obra de Athos Bulcão, exposições e palestras em seminário Público Alvo do Ponto: Escolas do Ensino Fundamental da Rede Oficial do DF

.34	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Tribo das Artes	Edital da Rede Estadual	Associação Cultural Tribo das Artes	QNH 04 Casa 08 - Taguatinga CEP: 72130-540 Telefone: (61)8164 6943 Email: jorgefloresta@gmail.com	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Artes cênica , visuais e audiovisual	Oficina de vídeo documentário, fotografia, interpretação cênica de pesia, teatro do oprimido, software livre, xilogravura e espetáculos pético-musicais, exibição de filmes	Área Cultural de Atuação do Ponto: Artes cênica , visuais e audiovisual Atividades Desenvolvidas no Ponto:Oficina de vídeo documentário, fotografia, interpretação cênica de pesia, teatro do oprimido, software livre, xilogravura e espetáculos pético-musicais, exibição de filmes Público Alvo do Ponto:Público na faxetaria de 7 a 40 anos das cidades de Taguatinga. Samambaia e Riacho Fundo
.35	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Resgate da Vida	Edital da Rede Estadual	Resgate da Vida	Qd. Conj. C Nº4 - Paranoá CEP: 71571-603 Telefone: (61)8411 7256 Email: grupoaba@ig.com.br	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Teatro e áudio-visual	Oficinas de teatro, camara e edição e dança.	Área Cultural de Atuação do Ponto: Teatro e áudio-visual Atividades Desenvolvidas no Ponto:Oficinas de teatro, camara e edição e dança. Público Alvo do Ponto:Adolescentes, principalmente alunos da rede pública na faxetaria de 15 a 28 anos
.36	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Arthéria	Edital da Rede Estadual	Associaçõ Arthéria - Cultura e Cidadania	SCLN 303 - BL.C - Sala 104 CEP: 70530-050 Telefone: (61)3963-0660 Email:	BRASÍLIA (DF)	05/07/10	05/07/13	Portal de notícias, proposição de políticas públicas	Constituição de um portal, conexão dos pontos de cultura, e seminário.	Área Cultural de Atuação do Ponto: Portal de notícias, proposição de políticas públicas Atividades Desenvolvidas no Ponto:Constituição de um portal, conexão dos pontos de cultura, e seminário. Público Alvo do Ponto:estudantes da rede pública ensino médio, adolescente, jovens e adultos de vulnerabilidade socia, habitantes de localidaes com grande importância e preservação pra o patrimnio historico cultural e ambiental , populações de baixa renda , sindicatos dos trabalhadores , GLBT e gestores culturais, movimento cultural na faxetaria de 15 a 65 anos
.37	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Congo Nya	Edital da Rede Estadual	Instituto Cultural Congo Nya - ICCN	Q. 104 - Conjunto 09 - Lote 07 - Setor Oeste - São Sebastião CEP: 71629-345 Telefone: (61)8579 8582 ou 3353 7151 Email: congonya_iccn@yahoo.com.br	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Cultura afro-brasileira	oficinas de informatica, teatro, dnaça e percussão, costura, dança e gravação	Área Cultural de Atuação do Ponto: Cultura afro-brasileira Atividades Desenvolvidas no Ponto:oficinas de informatica, teatro, dnaça e percussão, costura, dança e gravação Público Alvo do Ponto:Crianças e jovens com faixa etaria entre 07 e 28 anos pertencentes a rede pública moradores da região administrativa de São Sebastião -DF e adultos até 65 anos da mesma cidade

.38	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Coletivo Gente Brasil	Edital da Rede Estadual	Coletivo Gente Brasil	CSB 04 Lt. 07/907 - Taguatinga Norte CEP: Telefone: (61)8132 4902 Email: gentebrasilradio@gmail.com	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Teatro, cinema e TV	Mapear atividades culturais das regiões que serão atendidas, programas de rádio, apresentações teatrais, documentários e encontro com artistas	Área Cultural de Atuação do Ponto: Teatro, cinema e TV Atividades Desenvolvidas no Ponto: Mapear atividades culturais das regiões que serão atendidas, programas de rádio, apresentações teatrais, documentários e encontro com artistas Público Alvo do Ponto: Público da faxeteria de 7 a 65 anos das regiões administrativas do Gama, Taguatinga, Recanto das Emas, Samabaia, Núcleo Bandeirante e Ceilândia
.39	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Educação em Foco	Edital da Rede Estadual	Educação em Foco	SBS Qd. 01 BL. K Ed. Seguradoras Sala 1213 12º andar CEP: 70093-900 Telefone: (61)3224-0299 Email: paduabsb@gmail.com	BRASÍLIA (DF)	05/07/10	05/07/13	Audiovisual, artes visuais e monicação popular	Oficinas de web rádio, fotografia, audiovisual, comunicação comunitária e palestras	Área Cultural de Atuação do Ponto: Audiovisual, artes visuais e monicação popular Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficinas de web rádio, fotografia, audiovisual, comunicação comunitária e palestras Público Alvo do Ponto: comunidades carentes e escolas públicas na faxeteria de de 7 a 65 anos da região administrativa de Ceilândia
.40	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Mapati	Edital da Rede Estadual	Associação Artística Mapati	SHCGN 707 - Bloco k - Casa 13 Parte A Asa Norte CEP: 70000-000 Telefone: (61)3347 3920 Email: mapati@mapati.com.br	BRASÍLIA (DF)	05/07/10	05/07/13	Artes cênicas, dança e audiovisual	Oficinas de arte cênicas, break, audiovisual, iluminação, sonorização	Área Cultural de Atuação do Ponto: Artes cênicas, dança e audiovisual Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficinas de arte cênicas, break, audiovisual, iluminação, sonorização Público Alvo do Ponto: Público da faixa etária de 6 a 65 anos das regiões administrativas Brasília (Asa Norte), Estrutural e Santa Maria
.41	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Ludocriarte	Edital da Rede Estadual	Associação Ludocriarte	SQS 103 - Conjunto 05 casa 01 - São Sebastião CEP: 71692-200 Telefone: Email: ludopaolo@gmail.com	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Literatura e produção de textos	Oficinas de criação de histórias na Ludocriarte e nas escolas públicas ,colher e orgaizar depoimentos e histórias de São Sebastião, oficina de organização e ilustração de textos coletados, apresentações, publicação livro e DVD	Área Cultural de Atuação do Ponto: Literatura e produção de textos Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficinas de criação de histórias na Ludocriarte e nas escolas públicas ,colher e orgaizar depoimentos e histórias de São Sebastião, oficina de organização e ilustração de textos coletados, apresentações, publicação livro e DVD Público Alvo do Ponto: crianças e adolescentes faxeteria de 7 a 17 anos moradores da região administrativa de São Sebastião

.42	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Tamnoá	Edital da Rede Estadual	Associação Cultural e Ambiental Tamnoá	Q. 30 - conjunto A - Casa 26 - Paranoá CEP: 71573-021 Telefone: (61)9218 7017 Email: foliveira30@hotmail.com	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Cultura popular	Oficinas de dança e percussão	Área Cultural de Atuação do Ponto: Cultura popular Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficinas de dança e percussão Público Alvo do Ponto: crianças, jovens, adultos e idosos das cidades de Paranoá e Itapoá
.43	PONTO DE CULTURA	PONTO DE REDE ESTADUAL	Grupo Vídeo Averso	Edital da Rede Estadual	Grupo Vídeo Averso	EQNP 7/11- Chácara Adan, 92 - Lote 07 - Loja 01 - Condomínio Sol - Ceilândia CEP: 72220-000 Telefone: 8418 1369 Email: Kim.alencar@gmail.com	Brasília (DF)	05/07/10	05/07/13	Áudio-visual	Oficinas de vídeo e videoteca, software livre, espetáculos e cineclub.	Área Cultural de Atuação do Ponto: Áudio-visual Atividades Desenvolvidas no Ponto: Oficinas de vídeo e videoteca, software livre, espetáculos e cineclub. Público Alvo do Ponto: Jovens e adolescentes de Ceilândia, Estrutural e Samambaia

Anexo B – Informação levantada pela ONG Artéria, Cultura e Cidadania

Ponto de Cultura	Categoria	Endereço	Principais Atividades	Oficinas/ Cursos	Parcerias dentro da Comunidade	Parcerias fora da comunidade	Dificuldades enfrentadas
Associação Ludocriarte	Cultura Popular	Quadra 103, Conjunto 05, Casa 01 - São Sebastião/DF	Oficinas de contação de histórias, produção de livros com histórias elaboradas pelas crianças, jogos, brinquedos e brincadeiras populares, oficinas de infância, oficinas artístico-culturais	Artes plásticas, audiovisual, capoeira, cenografia, contação de histórias, dança, Hip Hop, inclusão digital, Informática, jogos teatrais, literatura, musicalização (noções nas aulas de dança), redação e reforço escolar.	Escola Classe 104, Centro de Ensino Médio São Francisco, Centro de Ensino Médio 01 (CEM 01), CEF São Paulo, Biblioteca do Bosque, Ponto de Cultura Congo Nya, Fórum das Entidades Sociais de São Sebastião.	Rede dos Pontos de Cultura do Distrito Federal	Estrutura física da sede, financiamento, apoio da iniciativa privada, custo de manutenção, parcerias públicas para manutenção, burocracia, apoio das Admin. Regionais, patrocínios e reconhecimento
Associação, Assistência, Cultura e Educação Humana (ACEHU) - Ponto de Cultura Projeto Garatuja	Dança e Reforço Escolar	Projeto Garatuja - Centro de Ensino Infantil 01 de São Sebastião/ DF e ACEHU - SRTVN, Quadra 702, Conjunto P, Sala 1036, Asa Norte - Brasília/DF	Oficinas de dança criativa, dança contemporânea para adolescentes, balé clássico e reforço escolar	Artesanato, Dança (duas modalidades), interpretação de textos, literatura, musicalização (noções nas aulas de dança), redação e reforço escolar.	Adm. Regional de São Sebastião, Centro de Educação Infantil 01 de São Sebastião, Centro Olímpico de São Sebastião e Casa da Dona Elisa em São Sebastião (em frente a Promovida).	Academia PRAVIVER - Lago Norte, Instituto Ekloos, Empresa de Ônibus Alfa Luz, amigos do Projeto Garatuja (Pessoas Físicas) e Gisele Santoro (filha).	Dificuldades relativas à estrutura física da sede, pessoal "material humano", custo de manutenção e burocracia.
Ponto de Cultura TAMNOÁ	Cultura Popular	Quadra 30, Conjunto A, Casa 26 - Paranoá/DF	Oficinas de percussão e dança (maracatu, coco, ciranda).	Construção de instrumentos musicais e música.	CEF Darcy Ribeiro, Instituto Educacional São Judas Tadeu, amigos, familiares, Raízes Africanas.	Espaço Cultural Renato Russo, Congo Nya, Assoc dos Oficineiros de Itapoã, Horta Comunitária de	Estrutura física da sede, financiamento, apoio da iniciativa privada, burocracia e reconhecimento.
Ponto e Centro de Cultura Mamãe Taguá	Cultura Popular, Teatro, Audiovisual/ Comunicação, Artesanato e Realização	CNB 14, Lote 04, Loja 07 - Taguatinga/DF / QN 14, Conjunto 04, Casa 04 - Riacho Fundo II/DF / Chácara 91, Conjunto B, Lotes 10 e	Oficinas de arte e produção de eventos	Artesanato, artes plásticas, audiovisual, capoeira, circo, construção de bonecos gigantes, construção de instrumentos musicais, contação de histórias, dança,	CEMEIT, Escola Classe do "P" Norte, 306 do Recanto das Emas, Praças Públicas, Administrações Regionais de Taguatinga e Ceilândia, Associação de Moradores do "P"	Não	Dificuldades relativas à estrutura física da sede, financiamento, pessoas mal intencionadas, arrombamentos e roubos, resistência dos pais, alimentação dos participantes, burocracia, interesse político,
Associação Artística e Ponto de Cultura MAPATI	Hip Hop, Teatro, Audiovisual/ Comunicação, Realização e Música	SHCGN 707, Bloco "K", número 05 (próximo ao UniCeub), Brasília/DF	Educação teatral de repertório próprio e institucional. Trabalhamos também com formação artística.	Artes plásticas, audiovisual, Break, cenografia, circo, contação de histórias, dança, estúdio digital, figurino, jogos teatrais, música, pintura, teatro.	Teatro Mapati na Asa Norte	Escola 102 da Estrutural e Administrações Regionais de Santa Maria e Estrutural.	Dificuldades relativas à estrutura física da sede, público, produtores, divulgação, financiamento, "material humano", apoio da iniciativa privada, custo de manutenção, arrombamentos e roubos, reconhecimento,
Ponto de Cultura Galpão do Riso - Incubadora de Palhaços	Teatro	QR 403/405, Área Especial - Samambaia / DF	Pesquisa, ensino e difusão artística com foco na linguagem do teatro, circo, palhaço e música teatral. Realiza treino e trabalhos em busca da preparação do ator e seu ofício.	Circo, jogos teatrais, máscara, teatro, e clown/palhaço	Biblioteca Comunitária de Samambaia, Espaço Imginário Cultural, Gerência Regional de Cultura	Espaço Cultural Renato Russo, Universidade de Brasília (UnB) e Lume Teatro	Apoio da iniciativa privada, burocracia, interesse político e patrocínio.
Ponto de Cultura Giz no Teatro em Rede de Cultura	Hip Hop, Teatro, Audiovisual/ Comunicação, Artesanato e Música	Escola Classe 04 do Paranoá - QS 14, Área Especial - Paranoá/DF e QS 09, Conjunto E, Casa 13 - Paranoá/DF	Teatro, Karatê, futebol, capoeira, artesanato e audiovisual.	Artesanato, audiovisual, capoeira, cenografia, dança, educação ambiental, esportes, Hip Hop, inclusão digital, interpretação de textos, jogos teatrais, música, teatro, violão, xadrez.	Escola Classe 04 do Paranoá, Bibliotecas Públicas do Paranoá Ponto de Cultura TAMNOÁ, Admin. Regional do Paranoá, Assoc. de Moradores, Telecentro DF Digital e instituições locais como Lixo Mania e Liga Desportiva do Paranoá	Gismo Asa Norte e Confederação Brasileira de Karatê Protecto	Dificuldades relativas à estrutura física da sede, apoio da iniciativa privada, custo de manutenção, parcerias públicas para a manutenção, patrocínio, burocracia, apoio das Administrações Regionais, transporte e outros.
Ponto de Cultura Ação Periferia	Audiovisual/ Comunicação	QNN 16, Módulo A (COSE), Ceilândia/DF	Cine Periferia Especial: uma mostra de vídeos produzidos pelos alunos, ao fim de cada módulo.	Audiovisual, gestão de telecentro, rádio e cidadania comunitária	COSE e Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (Sedest)	Não	Estrutura física da sede, pessoal "material humano", apoio da iniciativa privada, reconhecimento e burocracia
Associação Cultural Cláudio Santoro - Ponto de Cultura Caminhos Audiovisuais	Hip Hop, Audiovisual/ Comunicação e Música	SEPN 509, Bloco D, Loja 05 - ED. Isis Brasília/ DF	Audiovisual e Hip Hop	Audiovisual e inclusão digital	Bibliotecas, Central Única das Favelas do Distrito Federal (CUFA/DF) e FTB	Bibliotecas, CUFA/DF, FTB e Grupo Azulin	Dificuldades relativas à estrutura física da sede, financiamento, alimentação dos participantes, patrocínio e transporte

Ponto de Cultura Tribo das Artes	Cultura Popular	CSB 13, Bloco B, Loja 01 - Samdu Sul - Taguatinga/DF	Oficinas culturais de percussão, objetos artesanais, recursos financeiros para cultura, artes plásticas, vídeo, fotografia e teatro.	Artes plásticas, audiovisual, contação de histórias, fotografia, inclusão digital, interpretação de textos, jogos teatrais, literatura de cordel, música, reciclagem, teatro, teatro de bonecos e tecnologia cênica.	Escolas públicas, teatros, outros pontos culturais e Administração Regional	Escolas públicas, teatros, bibliotecas e outros pontos culturais	Estrutura física da sede, financiamento, apoio da iniciativa privada, custo de manutenção, parcerias públicas para a manutenção, patrocínio e apoio das Administrações Regionais
Ponto de Cultura e Instituto Cultural Congo Nya (ICCN)	Hip Hop, Cultura Popular, Audiovisual/Comunicação, Artesanato, Realização e Música	Quadra 104, Conjunto 09, Lote 07 - São Sebastião/DF	Desfile de Moda Afro com jovens da rede pública de ensino, cursos de percussão, informática, corte e costura, música, dança afro, seminários, palestras	Dança, estúdio digital, figurino, Música, reciclagem, violão, audiovisual, informática, construção de instrumentos e inclusão digital.	Centro de Ensino Médio 01 de São Sebastião, Cerâmica São Paulo, Fundamental Paraíso, Fórum de Entidades Soci. de São Sebastião, rede interestadual	Comércio local e outros pontos culturais	Estrutura física da sede, financiamento, "material humano", custo de manutenção, burocracia, preconceito, apoio da iniciativa privada.
Associação Cultural Avesso / Associação Cultural e Ambiental Voz Nascente - Ponto de Cultura Avessa	Hip Hop, Cultura Popular, Teatro, Audiovisual/Comunicação e Música	EPNP 7/9, Chácara 92 Lote 07 - Condomínio Sol Nascente, P Norte - Ceilândia/DF (descendo a VL 311 - ao lado da Parafix)	Cine Clube - Projeto voltado a exibição de filmes preferencialmente nacionais. Projeto Afro do Sol, no qual são realizadas discussões sobre a valorização da identidade e cultura negra.	Oficinas de artes plásticas, audiovisual, break, cenografia, dança, designer gráfico, estúdio digital, figurino, fotografia, gestão de projetos, grafite, Hip Hop, inclusão digital, informática, literatura, literatura de cordel, música, , teatro, teatro de bonecos, violão e xadrez.	Centro de Ensino Fundamental 40 e 66 do Sol Nascente, Biblioteca de Ceilândia, Admin. Regional de Ceilândia, Prefeitura do Sol Nascente e Associação Cultural e Ambiental Voz Nascente	Não	Dificuldades relativas à estrutura física da sede, financiamento, apoio da iniciativa privada, burocracia, preconceito, patrocínio e apoio das Administrações Regionais.
Tantri Arte e Cultura - Ponto de Cultura Cinema a Céu Aberto	Audiovisual / Comunicação	SCLN 215, Bloco B, Sala 114 - Asa Norte - Brasília/DF	Oficinas e mostras de cinema para adolescentes, infantil e jovem. As oficinas têm como objetivo principal a iniciação dos alunos no caminho profissional do cinema e audiovisual.	Oficinas de audiovisual e produção de eventos	Escolas públicas e comércio local.	Outros Pontos de Cultura	Dificuldades relativas a espaços adequados, alimentação dos participantes e burocracia
Espaço Cultural Renato Russo - 508 Sul - Pontão de Cultura 508 Sul	Hip Hop, Cultura Popular, Teatro, Audiovisual/Comunicação, Artesanato, Realização e Música.	CRS 508, Bloco A - Brasília/DF	Cursos e oficinas de teatro, cinema e artes visuais, exposições, espetáculos de dança, teatro, circo e música, palestras, lançamento de livros, DVDs, etc.	Temos cinco professores cedidos por meio de convênio da Rede Oficial: Teatro, cinema, gravura, desenho, pintura, arte de rua, história da arte e criatividade.	Escolas públicas e particulares, bibliotecas, teatro, comércio local, outros pontos culturais, Administração Regional, Associação de Moradores, telecentros e outros.	Escolas públicas e particulares, bibliotecas, teatro, comércio local, outros pontos culturais, Admin. Regional, Associação de Moradores, telecentros.	Dificuldades relativas a burocracia
Coletivo Gente Brasil	Realização	QE 40, Conjunto M, Lote 03/101 - Guarãtil	Apresentações teatrais em 06 localidades do DF e produção de programas de rádio com foco na cultura do DF. Execução de projetos de cultura e meio ambiente produção de rádio e vídeo.				

Grupo de Teatro Celeiro das Antas	Teatro	CNC 03, Lote 15, Sala 102, Parte A - Taguatinga/DF	Estudo, pesquisa, montagem e apresentação de peças teatrais e produção de eventos culturais. Desenvolvimento de trabalhos voltados à pesquisa e experimentação de				
Ponto de Cultura Ferrock de Canto a Canto	Realização	QNP 24, Conjunto C, Lote 11 - Setor P Sul - Ceilândia/DF	Musica, Teatro, Dança e cultura popular				

Fundathos - Fundação Athos Bulcão	Realização	CLN 208, Bloco D, Entrada 49, Sala 111 - Asa Norte - Brasília/DF	Preservar e difundir a obra do artista plástico Athos Bulcão e contribuir para a formação social,				
Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro	Cultura Popular	SES 813, Avenida das Nações, C. 3B Brasília-DF	Cultura Popular, confeção de instrumentos e figurino, oficinas de percussão				
Ponto de Cultura Mediateca	Audiovisual/Co municação	SGAS 601 s/n, Bloco 2, md 3/4 - 2º Andar - Brasília - DF	Oficina de produção de conteúdo digitais para exibição em streaming, televisão e cinema.				

Anexo C – Elaboração da matriz relacional para os Pontos de Cultura

	Sustentabilidade	Memória/identidade	Audiovisual/ Comunicação	Teatro/Circo/Boneco	Música/edição	Cultura Popular	Dança	Artes Visuais	Leitura/Escritura
Pontão Itinerante	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Rede comunitária de prod. audiov.	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Pontão Escola Viva	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Tv supren	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Tv em movimento	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Voz Comunidade da Floresta	1	1							
Reform. Agrária e Cidadania Francisco Julião		1							
Valorização e conhec. da cultura no meio rural		1		1			1		
Cultura Viva Timbira		1	1						
Mamulengo presepada				1	1	1	1		
Coop. Brasiliense de teatro				1					
Atitude jovem			1		1		1	1	
Espaço cultural 100 dimensão	1								
Menino de Ceilândia				1	1	1	1		
Varjão			1		1			1	
Cia Artcum				1	1	1		1	
Estúdio de tecnolog. cênicas				1					
Ação cultural gama	1			1					
Mundo, olhares, saberes			1						
Comunidade na biblioteca T-bone									1
Cultura popular na cidade			1			1			
Coral de 100 vozes					1				
Circo Boneco Riso				1		1			
Galpão do Riso				1					
Ferrock			1		1		1	1	
Cinema céu aberto			1						
Mamãe tagua				1	1	1			
Oceano nox				1					
Cláudio santoro					1				
Midioteca para Inclusão Social e Digital			1						
Garatuja							1		
Seu estrela				1	1	1	1		
Athos bulcão		1						1	
Tribo das Artes			1	1	1	1		1	1
Resgate da Vida			1	1					
Arthéria	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Congo nya			1	1	1	1	1	1	
Coletivo gente brasil			1	1					
Educação em Foco			1						
Mapati			1	1			1	1	
Ludocriarte		1							1
Tamnoá					1	1	1		
Grupo vídeo avesso			1						

